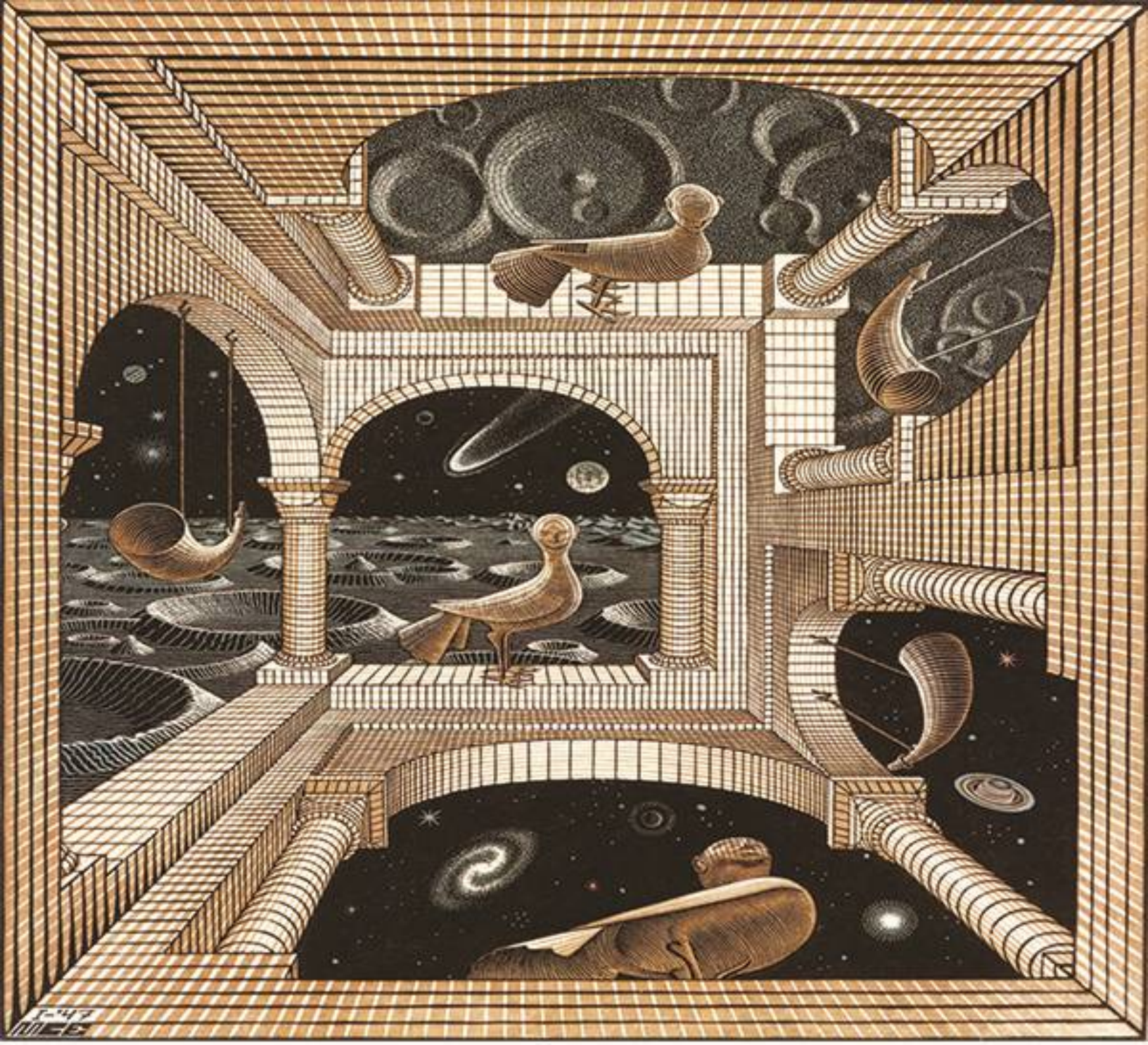


CLÁSSICOS RURIAK INK.

JORGE LUIS BORGES

O Aleph

dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by convertEPub

O ALEPH

JORGE LUIS BORGES

El Aleph

1949

Tradução de *Flávio José Cardozo*

Revisão de tradução: *Maria Carolina de Araújo* e *Leonor Acevedo de Borges*

Ilustrado com obras de *M. C. Escher*

JORGE LUIS BORGES — OBRAS COMPLETAS

VOLUME 1

1923-1949

Título do original em espanhol: Jorge Luis Borges — Obras Completas

98-3272

Copyright ©1998 by Maria Kodama Copyright ©1998 das traduções by Editora Globo S.A. 1ª Reimpressão-9/98 2ª Reimpressão-1/99 3ª Reimpressão - 12/99 Edição baseada em Jorge Luis Borges - Obras Completas, publicada por Emecé Editores S.A., 1989, Barcelona - Espanha.

Direitos mundiais em língua portuguesa, para o Brasil, cedidos à EDITORA GLOBO S.A.

Ímpressão e acabamento:

Gráfica Círculo

CÍP-Brasil. Catalogação-na-fonte - Câmara Brasileira do Livro, SP Borges, Jorge Luis, 1899-1986.

Obras completas de Jorge Luis Borges_ volume 1 / Jorge Luis Borges. - São Paulo : Globo, 1999.

Título original: Obras completas Jorge Luis Borges.

Vários tradutores.

1. Ficção argentina 1. Título.

Índices para catálogo sistemático

Ficção : Século 20 : Literatura argentina ar863.4

Século 2O : Ficção : Literatura argentina ar863.4

CDD-ar863.4

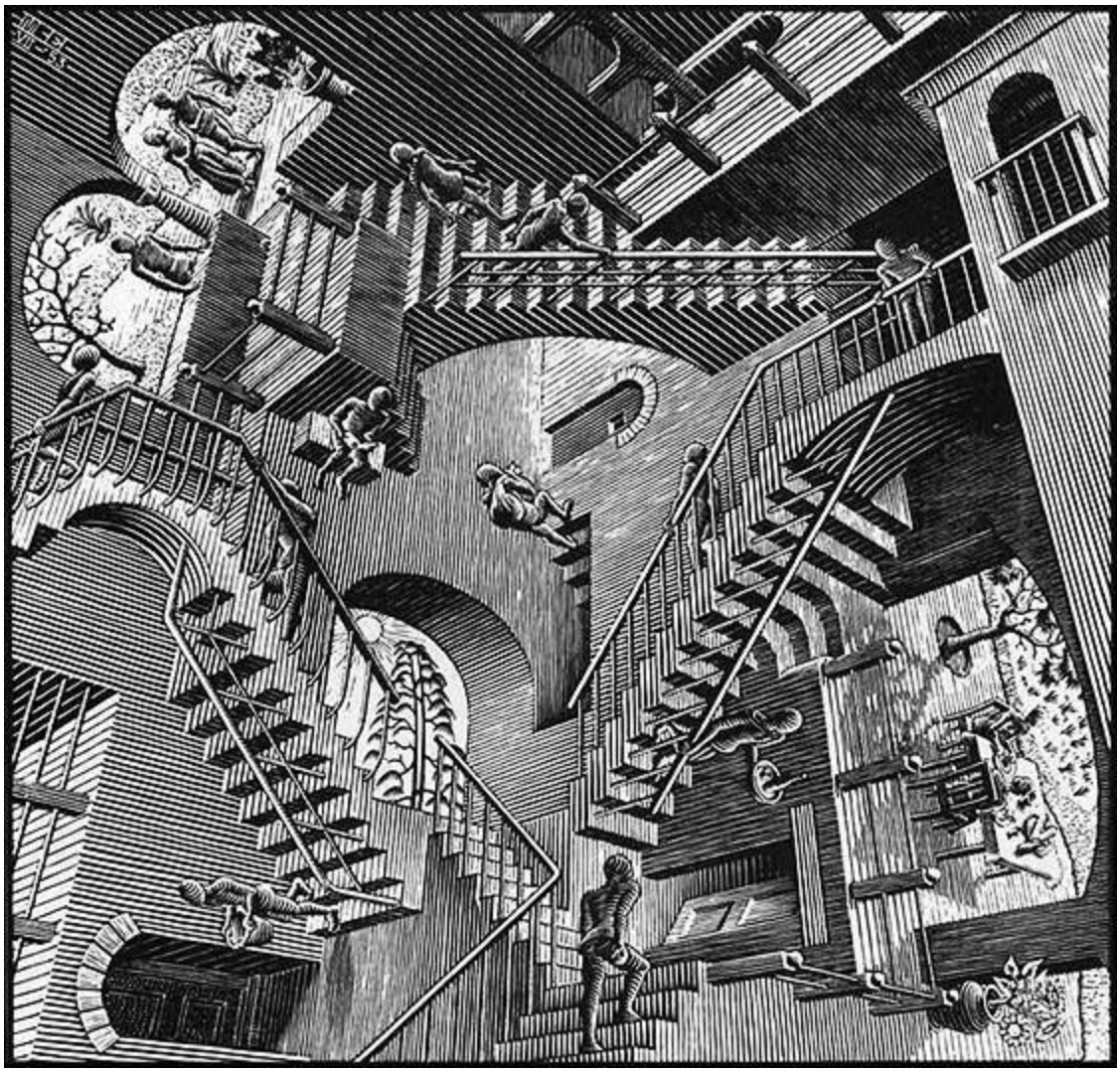
ÍNDICE

O ALEPH

- O IMORTAL
- O MORTO
- OS TEÓLOGOS
- HISTÓRIA DO GUERREIRO E DA CATIVA
- BIOGRAFIA DE TADEO ISIDORO CRUZ
- EMMA ZUNZ
- A CASA DE ASTÉRION
- A OUTRA MORTE
- DEUTSCHES REQUIEM
- A PROCURA DE AVERRÓIS
- O ZAHIR
- A ESCRITA DO DEUS
- ABENJACAN, O BOKARI, MORTO EM SEU LABIRINTO
- OS DOIS REIS E OS DOIS LABIRINTOS
- A ESPERA
- O HOMEM NO UMBRAL
- O ALEPH
- EPÍLOGO

Notas
Sobre o autor
Créditos

O ALEPH



O IMORTAL

Solomon saith:
"There is no new thing upon the earth".
So that as Plato had an imagination,
"that all knowledge was but remembrance";
so Solomon giveth his sentence,
"that all novelty is but oblivion".
FRANCIS BACON: *Essays* LVIII.

Em Londres, em princípios do mês de junho de 1929, o antiquário Joseph Cartaphilus, de Esmirna, ofereceu à princesa de Lucinge os seis volumes em quarto-menor (1715-1720) da *Ilíada* de Pope. A princesa adquiriu-os; ao recebê-los, trocou algumas palavras com ele. Era; diz-nos, um homem muito magro e terroso, de olhos apagados e barba cinzenta, de traços singularmente vagos. Empregava com fluidez e ignorância as diversas línguas; em poucos minutos, passou do francês ao inglês e do inglês a uma conjunção enigmática de espanhol de Salonica e de português de Macau. Em outubro, a princesa ouviu de um passageiro do Zeus que Cartaphilus havia morrido no mar, ao regressar a Esmirna, e que o haviam enterrado na ilha de Ios. No último tomo da *Ilíada* encontrou este manuscrito.

O original está escrito em inglês e é abundante em latinismos. A versão que oferecemos é literal.

I

Que eu me lembre, meus trabalhos começaram em um jardim de Tebas Hekatómpylos, quando Diocleciano era imperador. Militei (sem glória) nas recentes guerras egípcias, sendo tribuno de uma legião que esteve aquartelada em Berenice, diante do mar Vermelho: a febre e a magia consumiram muitos homens que cobiçavam com magnanimidade o aço. Os mauritanos foram vencidos; a terra, antes ocupada pelas cidades rebeldes, foi dedicada eternamente aos deuses plutônicos; Alexandria, debelada, implorou em vão a misericórdia de César; antes de um ano, as legiões alcançaram o triunfo, mas eu mal consegui divisar a face de Marte. Essa privação me doeu e foi talvez a causa de eu ter me lançado, por temerosos e extensos desertos, a descobrir a secreta Cidade dos Imortais.

Meus trabalhos, como disse, começaram em um jardim de Tebas. Toda essa noite não dormi, pois algo estava combatendo em meu coração. Levantei-me pouco antes do amanhecer; meus escravos dormiam, a lua tinha a mesma cor da infinita areia. Um cavaleiro vencido e ensanguentado vinha do oriente. A uns passos de mim, caiu do cavalo. Com tênue voz insaciável, perguntou-me em latim o nome do rio que banhava os muros da cidade. Respondi-lhe que era o Egito, que as chuvas alimentam. *"Outro é o rio que persigo",* replicou com tristeza, *"*o *rio secreto que purifica da morte os homens"*. Escuro sangue brotava de seu peito. Disse-me que sua pátria era uma montanha que está do outro lado do Ganges e que nessa montanha se falava que, se

alguém caminhasse até o ocidente, onde o mundo se acaba, chegaria ao rio cujas águas dão a imortalidade. Acrescentou que na margem ulterior se ergue a Cidade dos Imortais, rica em baluartes e anfiteatros e templos. Antes do amanhecer, morreu, mas determinei descobrir a cidade e seu rio. Interrogados pelo verdugo, alguns prisioneiros mauritanos confirmaram a informação do viajante; alguém lembrou a planície elísia, no fim da terra, onde a vida dos homens é perdurável; outro, os cumes onde nasce o Pactolo, cujos moradores vivem um século. Em Roma, conversei com filósofos que sentiram que prolongar a vida do homem era prolongar sua agonia e multiplicar o número de suas mortes. Ignoro se acreditei alguma vez na Cidade dos Imortais: penso que então me bastou o trabalho de procurá-la. Flávio, procônsul de Getúlia, entregou-me duzentos soldados para a tarefa. Também recrutei mercenários, que se disseram conhecedores dos caminhos e foram os primeiros a desertar.

Os fatos posteriores deformaram até o inextricável a lembrança de nossas primeiras jornadas. Partimos de Arsinoe e entramos no abrasado deserto. Atravessamos o país dos trogloditas, que devoram serpentes e carecem do comércio da palavra; o dos garamantes da Líbia, que têm as mulheres em comum e se nutrem de leões; o da tribo dos augilas, que só veneram o Tártaro. Fatigamos outros desertos, onde é negra a areia, onde o viajante deve roubar as horas da noite, pois o fervor do dia é intolerável. De longe divisei a montanha que deu nome ao Oceano: em suas ladeiras cresce o eufórbio, que anula os venenos; no cume, vivem os sátiros, nação de homens cruéis e rústicos, inclinados à luxúria. Que essas regiões bárbaras, onde a

terra é mãe de monstros, pudessem abrigar em seu seio uma cidade famosa, a todos nos pareceu inconcebível. Prosseguimos na marcha, pois teria sido uma desonra retroceder. Alguns temerários dormiram com o rosto exposto à lua; a febre os queimou; na água corrompida das cisternas outros beberam a loucura e a morte. Então, começaram as deserções; muito pouco depois, os motins. Para reprimi-los, não vacilei no exercício da severidade. Procedi corretamente, mas um centurião me advertiu que os sediciosos (ávidos por vingar a crucificação de um deles) tramavam minha morte. Fugi do acampamento, com os poucos soldados que me eram fiéis. No deserto, perdi-os entre os redemoinhos de areia e a vasta noite. Uma flecha cretense me lacerou. Por vários dias, errei sem encontrar água, ou por um só enorme dia multiplicado pelo sol, pela sede e pelo temor da sede. Deixei o caminho ao arbítrio de meu cavalo. Na aurora, a distância encrespou-se de pirâmides e de torres. Insuportavelmente, sonhei com um exíguo e nítido labirinto: no centro havia um cântaro; minhas mãos quase o tocavam, meus olhos o viam, mas tão intrincadas e confusas eram as curvas que eu sabia que ia morrer antes de alcançá-lo.

II

Ao desenredar-me por fim desse pesadelo, vi-me atirado e manietado a um oblongo nicho de pedra, não maior que uma sepultura comum, superficialmente escavado no áspero declive de uma montanha. Os lados eram úmidos, antes polidos pelo tempo que por labor. Senti no peito um doloroso latejo, senti que a sede me abrasava. Ergui-me e gritei debilmente. Ao pé da montanha, estendia-se sem rumor um arroio impuro, entorpecido por escombros e areia; na oposta margem, resplandecia (sob o último sol ou sob o primeiro) a evidente Cidade dos Imortais. Vi muros, arcos, frontispícios e foros: o alicerce era uma meseta de pedra. Uma centena de nichos irregulares, análogos ao meu, sulcavam a montanha e o vale. Na areia havia poços de pouca profundidade; desses mesquinhos buracos (e dos nichos) emergiam homens de pele cinzenta, de barba desleixada, nus. Pensei reconhecê-los: pertenciam à estirpe bestial dos troglodítas, que infestam as margens do golfo Arábico e as grutas etíopes; não me surpreendi que não falassem e que devorassem serpentes.

A urgência da sede me fez temerário. Considerei que estava a uns trinta pés da areia: de olhos fechados, com as mãos atadas às costas, atirei-me montanha abaixo. Afundei o rosto ensanguentado na água escura. Bebi como abeberam os animais. Antes de perder-me outra vez no sonho e nos delírios, inexplicavelmente repeti algumas palavras gregas: *"Os ricos teucros de Zeléia que bebem a água negra do Esepo..."*

Não sei quantos dias e noites rodopiaram sobre mim. Dolorido, incapaz de recuperar o abrigo das cavernas, despido na ignorada areia, deixei que a lua e o sol brincassem com meu aziago destino. Os trogloditas, infantis na barbárie, não me ajudaram a sobreviver ou a morrer. Em vão, roguei-lhes que me dessem a morte. Um dia, com o fio de um pedernal, parti minhas ligaduras. Em outro, levantei-me e pude mendigar ou roubar — eu, Marco Flamínio Rufo, tribuno militar de uma das legiões de Roma — minha primeira detestada ração de carne de serpente.

A ânsia de ver os Imortais, de tocar a sobre-humana Cidade, quase me impedia de dormir. Como se penetrassem em meu propósito, não dormiam também os trogloditas: a princípio, inferi que me vigiavam; depois, que se haviam contagiado por minha inquietude, como poderiam contagiar-se os cães. Para afastar-me da bárbara aldeia, escolhi a mais pública das horas, o cair da tarde, quando todos os homens emergem das gretas e dos poços e olham o poente, sem vê-lo. Orei em voz alta, menos para suplicar o favor divino que para intimidar a tribo com palavras articuladas. Atravessei o arroio que os bancos de areia entorpecem e dirigi-me à Cidade. Confusamente, seguiram-me dois ou três homens. Eram (como os demais dessa linhagem) de minguada estatura; não inspiravam temor, mas repulsa. Tive de contornar algumas ribanceiras irregulares que me pareceram pedreiras; ofuscado pela pedreiras; ofuscado pela grandeza da Cidade, eu a supusera próxima. Por volta da meia-noite, pisei, eriçada de formas idolátricas na areia amarela, a negra sombra de seus muros. Deteve-me uma espécie de horror sagrado. Tão abominados pelo homem são a novidade e o deserto que me

alegrei que um dos trogloditas me tivesse acompanhado até o fim. Fechei os olhos e aguardei (sem dormir) que rebrilhasse o dia.

Disse que a Cidade estava construída sobre uma meseta de pedra. Essa meseta, comparável a um alcantilado, não era menos árdua que os muros. Em vão esgotei meus passos; o negro embasamento não registrava a menor irregularidade, os muros invariáveis não pareciam consentir uma única porta. A força do dia fez com que me refugiasse numa caverna; no fundo havia um poço, no poço uma escada que se abismava até a treva inferior. Desci; por um caos de sórdidas galerias cheguei a uma vasta câmara circular, a muito custo visível. Havia nove portas naquele porão; oito davam para um labirinto que falazmente desembocava na mesma câmara; a nona (através de outro labirinto) dava para uma segunda câmara circular, igual à primeira. Ignoro o número total de câmaras; minha desventura e minha ansiedade as multiplicaram. O silêncio era hostil e quase perfeito; outro rumor não havia nessas profundas redes de pedra além de um vento subterrâneo, cuja causa não descobri; sem ruído, perdiam-se entre as gretas fios de água enferrujada. Habituei-me com horror a esse duvidoso mundo; considerei inacreditável que pudesse existir outra coisa além de porões providos de nove portas e além de longos porões que se bifurcavam. Ignoro o tempo que tive de caminhar sob a terra; sei que certa vez confundi, na mesma nostalgia, a atroz aldeia dos bárbaros e minha cidade natal, entre as videiras.

No fundo de um corredor, um não previsto muro me barrou os passos, uma remota luz caiu sobre mim. Ergui os ofuscados

olhos: no vertiginoso, no mais alto, vi um círculo de céu tão azul que chegou a parecer-me de púrpura. Alguns degraus de metal escalavam o muro. O cansaço me relaxava, mas subi, só me detendo às vezes para pesadamente soluçar de felicidade. Fui divisando capitéis e astrágalos, frontões triangulares e abóbadas, confusas pompas do granito e do mármore. Foi-me assim concedido ascender da cega região de negros labirintos entretecidos à resplandecente Cidade.

Emergi numa espécie de pequena praça, ou melhor, de pátio. Circundava-o um só edifício de forma irregular e altura variável; a esse edifício heterogêneo pertenciam as diversas cúpulas e colunas. Mais que qualquer outro traço desse monumento inacreditável, causou-me admiração o antiquíssimo de sua construção. Senti que era anterior aos homens, anterior à terra. Essa evidente antiguidade (embora, de algum modo, terrível para os olhos) pareceu-me adequada ao trabalho de operários imortais. Cautelosamente a princípio, com indiferença depois, com desespero por fim, errei por escadas e pavimentos do inextricável palácio. (Depois averiguei que eram inconstantes a extensão e a altura dos degraus, fato que me fez compreender a singular fadiga que me infundiram.) *"Este palácio é obra dos deuses*", pensei primeiramente. Explorei os inabitados recintos e corrigi: *"Os deuses que o edificaram morreram"*. Notei suas peculiaridades e disse: *"Os deuses que o edificaram estavam loucos"*. Disse isso, bem sei, com incompreensível reprovação que era quase remorso, com mais horror intelectual que medo sensível. A impressão de enorme antiguidade juntaram-se outras: a do interminável, a do atroz, a do complexamente insensato. Eu

havia cruzado um labirinto, mas a nítida Cidade dos Imortais me atemorizou e repugnou. Um labirinto é uma casa edificada para confundir os homens; sua arquitetura, pródiga em simetrias, está subordinada a esse fim. No palácio que imperfeitamente explorei, a arquitetura carecia de fim. Abundavam o corredor sem saída, a alta janela inalcançável, a aparatosa porta que dava para uma cela ou para um poço, as inacreditáveis escadas inversas, com os degraus e a balaustrada para baixo. Outras, aderidas aereamente ao costado de um muro monumental, morriam sem chegar a nenhuma parte, no fim de dois ou três giros, na treva superior das cúpulas. Ignoro se todos os exemplos que enumerei são literais; sei que durante muitos anos infestaram meus pesadelos; já não posso saber se esse ou aquele traço é transcrição da realidade ou das formas que desatinaram minhas noites. *"Esta Cidade",* pensei, "é *tão horrível que sua mera existência e perduração, embora no centro de um deserto secreto, contamina o passado e o futuro e, de algum modo, compromete os astros. Enquanto perdurar, ninguém no mundo poderá ser valoroso ou feliz"*. Não quero descrevê-la; um caos de palavras heterogêneas, um corpo de tigre ou de touro, em que pululassem monstruosamente, conjugados e odiando-se, dentes, órgãos e cabeças, podem (talvez) ser imagens aproximadas.

Não recordo as etapas de meu regresso, entre os poeirentos e úmidos hipogeus. Sei apenas que não me abandonava o temor de que, ao sair do último labirinto, me rodeasse outra vez a nefanda Cidade dos Imortais. Nada mais posso lembrar. Esse esquecimento, agora insuperável, foi talvez voluntário; talvez as

circunstâncias de minha evasão tenham sido tão ingratas que, em algum dia não menos esquecido também, jurei esquecê-las.

III

Os que tiverem lido com atenção o relato de meus trabalhos lembrarão que um homem da tribo me seguiu, como um cão poderia seguir-me, até a sombra irregular dos muros. Quando saí do último porão, encontrei-o na boca da caverna. Estava atirado na areia, onde desenhava grosseiramente e apagava uma fileira de sinais que eram como as letras dos sonhos, que se está a ponto de entender e logo se juntam. A princípio, pensei que se tratava de alguma escrita bárbara; depois vi que é absurdo imaginar que homens que não chegaram à palavra cheguem à escrita. Além disso, nenhuma das formas era igual a outra, o que excluía ou afastava a possibilidade de serem simbólicas. O homem as traçava, olhava para elas e as corrigia. Subitamente, como se esse jogo o enfastiasse, apagou-as com a palma e o antebraço. Olhou-me, não pareceu reconhecer-me. Entretanto, tão grande era o alívio que me inundava (ou tão grande e medrosa minha solidão) que me pus a pensar que esse rudimentar troglodita, que me olhava do chão da caverna, estivera me esperando. O sol escaldava a planície; quando empreendemos o regresso à aldeia, sob as primeiras estrelas, a areia era ardente sob os pés. O troglodita me precedeu; essa noite concebi o propósito de ensiná-lo a reconhecer, e talvez a repetir, algumas palavras. O cachorro e o cavalo (refleti) são capazes do primeiro; muitas aves, como o rouxinol dos Césares, do último. Por muito grosseiro que fosse o entendimento de um homem, sempre seria superior ao de irracionais.

A humildade e a miséria do troglodita trouxeram-me à memória a imagem de Argos, o velho cão moribundo da *Odisséia,* e assim lhe pus o nome de Argos e tentei ensiná-lo. Fracassei e tornei a fracassar. Os arbítrios, o rigor e a obstinação foram de todo inúteis. Imóvel, com os olhos inertes, não parecia perceber os sons que eu procurava inculcar-lhe.

A alguns passos de mim, era como se estivesse muito longe. Deitado na areia, como uma pequena e arruinada esfinge de lava, deixava que sobre si girassem os céus, desde o crepúsculo do dia até o da noite. Julguei impossível que não se apercebesse de meu propósito. Lembrei-me de que se diz entre os etíopes que os macacos deliberadamente não falam para que não os obriguem a trabalhar e atribuí a suspicácia ou a temor o silêncio de Argos. Dessa fantasia passei a outras ainda mais extravagantes. Pensei que Argos e eu participávamos de universos diferentes; pensei que nossas percepções eram iguais, mas que Argos as combinava de outra maneira e construía com elas outros objetos; pensei que talvez não houvesse objetos para ele, mas um vertiginoso e contínuo jogo de impressões brevíssimas. Pensei em um mundo sem memória, sem tempo; considerei a possibilidade de uma linguagem que ignorasse os substantivos, uma linguagem de verbos impessoais ou de indeclináveis epítetos. Assim foram morrendo os dias e com os dias os anos, mas algo parecido com a felicidade ocorreu uma manhã. Choveu, com lentidão poderosa.

As noites do deserto podem ser frias, mas aquela tinha sido um fogo. Sonhei que um rio da Tessália (a cujas águas eu restituíra um peixe de ouro) vinha resgatar-me; sobre a vermelha areia e a negra pedra eu o ouvia aproximar-se; o frescor do ar e o

rumor atarefado da chuva me despertaram. Corri para recebê-la, despido. Declinava a noite; sob as nuvens amarelas, a tribo, não menos feliz que eu, oferecia-se aos vívidos aguaceiros numa espécie de êxtase. Pareciam coribantes possuídos pela divindade. Argos, olhos postos na abóbada celeste, gemia; torrentes rolavam-lhe pelo rosto, não só de água, mas (soube-o depois) de lágrimas. Argos, gritei, Argos.

Então, com mansa admiração, como se descobrisse uma coisa perdida e esquecida há muito tempo, Argos balbuciou estas palavras: *"Argos, cão de Ulisses"*. E depois, também sem olhar-me: "*Este cão atirado no esterco*".

Facilmente aceitamos a realidade, talvez por intuirmos que nada é real. Perguntei-lhe o que sabia da *Odisséia*. A prática do grego lhe era penosa; tive de repetir a pergunta.

"Muito pouco" — disse. *"Menos que o rapsodo mais pobre. Já terão passado mil e cem anos desde que a inventei."*

IV

Tudo me foi dilucidado naquele dia. Os trogloditas eram os Imortais; o riacho de águas arenosas, o Rio que o cavaleiro procurava. Quanto à cidade cujo renome se havia espalhado até o Ganges, nove séculos fazia que os Imortais a haviam assolado. Com as relíquias de sua ruína ergueram, no mesmo lugar, a desatinada cidade que eu percorri: espécie de paródia ou reverso e também templo dos deuses irracionais que manejam o mundo e dos quais nada sabemos, salvo que não se parecem com o homem. Aquela fundação foi o último símbolo a que condescenderam os Imortais; marca uma etapa em que, julgando vã qualquer obra, determinaram viver no pensamento, na pura especulação. Erigiram a obra, esqueceram-na e foram morar nas covas. Absortos, quase não percebiam o mundo físico.

Homero narrou essas coisas como quem fala com uma criança. Também me falou de sua velhice e da derradeira viagem que empreendeu, movido, como Ulisses, pelo propósito de chegar aos homens que não conhecem o mar, nem comem carne temperada com sal, nem suspeitam o que seja um remo. Viveu um século na Cidade dos Imortais. Quando a derrubaram, aconselhou a fundação da outra. Isto não nos deve surpreender; diz-se que, depois de cantar a guerra de Ílion, cantou a guerra das rãs e dos ratos. Foi como um deus que criara o cosmos e em seguida o caos.

Ser imortal é insignificante; com exceção do homem, todas as criaturas o são, pois ignoram a morte; o divino, o terrível, o incompreensível é saber-se imortal. Tenho notado que, apesar das religiões, essa convicção é raríssima. Israelitas, cristãos e muçulmanos professam a imortalidade, mas a veneração que tributam ao primeiro século prova que só creem nele, já que destinam todos os demais, em número infinito, a premiá-lo ou a castigá-lo. Mais razoável me parece a roda de certas religiões do Industão; nessa roda, que não tem princípio nem fim, cada vida é efeito da anterior e gera a seguinte, mas nenhuma determina o conjunto... Doutrinada num exercício de séculos, a república de homens imortais atingira a perfeição da tolerância e quase do desdém. Sabia que em um prazo infinito ocorrem a todo homem todas as coisas. Por suas passadas ou futuras virtudes, todo homem é credor de toda bondade, mas também de toda traição, por suas infâmias do passado ou do futuro. Assim como nos jogos de azar, os números pares e os números ímpares tendem ao equilíbrio, assim também se anulam e se corrigem o talento e a estupidez, e talvez o rústico poema de Cid seja o contrapeso exigido por um único epíteto das Éclogas ou por uma sentença de Heráclito. O pensamento mais fugaz obedece a um desenho invisível e pode coroar, ou inaugurar, uma forma secreta. Sei dos que praticavam o mal para que nos séculos futuros resultasse o bem, ou tivesse resultado nos já pretéritos... Encarados assim, todos os nossos atos são justos, mas também são indiferentes. Não há méritos morais ou intelectuais. Homero compôs a *Odisséia*; postulado um prazo infinito, com infinitas circunstâncias e mudanças, o impossível seria não compor,

sequer uma vez, a *Odisséia*. Ninguém é alguém, um só homem imortal é todos os homens. Como Cornélio Agripa, sou deus, sou herói, sou filósofo, sou demônio e sou mundo, o que é uma fatigante maneira de dizer que não sou.

O conceito do mundo como sistema de precisas compensações influiu enormemente nos Imortais. Em primeiro lugar, tornou-os invulneráveis à piedade. Mencionei as antigas pedreiras que sulcavam os campos da outra margem; um homem despenhou-se na mais funda; não podia lastimar-se nem morrer, mas a sede o abrasava; antes que lhe atirassem uma corda, passaram setenta anos. Tampouco interessava o próprio destino. O corpo era um submisso animal doméstico e bastava-lhe, cada mês, a esmola de umas horas de sono, de um pouco de água e de restos de carne. Que ninguém nos queira rebaixar a ascetas. Não há prazer mais complexo que o pensamento e a ele nos entregávamos. Às vezes, um estímulo extraordinário nos restituía ao mundo físico. Por exemplo, naquela manhã, o velho prazer elementar da chuva. Esses lapsos eram raríssimos; todos os Imortais eram capazes de perfeita quietude; lembro-me de um que jamais vi de pé: um pássaro se aninhava em seu peito.

Entre os corolários da doutrina de que não existe coisa que não esteja compensada por outra, há um de muito pouca importância teórica, mas que nos induziu, em fins ou em princípios do século X, a dispersar-nos pela face da terra. Cabe nestas palavras: *"Existe um rio cujas águas dão a imortalidade; em alguma região haverá outro rio cujas águas a apaguem"*. O número de rios não é infinito; um viajante imortal que percorra o

mundo acabará, algum dia, tendo bebido de todos. Propusemo-nos descobrir esse rio.

A morte (ou sua alusão) torna preciosos e patéticos os homens. Estes comovem por sua condição de fantasmas; cada ato que executam pode ser o último; não há rosto que não esteja por dissolver-se como o rosto de um sonho. Tudo, entre os mortais, tem o valor do irrecuperável e do inditoso. Entre os Imortais, ao contrário, cada ato (e cada pensamento) é o eco de outros que no passado o antecederam, sem princípio visível, ou o fiel presságio de outros que no futuro o repetirão até a vertigem. Não há coisa que não esteja como que perdida entre infatigáveis espelhos. Nada pode ocorrer uma só vez, nada é preciosamente precário. O elegíaco, o grave, o cerimonioso não vigoram para os Imortais. Homero e eu nos separamos nas portas de Tânger; creio que não nos dissemos adeus.

V

Percorri novos reinos, novos impérios. No outono de 1066, militei na ponte de Stamford, já não lembro se nas fileiras de Harold, que não tardou em encontrar seu destino, ou se nas daquele infausto Harald Hardrada, que conquistou seis pés de terra inglesa, ou um pouco mais. No sétimo século da Hégira, no arrabalde de Bulaq, transcrevi com pausada caligrafia, em um idioma que esqueci, em um alfabeto que ignoro, as sete viagens de Simbad e a história da Cidade de Bronze. Num pátio do cárcere de Samarcanda joguei muitíssimo o xadrez. Em Bikanir, professei a astrologia, e também na Boêmia. Em 1638, estive em Kolozsvar e depois em Leipzig. Em Aberdeen, em 1714, assinei os seis volumes da *Ilíada* de Pope; sei que os frequentei com deleite. Por volta de 1729, discuti a origem desse poema com um professor de retórica, chamado, creio, Giambattista; suas razões me pareceram irrefutáveis. No dia 4 de outubro de 1921, o *Patna,* que me conduzia a Bombaim, teve que fundear em um porto da costa eritréia.[1] Desci; lembrei-me de outras manhãs muito antigas, também diante do mar Vermelho, quando era tribuno de Roma e a febre e a magia e a inação consumiam os soldados. Nos arredores, vi um caudal de água clara; provei-a, levado pelo costume. Ao subir à margem, uma árvore espinhosa me lacerou o dorso da mão. A inusitada dor me pareceu muito viva. Incrédulo, silencioso e feliz, contemplei a preciosa formação de uma lenta gota de sangue. De novo sou mortal, repeti a mim mesmo, de

novo me pareço com todos os homens. Nessa noite, dormi até o amanhecer.

...Revisei estas páginas, passado um ano. Parece-me que elas se ajustam à verdade, mas nos primeiros capítulos, e ainda em certos parágrafos dos outros, creio perceber algo falso. Isso é efeito, talvez, do abuso de traços circunstanciais, procedimento que aprendi com os poetas e que tudo contamina de falsidade, já que esses traços podem ser frequentes nos fatos, mas não na memória deles... Creio, contudo, ter descoberto uma razão mais íntima. Vou escrevê-la; não importa que me julguem fantástico.

A história que narrei parece irreal porque nela se mesclam os sucessos de dois homens diferentes. No primeiro capítulo, o cavaleiro quer saber o nome do rio que banha as muralhas de Tebas; Flamínio Rufo, que antes dera à cidade o epíteto de Hekatómpylos, diz que o rio é o Egito; nenhuma dessas locuções é adequada a ele, mas a Homero, que faz menção expressa, na *Ilíada,* a Tebas Hekatómpylos, e na *Odisséia,* pela boca de Proteu e de Ulisses, diz invariavelmente Egito por Nilo. No capítulo segundo, o romano, ao beber a água imortal, pronuncia algumas palavras em grego; essas palavras são homéricas e podem ser encontradas no fim do famoso catálogo das naves. Depois, no vertiginoso palácio, fala de "reprovação que era quase remorso"; essas palavras correspondem a Homero, que havia projetado esse horror. Tais anomalias me inquietaram; outras, de ordem estética, permitiram-me descobrir a verdade. O último capítulo as inclui; aí está escrito que militei na ponte de Stamford, que transcrevi, em Bulaq, as viagens de Simbad, o Marinheiro, e que assinei, em Aberdeen, a *Ilíada* inglesa de Pope. Lê-se, *inter alia:*

"Em Bikanir, professei a astrologia, e também na Boêmia". Nenhum desses testemunhos é falso; significativo é o fato de havê-los destacado. O primeiro de todos parece convir a um homem de guerra, mas logo se percebe que o narrador não repara no bélico e sim no destino dos homens. Os que seguem são mais curiosos. Uma obscura razão elementar me obrigou a registrá-los; fiz isso porque sabia que eram patéticos. Não o são, ditos pelo romano Flamínio Rufo. São, ditos por Homero; é estranho que este copie, no século XIII, as aventuras de Simbad, de outro Ulisses, e descubra, muitos séculos depois, em um reino boreal e em um idioma bárbaro, as formas de sua *Ilíada*. Quanto à frase que reúne o nome de Bikanir, vê-se que foi construída por um homem de letras, desejoso (como o autor do catálogo das naves) de mostrar vocábulos esplêndidos.[2]

Quando se aproxima o fim, já não restam imagens da lembrança; só restam palavras. Não é estranho que o tempo tenha confundido as que alguma vez me representaram com as que foram símbolos do destino de quem me acompanhou, por tantos séculos. Eu fui Homero; em breve, serei Ninguém, como Ulisses; em breve, serei todos: estarei morto.

Pós-escrito de 1950. Entre os comentários que a publicação anterior despertou, o mais curioso, já que não o mais urbano, biblicamente se intitula *A Coat of Many Colours* (Manchester,1948) e é obra da pena tenacíssima do doutor Nahum Cordovero. Compreende umas cem páginas. Fala dos centões gregos, dos centões da baixa latinidade, de Ben Jonson,

que definiu seus contemporâneos com trechos de Sêneca, do *Virgilius Evangelizans* de Alexander Ross, dos artifícios de George Moore e de Eliot e, finalmente, da "narração atribuída ao antiquário Joseph Cartaphilus". Denuncia, no primeiro capítulo, breves interpolações de Plínio *(Historia Naturalis,* V, 8); no segundo, de Thomas de Quincey *(Writings,111,* 439); no terceiro, de uma epístola de Descartes ao embaixador Pierre Chanut; no quarto, de Bernard Shaw *(Back to Methuselah,* V). Infere dessas intrusões, ou furtos, que todo o documento é apócrifo.

No meu entender, a conclusão é inadmissível. *"Quando se aproxima o fim*", escreveu Cartaphilus, *"já não restam imagens da lembrança; só restam palavras*". Palavras, palavras deslocadas e mutiladas, palavras de outros, foi a pobre esmola que lhe deixaram as horas e os séculos.

Para Cecília Ingenieros.

O MORTO

Que um homem do subúrbio de Buenos Aires, que um triste compadrito[3] sem mais virtude que a enfatuação da coragem, se interne nos desertos equestres da fronteira com o Brasil e chegue a capitão de contrabandistas, parece de antemão impossível. Aos que assim o entendem, quero contar o destino de Benjamín Otálora, de quem talvez não reste nenhuma lembrança no bairro de Balvanera e que morreu, a seu modo, de um balaço, nos confins do Rio Grande do Sul. Ignoro pormenores de sua aventura; quando me forem revelados, hei de retificar e ampliar estas páginas. Por ora este resumo pode ser útil.

Benjamín Otálora conta, por volta de 1891, dezenove anos. É um rapagão de fronte pequena, de sinceros olhos claros, com o vigor dos bascos; uma punhalada feliz revelou-lhe que é homem valente; não o inquieta a morte do adversário, tampouco a imediata necessidade de fugir da República. O caudilho da paróquia dá-lhe uma carta para um tal Azevedo Bandeira, do Uruguai. Otálora embarca, a travessia é tormentosa e rangente; no outro dia, vagueia pelas ruas de Montevidéu, com inconfessada e talvez ignorada tristeza. Não encontra Azevedo Bandeira; pela meia-noite, num armazém do Paso del Molino, assiste a uma discussão entre alguns tropeiros. Um punhal rebrilha; Otálora não sabe de que lado está a razão, mas o atrai o puro sabor do perigo, como a outros o baralho ou a música.

Segura, no entrevem, uma punhalada baixa que um peão desfere contra um homem de chapéu escuro e de poncho. Este, depois, resulta ser Azevedo Bandeira. (Otálora, ao sabê-lo, rasga a carta, porque prefere dever tudo a si mesmo.) Azevedo Bandeira, embora robusto, dá a injustificável impressão de aleijado; em seu rosto, sempre demasiado próximo, estão o judeu, o negro e o índio; em sua afetação, o macaco e o tigre; a cicatriz que lhe atravessa a face é mais um adorno, bem como o negro bigode cerdoso.

Projeção ou erro do álcool, a disputa cessa com a mesma rapidez com que se produziu. Otálora bebe com os tropeiros e depois os acompanha a uma farra e depois a um casarão na Cidade Velha, já com o sol bem alto. No último pátio, que é de terra, os homens estendem os arreios para dormir. Obscuramente, Otálora compara essa noite com a anterior; agora já pisa terra firme, entre amigos. Inquieta-o algum remorso, isso sim, de não sentir saudades de Buenos Aires. Dorme até as seis, quando o desperta o paisano que, bêbado, agrediu Bandeira. (Otálora se lembra de que esse homem participou com os outros da noite de tumulto e de alegria e que Bandeira o sentou à sua direita e o obrigou a continuar bebendo.) O homem lhe diz que o patrão o manda buscar. Numa espécie de gabinete que dá para o vestíbulo (Otálora nunca viu um vestíbulo com portas laterais), Azevedo Bandeira o está esperando, com uma clara e desdenhosa mulher de cabelo ruivo. Bandeira examina-o, oferece-lhe um copo de aguardente, repete que ele parece um homem corajoso, propõe-lhe ir ao Norte com os demais para trazerem uma tropa.

Otálora aceita; de madrugada, estão a caminho, rumo a Tacuarembó.

Começa então para Otálora uma vida diferente, uma vida de vastos amanheceres e de jornadas que têm o cheiro do cavalo. Essa vida é nova para ele, e às vezes atroz, mas já está em seu sangue, pois, assim como os homens de outras nações veneram e pressentem o mar, assim nós (também o homem que entretece estes símbolos) ansiamos pela planície interminável que ressoa sob os cascos. Otálora criou-se nos bairros de carreteiros e quarteadores; em menos de um ano se torna gaúcho. Aprende a montar, a entropilhar o gado, a carnear, a manejar o laço que subjuga e as boleadeiras que derrubam, a resistir ao sono, às tormentas, às geadas e ao sol, a tanger com o assobio e o grito. Só uma vez, durante esse tempo de aprendizado, vê Azevedo Bandeira, mas o tem muito presente, porque ser *homem de Bandeira* é ser considerado e temido, e porque, diante de qualquer gesto valente, os gaúchos dizem que Bandeira o faz melhor. Alguém opina que Bandeira nasceu do outro lado do Quaraí, no Rio Grande do Sul; isso, que deveria rebaixá-lo, obscuramente o enriquece de selvas populosas, de lamaçais, de inextricáveis e quase infinitas distâncias. Aos poucos, Otálora entende que os negócios de Bandeira são múltiplos e que o principal é o contrabando. Ser tropeiro é ser um criado; Otálora propõe-se ascender a contrabandista. Dois dos companheiros, numa noite, cruzarão a fronteira para voltar com algumas partidas de aguardente; Otálora provoca um deles, fere-o e toma seu lugar. Move-o a ambição e também uma obscura fidelidade.

"Que o homem", pensa, *"acabe por entender que tenho mais valor que todos os seus orientais juntos*".

Outro ano passa antes que Otálora regresse a Montevidéu. Percorrem os arredores, a cidade (que a Otálora parece muito grande); chegam à casa do patrão; os homens estendem os arreios no último pátio. Passam os dias e Otálora não vê Bandeira. Dizem, com temor, que ele está enfermo; um homem moreno costuma subir a seu dormitório com a chaleira e o mate. Uma tarde, encarregam Otálora dessa tarefa. Ele sente-se vagamente humilhado, mas também satisfeito.

O dormitório é desmantelado e escuro. Há uma sacada para o poente, há uma longa mesa com uma resplandecente desordem de chicotes, de relhos, de cintos, de armas de fogo e de armas brancas, há um remoto espelho de cristal embaçado. Bandeira está de boca para cima; sonha e se lamenta; uma veemência de sol último o define. O enorme leito branco parece diminuí-lo e obscurecê-lo; Otálora observa os cabelos brancos, a fadiga, a debilidade, as rugas dos anos. Revolta-o que esse velho os esteja mandando. Pensa que um golpe bastaria para dar conta dele. Nisso, vê no espelho que alguém entrou. É a mulher de cabelo ruivo; está meio vestida e descalça, e o observa com fria curiosidade. Bandeira recompõe-se; enquanto fala de coisas da campanha e bebe um mate atrás do outro, seus dedos brincam com as tranças da mulher. Por fim, dá licença a Otálora para ir embora.

Dias depois, chega-lhes a ordem de irem para o Norte. Param em uma estância perdida, situada em qualquer lugar da interminável planície. Nem árvores nem um arroio a alegram, o

primeiro sol e o último a golpeiam. Há currais de pedra para o gado, que tem grandes chifres e está necessitado. *EI Suspiro* é o nome desse pobre estabelecimento.

Otálora ouve na roda de peões que Bandeira não tardará a chegar de Montevidéu. Pergunta por quê; alguém esclarece que há um forasteiro agauchado que está querendo mandar demais. Otálora compreende que é um gracejo, mas lhe agrada que esse gracejo já seja possível. Verifica, depois, que Bandeira se inimizou com um dos chefes políticos e que este lhe retirou seu apoio. Ele gosta dessa notícia.

Chegam caixões de armas longas; chegam uma jarra e uma bacia de prata para o aposento da mulher; chegam cortinas de intrincado damasco; chega das coxilhas, numa manhã, um cavaleiro sombrio, de barba cerrada e de poncho. Chama-se Ulpiano Suárez e é o capanga ou guarda-costas de Azevedo Bandeira. Fala muito pouco e de maneira abrasileirada. Otálora não sabe se atribui sua reserva a hostilidade, a desdém ou a mera barbárie. Sabe, isso sim, que para o plano que está maquinando tem de ganhar a amizade dele.

Entra depois no destino de Benjamín Otálora um alazão de extremidades negras, que Azevedo Bandeira traz do sul e que ostenta arreios chapeados e carona com bordas de pele de tigre. Esse cavalo liberal é símbolo da autoridade do patrão e por isso o cobiça o rapaz, que chega também a desejar, com desejo rancoroso, a mulher de cabelos resplandecentes. A mulher, os arreios e o alazão são atributos ou adjetivos de um homem que ele aspira a destruir.

Aqui a história se complica e se afunda. Azevedo Bandeira é hábil na arte da intimidação progressiva, na satânica manobra de humilhar gradativamente o interlocutor, combinando seriedade e brincadeira; Otálora resolve aplicar esse método ambíguo à dura tarefa que se propõe. Resolve suplantar, lentamente, Azevedo Bandeira. Consegue, em jornadas de perigo comum, a amizade de Suárez. Confia-lhe seu plano; Suárez lhe promete sua ajuda. Muitas coisas vão acontecendo depois, das quais sei algumas poucas. Otálora não obedece a Bandeira; dá para esquecer, corrigir, inverter suas ordens. O universo parece conspirar com ele e apressa os fatos. Num meio-dia, ocorre em campos de Tacuarembó um tiroteio com gente rio-grandense; Otálora usurpa o lugar de Bandeira e comanda os orientais. Uma bala atravessa-lhe o ombro, mas nessa tarde regressa a *EI Suspiro* no alazão do chefe e nessa tarde umas gotas de seu sangue mancham a pele de tigre e nessa noite dorme com a mulher de cabelos reluzentes. Outras versões mudam a ordem desses fatos e negam que eles tenham acontecido em um único dia.

Bandeira, entretanto, continua sendo nominalmente o chefe. Dá ordens que não se executam; Benjamín Otálora não toca nele, por um misto de rotina e de pena.

A última cena da história corresponde à agitação da última noite de 1894. Nessa noite, os homens de *EI Suspiro* comem cordeiro recém-carneado e bebem um álcool pendenciador. Alguém infinitamente zangarreia uma trabalhosa milonga. Na cabeceira da mesa, Otálora, bêbado, ergue brinde atrás de brinde, em júbilo crescente; essa torre de vertigem é símbolo de seu irresistível destino. Bandeira, taciturno entre os que gritam, deixa

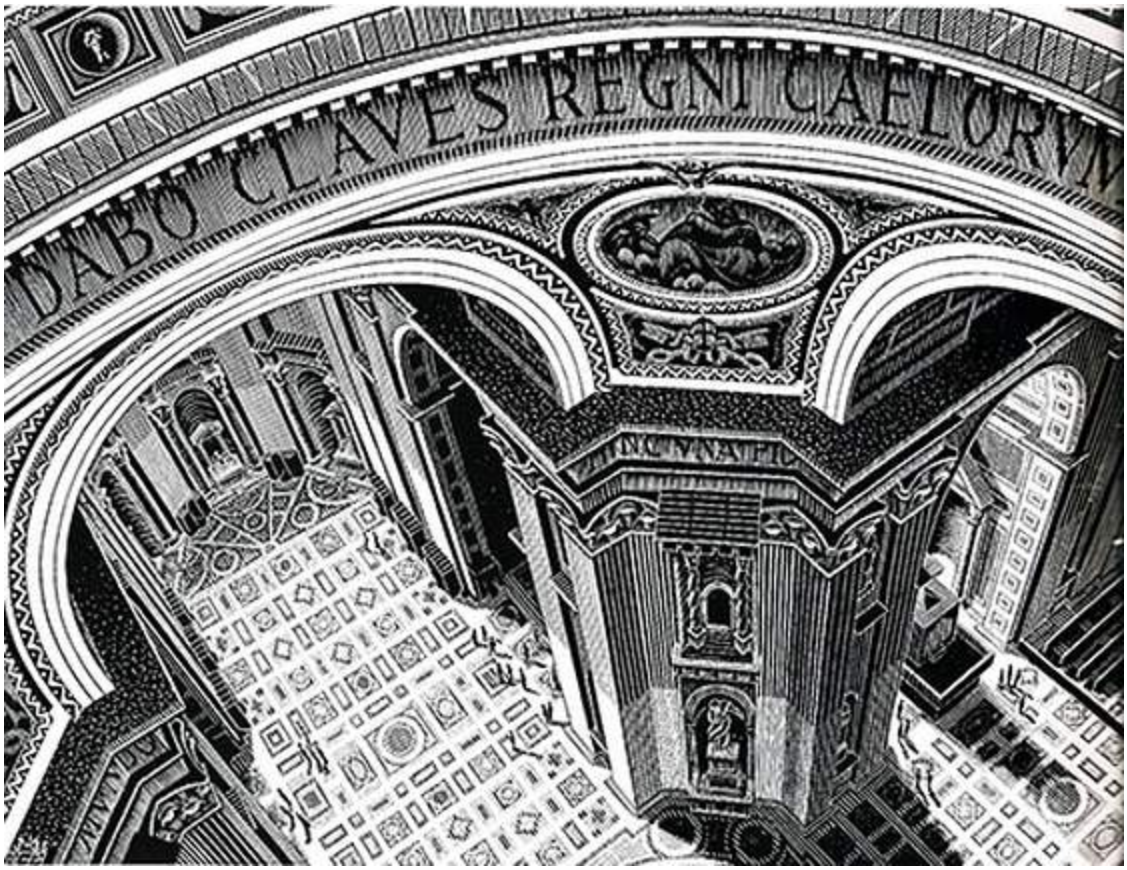
que flua clamorosa a noite. Quando soam as doze badaladas, levanta-se como quem se lembra de uma obrigação. Levanta-se e bate com suavidade à porta da mulher. Ela abre em seguida, como se esperasse o chamado. Sai meio vestida e descalça. Com uma voz que se afemina e se arrasta, o chefe lhe ordena:

— Já que tu e o portenho se querem tanto, agora mesmo vais dar um beijo nele, à vista de todos.

Acresce uma circunstância brutal. A mulher quer resistir, mas dois homens a tomam pelo braço e a lançam sobre Otálora. Arrasada em lágrimas, beija-o no rosto e no peito. Ulpiano Suárez empunha o revólver. Otálora compreende, na iminência da morte, que o traíram desde o princípio, que foi condenado à morte, que lhe permitiram o amor, o mando e o triunfo porque já o davam por morto, porque para Bandeira ele já estava morto.

Suárez, quase com desdém, abre fogo.

א


DABO CLAVES REGNI CAELORVM

OS TEÓLOGOS

Arrasado o jardim, profanados os cálices e os altares, entraram a cavalo os hunos na biblioteca monástica e rasgaram os livros incompreensíveis e os injuriaram e queimaram, talvez temerosos de que as letras encobrissem blasfêmias contra seu deus, que era uma cimitarra de ferro. Arderam palimpsestos e códices, mas no coração da fogueira, entre as cinzas, permaneceu quase intato o livro duodécimo da *Civitas Dei*, que narra que Platão ensinou em Atenas e, no fim dos séculos, todas as coisas recuperarão seu estado anterior, e que ele, em Atenas, diante do mesmo auditório, de novo ensinará essa doutrina. O texto que as chamas perdoaram desfrutou de veneração especial e os que o leram e releram nessa remota província esqueceram que o autor só declarou tal doutrina para poder melhor refutá-la. Um século depois, Aureliano, coadjutor de Aquiléia, soube que às margens do Danúbio a novíssima seita dos *monótonos* (chamados também *anulares)* professava que a história é um círculo e que nada é que não tenha sido e que não será. Nas montanhas, a Roda e a Serpente tinham deslocado a Cruz. Todos temiam, mas todos se confortavam com o boato de que João de Panonia, que se distinguira com um tratado sobre o sétimo atributo de Deus, ia impugnar tão abominável heresia.

Aureliano deplorou essas notícias, sobretudo a última. Sabia que em matéria teológica não há novidade sem perigo; depois

refletiu que a tese de um tempo circular era demasiado dissímil, demasiado assombrosa para que o perigo fosse grave. (As heresias que devemos temer são as que podem confundir-se com a ortodoxia.) Mais lhe doeu a intervenção — a intrusão — de João de Panonia. Havia dois anos, ele usurpara com seu palavroso *De Septima Affectione Dei Sive de Aeternitate* um assunto da especialidade de Aureliano; agora, como se o problema do tempo lhe pertencesse, ia retificar, talvez com argumentos de Procusto, com triagas mais temíveis que a Serpente, os anulares... Nessa noite, Aureliano folheou o antigo diálogo de Plutarco sobre a cessação dos oráculos; no parágrafo vinte e nove, leu uma burla contra os estóicos que defendem um infinito ciclo de mundos, com infinitos sóis, luas, Apolos, Dianas e Poseidons. O achado pareceu-lhe prognóstico favorável; resolveu adiantar-se a João de Panonia e refutar os heréticos da Roda.

Há quem procure o amor de uma mulher para esquecer-se dela, para não pensar mais nela; Aureliano, da mesma forma, queria superar João de Panonia para curar-se do rancor que ele lhe infundia, não para fazer-lhe mal. Temperado pelo mero trabalho, pela construção de silogismos e pela invenção de injúrias, pelos *nego* e os *autem* e os *nequaquam,* pôde esquecer esse rancor. Erigiu vastos e quase inextricáveis períodos, entrecortados por incisos, em que a negligência e o solecismo pareciam formas de desdém. Da cacofonia fez um instrumento. Previu que João ia fulminar os anulares com gravidade profética; para não coincidir com ele, optou pelo escárnio. Agostinho tinha escrito que Jesus é a via reta que nos salva do labirinto circular em que andam os ímpios; Aureliano, laboriosamente trivial,

comparou-os a Ixion, ao fígado de Prometeu, a Sísifo, àquele rei de Tebas que viu dois sóis, à gaguice, a louros, a espelhos, a ecos, a mulas de carga e a silogismos bicornutos. (As fábulas gentílicas perduravam, rebaixadas a adornos.) Como todo possuidor de uma biblioteca, Aureliano se sabia culpado de não conhecê-la até o fim; essa controvérsia permitiu-lhe chegar a um acordo com muitos livros que pareciam censurar sua incúria. Assim pôde engastar uma passagem da obra *De Principiis* de Orígenes, na qual se nega que Judas Iscariotes voltará a vender o Senhor, e Paulo, a presenciar o martírio de Estêvão em Jerusalém, e outra dos *Academica Priora* de Cícero, em que este zomba dos que sonham que, enquanto ele conversa com Lúculo, outros Lúculos e outros Cíceros, em número infinito, dizem exatamente o mesmo, em infinitos mundos iguais. Além disso, esgrimiu contra os monótonos o texto de Plutarco e denunciou o escândalo de que a um idólatra valesse mais o *lumen naturae* que a eles a palavra de Deus. Nove dias lhe tomou esse trabalho; no décimo, foi-lhe enviada uma cópia da refutação de João de Panonia.

Era quase irrisoriamente breve. Aureliano olhou-a com desdém e depois com temor. A primeira parte glosava os versículos finais do nono capítulo da Epístola aos Hebreus, na qual se diz que Jesus não foi sacrificado muitas vezes desde o início do mundo, senão agora uma vez na consumação dos séculos. A segunda alegava o preceito bíblico sobre as vãs repetições dos gentios (Mateus 6, 7) e aquela passagem do sétimo livro de Plínio, que pondera não haver no vasto universo duas faces iguais. João de Panonia declarava que tampouco há duas almas e que o pecador mais vil é precioso como o sangue que por

ele verteu Jesus Cristo. O ato de um único homem (afirmou) pesa mais que os nove céus concêntricos, e imaginar que possa perder-se e voltar é uma aparatosa frivolidade. O tempo não refaz o que perdemos; a eternidade guarda-o para a glória e também para o fogo. O tratado era límpido, universal; não parecia redigido por uma pessoa específica, mas por qualquer homem ou, talvez, por todos os homens.

Aureliano sentiu uma humilhação quase física. Pensou em destruir ou reformar seu próprio trabalho; em seguida, com rancorosa probidade, mandou-o para Roma sem modificar uma letra. Meses depois, quando se reuniu o Concílio de Pérgamo, o teólogo encarregado de impugnar os erros dos monótonos foi (previsivelmente) João de Panonia; sua douta e comedida refutação bastou para que Euforbo, heresiarca, fosse condenado à fogueira. "Isto ocorreu e voltará a ocorrer", disse Euforbo. *"Não acendeis uma pira, acendeis um labirinto de fogo. Se aqui se unissem todas as fogueiras que eu tenho sido, não caberiam na terra e os anjos ficariam cegos. Isto eu falei muitas vezes."* Depois gritou, porque as chamas o atingiram.

Caiu a Roda diante da Cruz,[4] mas Aureliano e João prosseguiram sua batalha secreta. Militavam os dois no mesmo exército, ansiavam pelo mesmo galardão, guerreavam contra o mesmo Inimigo, mas Aureliano não escreveu uma palavra que inconfessavelmente não pretendesse superar João. Seu duelo foi invisível; se os numerosos índices não me enganam, não figura uma única vez o nome do *outro* nos muitos volumes de Aureliano que a Patrologia de Migne entesoura. (Das obras de João, só permaneceram vinte palavras.) Os dois desaprovaram os

anátemas do segundo Concílio de Constantinopla; os dois perseguiram os arianos, que negavam a geração eterna do Filho; os dois testemunharam a ortodoxia da *Topographia Christiana* de Cosmas, que ensina ser a terra quadrangular, como o tabernáculo hebreu. Desgraçadamente, pelos quatro ângulos da terra difundiu-se outra tempestuosa heresia. Oriunda do Egito ou da Ásia (porque os testemunhos diferem e Bousset não quer admitir as razões de Harnack), infestou as províncias orientais e erigiu santuários na Macedônia, em Cartago e em Tréveris. Parecia estar em todas as partes; foi dito que nas dioceses da Bretanha tinham sido invertidos os crucifixos e que a imagem do Senhor, em Cesaréia, viu-se suplantada por um espelho. O espelho e o óbolo eram emblemas dos novos cismáticos.

A história os conhece por muitos nomes *(especulares, abismais, cainitas),* mas de todos o mais aceito é *histriões,* dado por Aureliano e que eles com atrevimento adotaram. Na Frigia foram chamados de *simulacros,* e também na Dardânia. João Damasceno chamou-os de *formas;* é justo advertir que a passagem tem sido repelida por Erfjord. Não há heresiólogo que, com espanto, não aluda a seus desmedidos costumes. Muitos histriões professaram o ascetismo; um que outro se mutilou, como Orígenes; outros moraram debaixo da terra, nas cloacas; outros arrancaram os olhos; outros (os *nabucodonosores* de Nitria) "pastavam como os bois e seu cabelo crescia como as penas da águia". Da mortificação e do rigor passavam, muitas vezes, ao crime; certas comunidades toleravam o roubo; outras, o homicídio; outras, a sodomia, o incesto e a bestialidade. Todas eram blasfemas; não só maldiziam o Deus cristão como as

arcanas divindades de seu próprio panteão. Maquinaram livros sagrados, cujo desaparecimento os doutos deploram. Sir Thomas Browne, por volta de 1658, escreveu: "O tempo aniquilou os ambiciosos Evangelhos *Histriônicos*, não as Injúrias com que se fustigou sua Impiedade"; Erfjord sugeriu que essas "injúrias" (que um códice grego preserva) são os evangelhos perdidos. Isso é incompreensível, se ignoramos a cosmologia dos histriões.

Nos livros herméticos está escrito que o que existe embaixo é igual ao que existe em cima, e o que existe em cima, igual ao que existe embaixo; no Zohar, que o mundo inferior é reflexo do superior. Os histriões fundaram sua doutrina sobre uma perversão dessa ideia. Invocaram Mateus 6, 12 ("perdoa nossas dívidas, como nós perdoamos a nossos devedores") e 11, 12 ("o reino dos céus adquire-se à força") para demonstrar que a terra influi no céu, e I Coríntios 13,12 ("vemos agora como que por um espelho, em enigma") para demonstrar que tudo o que vemos é falso. Talvez contaminados pelos monótonos, imaginaram que todo homem é dois homens e que o verdadeiro é o outro, o que está no céu. Também imaginaram que nossos atos projetam um reflexo invertido, de maneira que, se velamos, o outro dorme, se fornicamos, o outro é casto, se roubamos, o outro é generoso. Mortos, nos uniremos a ele e seremos ele. (Algum eco dessas doutrinas perdurou em Bloy.) Outros histriões discorreram que o mundo acabaria quando se esgotasse o número de suas possibilidades; já que não pode haver repetições, o justo deve eliminar (cometer) os atos mais infames, para que estes não manchem o futuro e para acelerar a vinda do reino de Jesus. Esse artigo foi negado por outras seitas, que defenderam que a história

do mundo deve cumprir-se em cada homem. Os demais, como Pitágoras, deverão transmigrar por muitos corpos antes de conseguir sua liberação; alguns, os protéicos, "no termo de uma só vida são leões, são dragões, são javalis, são água e são uma árvore". Demóstenes cita a purificação pela lama a que eram submetidos os iniciados nos mistérios órficos; os protéicos, analogicamente, procuraram a purificação pelo mal. Entenderam, como Carpócrates, que ninguém sairá da prisão até pagar o último óbolo (Lucas 12, 59), e costumavam ludibriar os penitentes com este outro versículo: "Eu vim para que os homens tenham vida e para que a tenham em abundância" (João 10,10). Também diziam que não ser malvado é soberba satânica... Muitas e divergentes mitologias urdiram os histriões; uns pregaram o ascetismo, outros a licenciosidade, todos a confusão. Teopompo, histrião de Berenice, negou todas as fábulas; disse que cada homem é um órgão que projeta a divindade para sentir o mundo.

Os hereges da diocese de Aureliano eram dos que afirmavam que o tempo não tolera repetições, não dos que afincoavam que todo ato se reflete no céu. Essa circunstância era estranha; em um relatório às autoridades romanas, Aureliano mencionou-a. O prelado que receberia o relatório era confessor da imperatriz; ninguém ignorava que esse ministério exigente lhe vedava as íntimas delícias da teologia especulativa. Seu secretário — antigo colaborador de João de Panonia, agora inimizado com ele — gozava do renome de pontualíssimo inquisidor de heterodoxias; Aureliano acrescentou uma exposição da heresia histriônica, tal como esta se dava nos conventículos de Gênova e de Aquiléia. Redigiu alguns parágrafos; quando quis escrever a tese horrível

de que não existem dois instantes iguais, sua pena se deteve. Não encontrou a fórmula necessária; as admoestações da nova doutrina ("Queres ver o que não viram os olhos humanos? Olha a lua. Queres ouvir o que os ouvidos não ouviram? Ouve o grito do pássaro. Queres tocar o que não tocaram as mãos? Toca a terra. Digo, verdadeiramente, que Deus está por criar o mundo") eram bastante afetadas e metafóricas para a transcrição. De repente, uma oração de vinte palavras apresentou-se a seu espírito. Escreveu-a, jubiloso; logo depois, inquietou-o a suspeita de que ela fosse de outro. No dia seguinte, lembrou-se de que a lera havia muitos anos no *Adversus Annulares* composto por João de Panonia. Verificou a citação; ali estava. A incerteza o atormentou. Alterar ou suprimir essas palavras era debilitar a expressão; deixá-las era plagiar um homem que ele abominava; indicar a fonte era denunciá-lo. Implorou o socorro divino. No princípio do segundo crepúsculo, seu anjo da guarda ditou-lhe uma solução intermédia. Aureliano conservou as palavras, mas lhes antepôs este aviso: *"O que ladram agora os heresiarcas para confusão da fé, disse-o neste século um varão doutíssimo, com mais irreflexão que culpa"*. Depois, aconteceu o temido, o esperado, o inevitável. Aureliano teve de declarar quem era esse varão; João de Panonia foi acusado de professar opiniões heréticas.

Quatro meses depois, um ferreiro de Aventino, alucinado pelos enganos dos histriões, pôs sobre os ombros de seu filhinho uma grande bola de ferro, a fim de que seu outro voasse. O menino morreu; o horror produzido por esse crime impôs uma irrepreensível severidade aos juízes de João. Este não quis retratar-se; repetiu que negar sua proposição era incorrer na

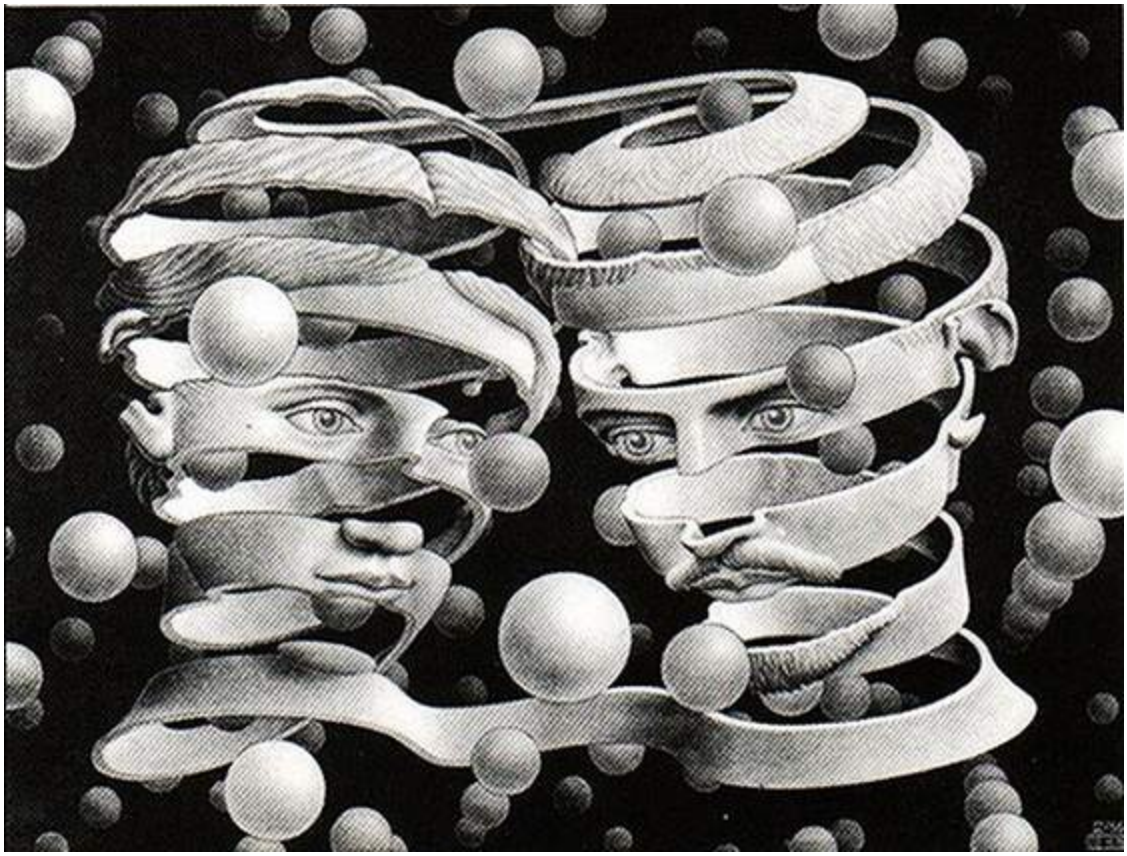
pestilencial heresia dos monótonos. Não entendeu (não quis entender) que falar dos monótonos era falar do que já estava esquecido. Com insistência um tanto senil, desperdiçou os períodos mais brilhantes de suas velhas polêmicas; os juízes nem sequer ouviam aquilo que outrora os arrebatara. Em lugar de tratar de purificar-se da mais leve mácula de histrionismo, esforçou-se em demonstrar que a proposição de que o acusavam era rigorosamente ortodoxa. Discutiu com os homens de cuja sentença dependia sua sorte e cometeu a máxima grosseria de fazê-lo com talento e com ironia. No dia 26 de outubro, depois de uma discussão que durou três dias e três noites, sentenciaram-no a morrer na fogueira.

Aureliano presenciou a execução, porque não o fazer seria confessar-se culpado. O lugar do suplício era uma colina, em cujo verde pico havia uma estaca, fincada profundamente no solo, e em torno dela muitas achas de lenha. Um ministro leu a sentença do tribunal. Sob o sol das doze, João de Panonia jazia com o rosto no pó, lançando uivos bestiais. Arranhava a terra, mas os verdugos o ergueram, o despiram e por fim o amarraram ao pelourinho. Puseram-lhe à cabeça uma coroa de palha untada de enxofre; ao lado, um exemplar do pestilento *Adversus Annulares*. Chovera na noite anterior e a lenha ardia mal. João de Panonia rezou em grego e depois em um idioma desconhecido. A fogueira ia levá-lo quando Aureliano se atreveu a erguer os olhos. As chamas ardentes se detiveram; Aureliano, pela primeira e última vez, viu o rosto do odiado. Lembrou-lhe o de alguém, mas não pôde precisar de quem. Depois, as chamas o perderam; depois, gritou e foi como se um incêndio gritasse.

Plutarco conta que Júlio César chorou a morte de Pompeu; Aureliano não chorou a de João, mas sentiu aquilo que sentiria um homem curado de uma enfermidade incurável que já fosse parte de sua vida. Em Aquiléia, em Éfeso, na Macedônia, deixou que sobre si passassem os anos. Procurou os difíceis limites do Império, os rudes lamaçais e os contemplativos desertos, para que a solidão o ajudasse a entender seu destino. Numa cela mauritana, na noite carregada de leões, repensou a complexa acusação contra João de Panonia e justificou, pela enésima vez, o veredicto. Custou-lhe mais justificar sua tortuosa denúncia. Em Rusaddir pregou o anacrônico *sermão Luz das Luzes Acesa na Carne de Um Réprobo*. Em Hibérnia, em uma das cabanas de um monastério cercado pela selva, surpreendeu-o, numa noite até a alvorada, o rumor da chuva. Lembrou-se de uma noite romana em que fora surpreendido, também, por esse minucioso rumor. Um raio, ao meio-dia, incendiou as árvores e Aureliano pôde morrer como morrera João.

O final da história só pode ser narrado com metáforas, já que se passa no reino dos céus, onde não há tempo. Talvez fosse oportuno dizer que Aureliano conversou com Deus e que Este se interessa tão pouco por diferenças religiosas que o tomou por João de Panonia. Isso, entretanto, insinuaria uma confusão da mente divina. Mais correto é dizer que no paraíso Aureliano soube que, para a insondável divindade, ele e João de Panonia (o ortodoxo e o herege, o odiado e o que odeia, o acusador e a vítima) formavam uma única pessoa.

א



HISTÓRIA DO GUERREIRO E DA CATIVA

Na página 278 do livro *La Poesia* (Bari, 1942), Croce, resumindo um texto latino do historiador Paulo, o Diácono, narra o destino e cita o epitáfio de Droctulft; estes me comoveram singularmente, depois compreendi por quê. Droctulft foi um guerreiro lombardo que, no assédio de Ravena, abandonou os seus e morreu defendendo a cidade que antes havia atacado. Os ravenenses sepultaram-no num templo e compuseram um epitáfio em que manifestavam sua gratidão (*"contempsit caros, dum nos amat ille, parentes*") e o peculiar contraste observado entre a aparência cruel daquele bárbaro e sua simplicidade e bondade:

Terribilis visu facies, sed mente benignus,
Longaque robusto pectore barba fuit! 5

Tal é a história do destino de Droctulft, bárbaro que morreu defendendo Roma, ou tal é o fragmento de sua história que Paulo, o Diácono, pôde resgatar. Nem sequer sei em que tempo ocorreu: se em meados do século VI, quando os longobardos desolaram as planícies da Itália; se no VIII, antes da rendição de

Ravena. Imaginemos (este não é um trabalho histórico) o primeiro.

Imaginemos Droctulft, *sub specie aeternitatis,* não como o indivíduo Droctulft, que sem dúvida foi único e insondável (todos os indivíduos o são), mas como tipo genérico que dele e de muitos outros como ele tem feito a tradição, que é obra do esquecimento e da memória. Através de uma obscura geografia de selvas e lodaçais, as guerras o trouxeram à Itália, desde as margens do Danúbio e do Elba, e talvez não soubesse que ia para o Sul e talvez não soubesse que guerreava contra o nome romano. É possível que professasse o arianismo, que sustenta ser a glória do Filho reflexo da glória do Pai, porém mais congruente é imaginá-lo devoto da terra, de Hertha, cujo ídolo coberto ia de cabana em cabana num carro puxado por vacas, ou dos deuses da guerra e do trovão, que eram toscas figuras de madeira, envoltas em roupa tecida e recobertas de moedas e argolas. Vinha das selvas inextricáveis do javali e do auroque; era branco, corajoso, inocente, cruel, leal a seu capitão e a sua tribo, não ao universo. As guerras o trazem a Ravena e aí vê algo que jamais viu, ou que não viu com plenitude. Vê o dia e os ciprestes e o mármore. Vê um conjunto que é múltiplo sem desordem; vê uma cidade, um organismo feito de estátuas, de templos, de jardins, de habitações, de grades, de jarrões, de capitéis, de espaços regulares e abertos. Nenhuma dessas obras (eu sei) o impressiona por ser bela; tocam-no como agora nos tocaria uma maquinaria complexa, cujo fim ignorássemos mas em cujo desenho fosse adivinhada uma inteligência imortal. Talvez lhe baste ver um único arco, com uma incompreensível inscrição em

eternas letras romanas. Bruscamente, cega-o e renova-o essa revelação — a Cidade. Sabe que nela será um cão, ou uma criança, e que não começará sequer a entendê-la, mas sabe também que ela vale mais que seus deuses e que a fé jurada e que todos os lodaçais da Alemanha. Droctulft abandona os seus e peleja por Ravena. Morre, e, na sepultura, gravam palavras que ele não teria entendido:

Contempsit caros, dum nos amat ille, parentes,
Hancpatriam reputans esse, Ravenna, suam.[17]

Não foi um traidor (os traidores não costumam inspirar epitáfios piedosos); foi um iluminado, um convertido. No fim de umas quantas gerações, os longobardos que culparam o trânsfuga procederam como ele; fizeram-se italianos, lombardos e talvez alguém de seu sangue — Aldiger — pôde gerar aqueles que geraram Alighieri... Muitas conjeturas podem ser aplicadas ao ato de Droctulft; a minha é a mais econômica; se não é verdadeira como fato, será como símbolo.

Quando li no livro de Croce a história do guerreiro, ela me comoveu de maneira insólita e tive a impressão de recuperar, sob forma diversa, algo que havia sido meu. Fugazmente pensei nos cavaleiros mongóis que queriam fazer da China um infinito campo de pastoreio e depois envelheceram nas cidades que tinham desejado destruir; não era essa a lembrança que eu buscava. Encontrei-a, por fim; era um relato que ouvi uma vez de minha avó inglesa, já morta.

Em 1872, meu avô Borges era chefe das fronteiras Norte e Oeste de Buenos Aires e Sul de Santa Fé. O comando estava em Junín; mais além, a quatro ou cinco léguas um do outro, a cadeia dos fortins; mais além, o que então se denominava La Pampa e também Tierra Adentro. Uma vez, entre maravilhada e brincalhona, minha avó comentou seu destino de inglesa desterrada nesse fim de mundo; disseram-lhe que não era a única e lhe mostraram, meses depois, uma rapariga índia que atravessava lentamente a praça. Vestia duas mantas vermelhas e ia descalça; suas tranças eram loiras. Um soldado disse-lhe que outra inglesa queria falar com ela. A mulher assentiu; entrou no comando sem temor, mas não sem receio. Na face acobreada, borrada de cores ferozes, os olhos eram desse azul entediado que os ingleses chamam cinzento. O corpo era ligeiro, como de corça; as mãos, fortes e ossudas. Vinha do deserto, de Tierra Adentro, e tudo parecia ficar-lhe pequeno: as portas, as paredes, os móveis.

Talvez as duas mulheres, por um instante, se sentissem irmãs; estavam longe de sua ilha querida e num inacreditável país. Minha avó enunciou qualquer pergunta; a outra respondeu com dificuldade, procurando as palavras e repetindo-as, como que assombrada por algum antigo sabor. Faria quinze anos que não falava o idioma natal e não era fácil recuperá-lo. Disse que era de Yorkshire, que seus pais emigraram para Buenos Aires, que os perdera num ataque, que os índios a levaram e que agora era mulher de um capitãozinho a quem já tinha dado dois filhos e que era muito valente. Foi dizendo isso num inglês rústico, intercalado de araucano ou pampa, e por trás do relato se vislumbrava uma vida cruel: os toldos de couro de cavalo, as

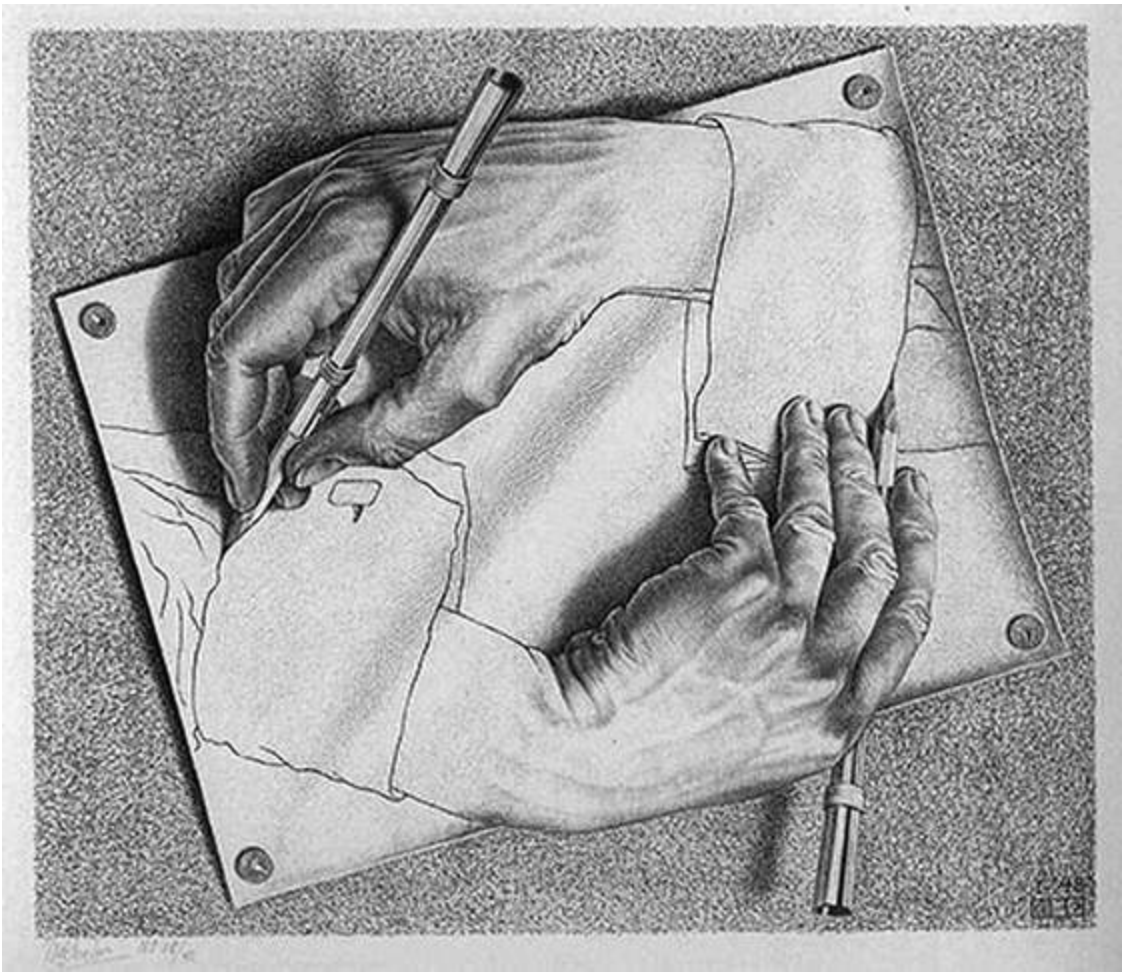
fogueiras de esterco, os festins de carne chamuscada ou de vísceras cruas, as sigilosas marchas ao amanhecer; o assalto aos currais, o alarido e o saque, a guerra, a caudalosa boiada tangida por cavaleiros desnudos, a poligamia, a hediondez e a magia. A tal barbárie se rebaixara uma inglesa. Movida pela lástima e pelo escândalo, minha avó exortou-a a não voltar. Jurou ampará-la, jurou resgatar seus filhos. A outra lhe respondeu que era feliz e voltou, nessa noite, para o deserto. Francisco Borges morreria pouco depois, na revolução de 74; minha avó, então, pôde talvez perceber na outra mulher, também arrebatada e transformada por este continente implacável, um espelho monstruoso de seu destino...

Todos os anos, a índia loira costumava chegar às tabernas de Junín, ou do Forte Lavalle, à procura de miudezas e "vícios"; não apareceu desde a conversa com minha avó. Entretanto, viram-se outra vez. Minha avó tinha saído para caçar; num rancho, perto dos banhados, um homem degolava uma ovelha. Como num sonho, a índia passou a cavalo. Atirou-se ao solo e bebeu o sangue quente. Não sei se o fez porque já não podia agir de outro modo ou como um desafio e um sinal.

Mil e trezentos anos e o mar punham-se entre o destino da cativa e o destino de Droctulft. Os dois, agora, são igualmente irrecuperáveis. A figura do bárbaro que abraça a causa de Ravena, a figura da mulher européia que opta pelo deserto podem parecer antagônicas. No entanto, um ímpeto secreto arrebatou os dois, um ímpeto mais fundo que a razão, e os dois acataram esse ímpeto que não souberam justificar. Talvez as

histórias que contei sejam uma única história. Para Deus, o anverso e o reverso desta moeda são iguais.

Para Ulrike von Kühlmann.



BIOGRAFIA DE TADEO ISIDORO CRUZ

(1829-1874)

I'm looking for the face I had
Before the world was made.
YEATS: *The Winding Stair*.

No dia 6 de fevereiro de 1829, os guerrilheiros que, fustigados por Lavalle, marchavam do Sul para incorporar-se às divisões de López, pararam em uma estância cujo nome ignoravam, a três ou quatro léguas do Pergamino; ao amanhecer, um dos homens teve um pesadelo tenaz: na penumbra do galpão, o confuso grito despertou a mulher que com ele dormia.

Ninguém sabe o que sonhou, pois no outro dia, às quatro, os guerrilheiros foram desbaratados pela cavalaria de Suárez e a perseguição durou nove léguas, até os palhegais já sombrios, e o homem pereceu numa vala, partido o crânio por um sabre das guerras do Peru e do Brasil. A mulher chamava-se Isidora Cruz; o filho que teve recebeu o nome de Tadeo Isidoro.

Meu propósito não é repetir sua história. Dos dias e noites que a compõem, só me interessa uma noite; do resto não contarei senão o indispensável para que essa noite seja entendida. A aventura consta de um livro insigne; quer dizer, de um livro cuja matéria pode ser tudo para todos (I Coríntios 9, 22), pois é capaz de quase inesgotáveis repetições, versões, perversões. Os que têm comentado, e são muitos, a história de Tadeo Isidoro destacam a

influência da planície em sua formação, mas gaúchos idênticos a ele nasceram e morreram nas selváticas margens do Paraná e nas coxilhas orientais. Viveu, isso sim, num mundo de barbárie monótona. Quando, em 1874, morreu de uma varíola negra, não tinha visto nunca uma montanha nem um bico de gás nem um moinho. Tampouco uma cidade. Em 1849, foi a Buenos Aires com uma tropa do estabelecimento de Francisco Xavier Acevedo; os tropeiros entraram na cidade para esvaziar o cinto; Cruz, receoso, não saiu de uma hospedaria na vizinhança dos currais. Passou aí muitos dias, taciturno, dormindo na terra, mateando, levantando-se ao alvorecer e recolhendo-se à hora da prece. Compreendeu (além das palavras e até do entendimento) que a cidade nada tinha a ver com ele. Um dos peões, bêbado, zombou dele. Cruz não lhe respondeu, mas nas noites do regresso, junto à fogueira, o outro amiudava as zombarias, e então Cruz (que antes não demonstrara rancor, nem sequer desgosto) o estendeu com uma punhalada. Fugitivo, teve de refugiar-se num faxinal; noites depois, o grito de uma chajá advertiu-o que a polícia o havia cercado. Experimentou a faca num arbusto; para que não lhe estorvassem a caminhada, tirou as esporas. Preferiu lutar a entregar-se. Foi ferido no antebraço, no ombro, na mão esquerda; feriu gravemente os mais bravos da partida; quando o sangue lhe correu entre os dedos, lutou com mais coragem que nunca; ao amanhecer, tonto pela perda de sangue, desarmaram-no. O exército desempenhava, então, uma função penal; Cruz foi mandado para um fortim da fronteira Norte. Como soldado raso, participou das guerras civis; às vezes combateu por sua província natal, às vezes contra. Em 23 de janeiro de 1856, nas Lagunas de

Cardoso, foi um dos trinta cristãos que, a mando do sargento-mor Eusébio Laprida, lutaram contra duzentos índios. Nessa ação, recebeu um ferimento de lança.

Em sua obscura e valorosa história são muitos os hiatos. Por volta de 1868, sabemos que estava de novo no Pergamino: casado ou amasiado, pai de um filho, dono de um pedaço de campo. Em 1869, foi nomeado sargento da polícia rural. Corrigira o passado; naquele tempo, deve ter-se considerado feliz, embora no fundo não o fosse. (Esperava-o, secreta no futuro, uma lúcida noite fundamental: a noite em que por fim viu sua própria face, a noite em que por fim escutou seu nome. Bem entendida, essa noite esgota sua história; ou melhor, um instante dessa noite, um ato dessa noite, porque os atos são nosso símbolo.) Qualquer destino, por longo e complicado que seja, consta da realidade *de um único momento*: o momento em que o homem sabe para sempre quem é. Conta-se que Alexandre da Macedônia viu refletido seu futuro de ferro na fabulosa história de Aquiles; Carlos XII da Suécia, na de Alexandre. Tadeo Isidoro Cruz, que não sabia ler, esse conhecimento não lhe foi revelado por um livro; viu-se a si mesmo em um entrevero e num homem. Os fatos aconteceram assim:

Nos últimos dias do mês de junho de 1870, recebeu ordem de prender um malfeitor que devia duas mortes à Justiça. Era um desertor das forças que o coronel Benito Machado comandava na fronteira Sul; numa bebedeira, assassinara um homem mulato num bordel; noutra, um vizinho do partido de Rojas; o relatório acrescentava que procedia de Laguna Colorada. Nesse lugar, fazia quarenta anos, haviam-se reunido os guerrilheiros para a

desventura que entregou suas carnes aos pássaros e aos cães; daí saiu Manuel Mesa, que foi executado na praça da Victoria, enquanto os tambores soavam para que não se ouvisse sua ira; daí, o desconhecido que gerou Cruz e que pereceu numa vala, partido o crânio por um sabre das batalhas do Peru e do Brasil. Cruz esquecera o nome do lugar; com leve mas inexplicável inquietude, reconheceu-o... O criminoso, acossado pelos soldados, armou a cavalo um extenso labirinto de idas e vindas; estes, entretanto, o encurralaram na noite de 12 de julho. Refugiara-se num palhegal. A treva era quase indecifrável; Cruz e os seus, cautelosos e a pé, avançaram em direção das matas em cuja fundura trêmula espreitava ou dormia o homem secreto. Gritou uma chajá; Tadeo Isidoro Cruz teve a impressão de já ter vivido esse momento. O criminoso saiu do abrigo para combatê-los. Cruz o entreviu, terrível; a crescida cabeleira e a barba cinzenta pareciam comer-lhe a face. Um motivo evidente me impede de narrar a luta. Basta-me recordar que o desertor feriu gravemente ou matou vários dos homens de Cruz. Este, enquanto combatia na escuridão (enquanto seu corpo combatia na escuridão), começou a compreender. Compreendeu que um destino não é melhor que outro, mas que todo homem deve acatar aquele que traz consigo. Compreendeu que as divisas e o uniforme já o estorvavam. Compreendeu seu íntimo destino de lobo, não de cachorro gregário; compreendeu que o outro era ele. Amanhecia na imensa planície. Cruz atirou por terra o quepe, gritou que não ia consentir no delito de que se matasse um valente e pôs-se a lutar contra os soldados, junto com o desertor Martín Fierro.

א

EMMA ZUNZ

No dia 14 de janeiro de 1922, Emma Zunz, ao voltar da fábrica de tecidos Tarbuch e Loewenthal, encontrou no fundo do vestíbulo uma carta, datada do Brasil, pela qual soube que seu pai tinha morrido. Enganaram-na, à primeira vista, o selo e o envelope; depois, inquietou-a a letra desconhecida. Nove ou dez linhas mal traçadas quase enchiam a folha; Emma leu que o senhor Maier tinha ingerido por engano uma forte dose de veronal e tinha falecido a 3 do corrente no hospital de Bagé. Um companheiro de pensão de seu pai assinava a notícia, um tal Fein ou Fain, de Rio Grande, que não podia saber que se dirigia à filha do morto.

Emma deixou cair o papel. A primeira sensação foi de mal-estar no ventre e nos joelhos; depois, de cega culpa, de irrealidade, de frio, de temor; depois, quis já estar no dia seguinte. Imediatamente, compreendeu que essa vontade era inútil, porque a morte de seu pai era a única coisa que tinha sucedido no mundo e que continuaria sucedendo para sempre. Pegou o papel e foi para o quarto. Furtivamente, guardou-o na gaveta, como se, de alguma forma, já conhecesse os fatos ulteriores. Talvez já começasse a vislumbrá-los; já era a que seria.

Na crescente escuridão, Emma chorou até o fim daquele dia o suicídio de Manuel Maier, que nos velhos dias felizes fora Emanuel Zunz. Recordou veraneios numa chácara, perto de

Gualeguay, recordou (procurou recordar) sua mãe, recordou a casinha de Lanús que lhes arrematara, recordou os amarelos losangos de uma janela, recordou o auto de prisão, o opróbrio, recordou as cartas anônimas com o comentário sobre "o desfalque do caixa", recordou (mas isso ela nunca esquecia) que seu pai, na última noite, jurara que o ladrão era Loewenthal. Loewenthal, Aaron Loewenthal, antes gerente da fábrica e agora um dos donos. Emma, desde 1916, guardava o segredo. A ninguém o revelara, nem sequer a sua melhor amiga, Elsa Urstein. Talvez evitasse a profana incredulidade; talvez acreditasse que o segredo fosse um vínculo entre ela e o ausente. Loewenthal não sabia que ela sabia; Emma Zunz tirava desse fato ínfimo um sentimento de poder.

Não dormiu àquela noite, e, quando a primeira luz definiu o retângulo da janela, já estava perfeito seu plano. Procurou fazer com que esse dia, que lhe pareceu interminável, fosse como os outros. Havia na fábrica rumores de greve; Emma, como sempre, declarou-se contra qualquer violência. As seis, concluído o trabalho, foi com Elsa a um clube para mulheres, com ginásio e piscina. Inscreveram-se; teve que repetir e soletrar seu nome e sobrenome, teve que achar graça das brincadeiras vulgares com que é comentado o exame médico. Com Elsa e com a mais moça das Kronfuss discutiu a que cinema iriam no domingo à tarde. Depois, falou-se de namorados e ninguém esperou que Emma falasse. Completaria dezenove anos em abril, mas os homens lhe inspiravam ainda um temor quase patológico... Na volta, preparou uma sopa de tapioca e uns legumes, comeu cedo,

deitou-se e obrigou-se a dormir. Assim, laboriosa e trivial, passou a sexta-feira, dia 15, a véspera.

No sábado, a impaciência despertou-a. A impaciência, não a inquietude, e o singular alívio de estar finalmente naquele dia. Já não tinha que tramar e imaginar; dentro de algumas horas, atingiria a simplicidade dos fatos. Leu em *La Prensa* que o *Nordstjârnan,* de Malmo, zarparia nessa noite do cais 3; telefonou para Loewenthal, insinuou que desejava comunicar, sem que as outras soubessem, algo sobre a greve e prometeu passar pelo escritório, ao anoitecer. Tremia-lhe a voz; o tremor convinha a uma delatora. Nenhum outro fato memorável ocorreu nessa manhã. Emma trabalhou até as doze e marcou com Elsa e com Perla Kronfuss os pormenores do passeio de domingo. Deitou-se depois de almoçar e recapitulou, de olhos fechados, o plano que tramara. Pensou que a etapa final seria menos horrível que a primeira e que lhe proporcionaria, sem dúvida, o sabor da vitória e da justiça. De repente, alarmada, levantou-se e correu à gaveta da cômoda. Abriu-a; debaixo do retrato de Milton Sills, onde a deixara na noite anterior, estava a carta de Fain. Ninguém podia tê-la visto; começou a ler e rasgou-a.

Narrar com alguma realidade os fatos dessa tarde seria difícil e talvez improcedente. Um atributo do infernal é a irrealidade, um atributo que parece diminuir seus terrores e que talvez os agrave. Como tornar verossímil uma ação na qual quase não acreditou quem a executava, como recuperar esse breve caos que hoje a memória de Emma repudia e confunde? Emma vivia em Almagro, na rua Liniers; consta-nos que nessa tarde foi ao porto. Talvez no infame Paseo de Julio se tenha visto multiplicada em

espelhos, anunciada por luzes e despida pelos olhos famintos, porém mais razoável é conjeturar que a princípio errou, inadvertida, pela indiferente galeria... Entrou em dois ou três bares, viu a rotina ou os modos de outras mulheres. Por fim, deu com homens do *Nordstjârnan*. Temeu que um deles, muito jovem, lhe inspirasse alguma ternura e optou por outro, talvez mais baixo que ela e grosseiro, a fim de que a pureza do horror não fosse diminuída. O homem conduziu-a a uma porta e depois a um turvo saguão e depois a uma escada tortuosa e depois a um vestíbulo (em que havia uma vidraça com losangos idênticos aos da casa em Lanús) e depois a um corredor e depois a uma porta que se fechou. Os fatos graves estão fora do tempo, seja porque neles o passado imediato fica como que separado do futuro, seja porque não parecem consecutivas as partes que os formam.

Naquele tempo fora do tempo, naquela desordem caótica de sensações inconexas e atrozes, Emma Zunz pensou *uma única vez* no morto que motivava o sacrifício? Tenho para mim que pensou uma vez e que nesse momento correu perigo seu desesperado propósito. Pensou (não pôde deixar de pensar) que seu pai tinha feito a sua mãe a coisa horrível que lhe faziam agora. Pensou com débil assombro e se refugiou, em seguida, na vertigem. O homem, sueco ou finlandês, não falava espanhol; foi um instrumento para Emma como esta o foi para ele, mas ela serviu para o gozo e ele para a justiça.

Quando ficou sozinha, Emma não abriu em seguida os olhos. Na mesa-de-cabeceira estava o dinheiro deixado pelo homem. Emma sentou-se e o rasgou como antes rasgara a carta. Rasgar dinheiro é uma impiedade, como jogar fora o pão; Emma

arrependeu-se, tão logo o fez. Um ato de soberba, e naquele dia... O medo perdeu-se na tristeza de seu corpo, no asco. O asco e a tristeza prendiam-na, mas Emma lentamente se levantou e começou a vestir-se. No quarto não restavam cores vivas; o último crepúsculo se adensava. Ela pôde sair sem que a percebessem; na esquina, pegou um Lacroze que ia para o oeste. Escolheu, conforme seu plano, o banco mais da frente para que não lhe vissem o rosto. Talvez a tenha consolado verificar, no insípido movimento das ruas, que o acontecido não contaminara as coisas. Passou por bairros decrescentes e opacos, vendo-os e esquecendo-os no ato, e desceu numa das esquinas de Warnes. Paradoxalmente, seu cansaço vinha a ser uma força, pois a obrigava a concentrar-se nos pormenores da aventura e lhe ocultava o fundo e o fim.

Aaron Loewenthal era, para todos, um homem sério; para seus poucos íntimos, um avarento. Vivia nos altos da fábrica, sozinho. Estabelecido no desmantelado arrabalde, temia os ladrões; no pátio da fábrica havia um grande cachorro e na gaveta do escritório, ninguém o ignorava, um revólver. Chorara com decoro, no ano anterior, a inesperada morte da mulher — uma Gauss, que lhe trouxe um bom dote! —, mas o dinheiro era sua verdadeira paixão. Com íntima vergonha, sabia ser menos apto para ganhá-lo que para conservá-lo. Era muito religioso; acreditava ter com o Senhor um pacto secreto, que o eximia de agir bem a troco de orações e devoções. Calvo, corpulento, enlutado, de óculos escuros e barba ruiva, esperava de pé, junto à janela, a informação confidencial da operária Zunz.

Viu-a empurrar a grade (que ele deixara entreaberta, de propósito) e cruzar o pátio sombrio. Viu-a dar uma pequena volta quando o cachorro amarrado latiu. Os lábios de Emma se atarefavam como os de quem reza em voz baixa; cansados, repetiam a sentença que o senhor Loewenthal ouviria antes de morrer.

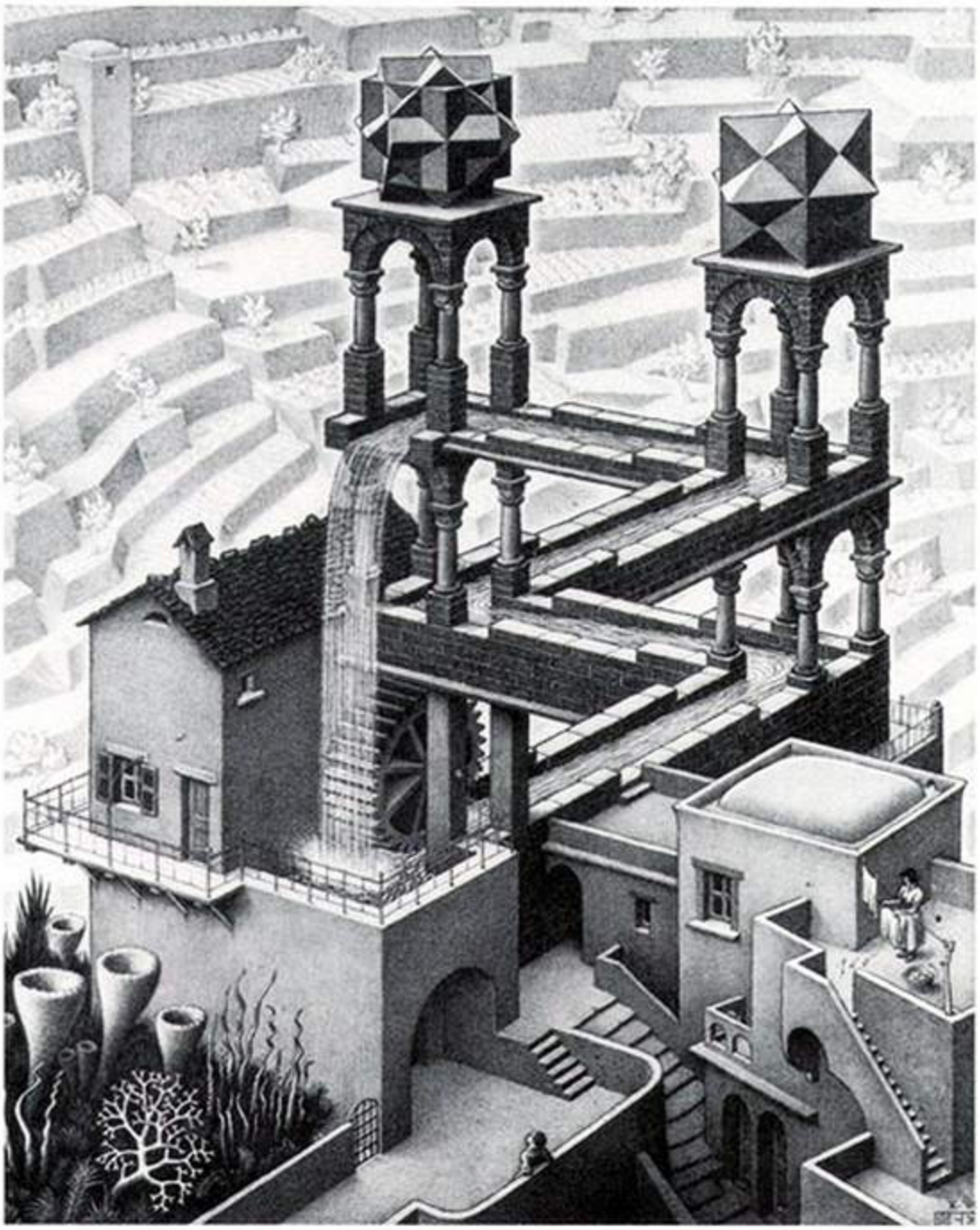
As coisas não ocorreram como previra Emma Zunz. Desde a madrugada anterior, sonhara, muitas vezes, apontando o firme revólver, forçando o miserável a confessar a miserável culpa e expondo o corajoso estratagema que permitiria à justiça de Deus triunfar sobre a justiça humana. (Não por medo, mas por ser um instrumento da Justiça, ela não queria ser castigada.) Depois, um só balaço no meio do peito rubricaria a sorte de Loewenthal. Mas as coisas não ocorreram assim.

Diante de Aaron Loewenthal, mais que a urgência de vingar o pai, Emma sentiu a de castigar o ultraje sofrido por isso. Não podia deixar de matá-lo, depois dessa minuciosa desonra. Tampouco tinha tempo a perder com teatralidades. Sentada, tímida, pediu desculpas a Loewenthal, invocou (à maneira de delatora) as obrigações da lealdade, pronunciou alguns nomes, deu a entender outros e calou-se como se o medo a vencesse. Conseguiu que Loewenthal saísse para buscar um copo d'água. Quando ele, incrédulo de tal agitação, mas indulgente, voltou da sala de jantar, Emma já tinha tirado da gaveta o pesado revólver. Apertou o gatilho duas vezes. O considerável corpo caiu como se os estampidos e a fumaça o tivessem rompido, o copo se partiu, o rosto olhou-a com assombro e cólera, a boca injuriou-a em espanhol e em iídiche. Os palavrões não cessavam; Emma teve de

fazer fogo outra vez. No pátio, o cachorro acorrentado pôs-se a ladrar, e uma efusão de sangue repentino brotou dos lábios obscenos e manchou a barba e a roupa. Emma iniciou a acusação que tinha preparada ("Vinguei meu pai e não me poderão castigar..."), mas não a concluiu, porque o senhor Loewenthal já estava morto. Não soube nunca se ele chegou a compreender.

Os tensos latidos lembraram que ela não podia, ainda, descansar. Desordenou o divã, desabotoou o paletó do cadáver, tirou-lhe os óculos salpicados e deixou-os sobre o fichário. Em seguida, pegou o telefone e repetiu o que tantas vezes repetiria, com essas e com outras palavras: *"Aconteceu uma coisa inacreditável... O senhor Loewenthal me fez vir com o pretexto da greve... Abusou de mim, eu o matei..."*

A história era inacreditável, de fato, mas se impôs a todos, pois substancialmente era certa. Verdadeiro era o tom de Emma Zunz, verdadeiro o pudor, verdadeiro o ódio. Verdadeiro também era o ultraje que padecera; só eram falsas as circunstâncias, a hora e um ou dois nomes próprios.



A CASA DE ASTÉRION

E a rainha deu à luz um filho que se chamou Astérion.
APOLODORO: *Biblioteca,* III, I.

Sei que me acusam de soberba, e talvez de misantropia, talvez de loucura. Tais acusações (que castigarei no devido tempo) são irrisórias. É verdade que não saio de minha casa, mas também é verdade que suas portas (cujo número é infinito)6 estão abertas dia e noite aos homens e também aos animais. Que entre quem quiser. Não encontrará aqui pompas femininas, nem o bizarro aparato dos palácios, mas sim a quietude e a solidão. Por isso mesmo, encontrará uma casa como não há outra na face da terra. (Mentem os que declaram existir uma parecida no Egito.) Até meus detratores admitem que não há *um só móvel* na casa. Outra afirmação ridícula é que eu, Astérion, sou um prisioneiro. Repetirei que não há uma porta fechada, acrescentarei que não existe uma —, fechadura? Mesmo porque, num entardecer, pisei a rua; se voltei antes da noite, foi pelo temor que me infundiram os rostos da plebe, rostos descoloridos e iguais, como a mão aberta. Já se tinha posto o sol, mas o desvalido pranto de um menino e as rudes preces da grei disseram que me haviam reconhecido. O povo orava, fugia, se prosternava; alguns se encarapitavam no estilóbato do templo dos Machados, outros juntavam pedras. Alguém, creio, ocultou-se no mar. Não em vão

que foi uma rainha minha mãe; não posso confundir-me com o vulgo, ainda que minha modéstia o queira.

O fato é que sou único. Não me interessa o que um homem possa transmitir a outros homens; como o filósofo, penso que nada é comunicável pela arte da escrita. As enfadonhas e triviais minúcias não encontram espaço em meu espírito, que está capacitado para o grande; jamais guardei a diferença entre uma letra e outra. Certa impaciência generosa não consentiu que eu aprendesse a ler. Às vezes o deploro, porque as noites e os dias são longos.

Claro que não me faltam distrações. Como o carneiro que vai investir, corro pelas galerias de pedra até cair no chão, atordoado. Oculto-me à sombra de uma cisterna ou à volta de um corredor e divirto-me com que me procurem. Há terraços de onde me deixo cair, até me ensanguentar. A qualquer hora posso brincar que estou dormindo, com os olhos fechados e a respiração forte. (Às vezes durmo realmente, às vezes já é outra a cor do dia quando abro os olhos.) Mas, de tantas brincadeiras, a que prefiro é a de outro Astérion. Finjo que ele vem visitar-me e que eu lhe mostro a casa. Com grandes reverências, digo-lhe: *"Agora voltamos à encruzilhada anterior"* ou *"Agora desembocamos em outro pátio*" *ou* "*Bem dizia eu que te agradaria o pequeno canal*" *ou "Agora verás uma cisterna que se encheu de areia" ou " lá verás como o porão se bifurca"*. Às vezes me engano e nos rimos amavelmente os dois.

Não só criei esses jogos; também meditei sobre a casa. Todas as partes da casa existem muitas vezes, qualquer lugar é outro lugar. Não há uma cisterna, um pátio, um bebedouro, um

pesebre; são catorze [são infinitos] os pesebres, bebedouros, pátios, cisternas. A casa é do tamanho do mundo; ou melhor, é o mundo. Todavia, à força de andar por pátios com uma cisterna e com poeirentas galerias de pedra cinzenta, alcancei a rua e vi o templo dos Machados e o mar. Não entendi isso até que uma visão da noite me revelou que também são catorze [são infinitos] os mares e os templos. Tudo existe muitas vezes, catorze vezes, mas duas coisas há no mundo que parecem existir uma única vez: em cima, o intrincado sol; embaixo, Astérion. Talvez eu tenha criado as estrelas e o sol e a enorme casa, mas já não me lembro.

Cada nove anos, entram na casa nove homens para que eu os liberte de todo o mal. Ouço seus passos ou sua voz no fundo das galerias de pedra e corro alegremente para procurá-los. A cerimônia dura poucos minutos. Um após o outro, caem, sem que eu ensanguente as mãos. Onde caíram, ficam, e os cadáveres ajudam a distinguir uma galeria das outras. Ignoro quem sejam, mas sei que um deles profetizou, na hora da morte, que um dia chegaria meu redentor. Desde esse momento a solidão não me magoa, porque sei que vive meu redentor e que por fim se levantará do pó. Se meu ouvido alcançassem todos os rumores do mundo, eu perceberia seus passos. Oxalá me leve para um lugar com menos galerias e menos portas. Como será meu redentor? — me pergunto. Será um touro ou um homem? Será talvez um touro com cara de homem? Ou será como eu?

O sol da manhã reverberou na espada de bronze. Já não restava qualquer vestígio de sangue.

— Acreditarás, Ariadne? — disse Teseu. — O minotauro mal se defendeu.

A Marte Mosquera Eastman.

A OUTRA MORTE

Há uns dois anos (perdi a carta), Gannon me escreveu de Gualeguaychú, anunciando o envio de uma versão, talvez a primeira espanhola, do poema *The Past* de Ralph Waldo Emerson e acrescentando num pós-escrito que Dom Pedro Damián, de quem eu guardaria alguma lembrança, tinha morrido, noites atrás, de uma congestão pulmonar. O homem, arrasado pela febre, revivera em seu delírio a sangrenta jornada de Masoller; a notícia pareceu-me previsível e até convencional, porque Dom Pedro, aos dezenove ou vinte anos, seguira as bandeiras de Aparicio Saravia. A revolução de 1904 encontrou-o em uma estância de Rio Negro ou de Paysandú, onde trabalhava como peão; Pedro Damián era entrerriano, de Gualeguay, mas foi para onde foram os amigos, tão corajoso e tão ignorante como eles. Combateu em algum entrevem e na batalha final; repatriado em 1905, retomou com humilde tenacidade as tarefas do campo. Que eu saiba, não tornou a deixar sua província. Os últimos trinta anos passou-os em um posto muito isolado, a uma ou duas léguas do Nancay; naquele abandono, conversei com ele uma tarde (procurei conversar com ele uma tarde), por volta de 1942. Era homem taciturno, de poucas luzes. O som e a fúria de Masoller esgotavam sua história; não me surpreendeu que os revivesse, na hora da morte... Soube que não veria mais Damián e quis recordá-lo; tão pobre é minha memória visual que só recordei

uma fotografia que Gannon lhe tirou. O fato nada tem de singular, se considerarmos que vi o homem em princípios de 1942, uma vez, e o retrato, muitíssimas. Gannon mandou-me essa fotografia; eu a perdi e já não a procuro. Encontrá-la me daria medo.

O segundo episódio ocorreu em Montevidéu, meses depois. A febre e a agonia do entrerriano sugeriram-me um conto fantástico sobre a derrota de Masoller; Emir Rodríguez Monegal, a quem contei o argumento, deu-me uma carta para o coronel Dioniso Tabares, que havia feito essa campanha. O coronel recebeu-me depois do jantar. De uma cadeira de balanço, num pátio, lembrou-se com desordem e amor dos tempos passados. Falou de munições que não chegaram e de cavalhadas rendidas, de homens sonolentos e terrosos tecendo labirintos de marchas, de Saravia, que podia ter entrado em Montevidéu e se desviou, "porque o gaúcho teme a cidade", de homens degolados até a base da nuca, de uma guerra civil que me pareceu menos o choque de dois exércitos do que o sonho de um foragido. Falou de Illescas, de Tupambaé, de Masoller. Fê-lo com períodos tão cabais e de modo tão vívido que compreendi ter ele muitas vezes já contado essas mesmas coisas, e temi que, por trás de suas palavras, quase não restassem lembranças. Numa pausa, consegui intercalar o nome de Damián.

— Damián? Pedro Damián? — disse o coronel. — Esse serviu comigo. Um tapezinho que os rapazes chamavam Daymán. — Iniciou uma ruidosa gargalhada e cortou-a de repente, com fingida ou verdadeira incomodidade.

Com outra voz, disse que a guerra servia, como a mulher, para que se provassem os homens, e que, antes de entrar em batalha, ninguém sabia quem era. Alguém podia supor-se covarde e ser um valente, e também o contrário, como ocorreu com esse pobre Damián, que andou se exibindo nas tabernas com sua divisa branca e depois fraquejou em Masoller. Num tiroteio com os *zumacos,* comportou-se como homem, mas outra coisa foi quando os exércitos se enfrentaram e começou o canhoneio, e cada homem sentindo que cinco mil outros se reuniram para matá-lo. Pobre rapaz, passou a vida banhando ovelhas e, assim de repente, arrastou-o essa patriotada...

Absurdamente, a versão de Tabares me envergonhou. Teria preferido que os fatos não ocorressem assim. Com o velho Damián, entrevisto numa tarde, há muitos anos, eu criara, sem me propor isso, uma espécie de ídolo; a versão de Tabares o destruía. Subitamente, compreendi a reserva e a obstinada solidão de Damián; não as ditara a modéstia, mas a vergonha. Em vão, tentei me convencer de que um homem acossado por um ato de covardia é mais complexo e mais interessante que um homem meramente corajoso. O gaúcho Martín Fierro, pensei, é menos memorável que Lord Jim ou que Razumov. Sim, mas Damián, como gaúcho, tinha obrigação de ser Martín Fierro — sobretudo diante de gaúchos orientais. No que Tabares disse e não disse percebi o agreste sabor do que se chamava artiguismo: a consciência (talvez irrefutável) de que o Uruguai seja mais elementar que nosso país e, portanto, mais bravo... Lembro-me de que, nessa noite, nos despedimos com exagerada efusão.

No inverno, a falta de um ou dois pormenores para meu conto fantástico (que se obstinava, sem jeito, em não encontrar sua forma) fez com que eu voltasse à casa do coronel Tabares. Encontrei-o com outro senhor de idade: o doutor Juan Francisco Amaro, de Paysandú, que também tinha militado na revolução de Saravia. Falou-se, como se podia prever, de Masoller. Amaro contou alguns fatos curiosos e depois acrescentou, com lentidão, como quem está pensando em voz alta:

— Acampamos à noite em *Santa Irene*, lembro-me, e juntaram-se a nós algumas pessoas. Entre elas, um veterinário francês que morreu na véspera da ação, e um moço tosquiador, de Entre Ríos, um tal Pedro Damián.

Interrompi-o com aspereza.

— Já sei — disse-lhe. — O argentino que fraquejou diante das balas.

Detive-me; os dois me olhavam perplexos.

— O senhor está enganado — disse, por fim, Amaro. — Pedro Damián morreu como qualquer homem desejaria morrer. Deviam ser quatro da tarde. No alto da coxilha se fortalecera a infantaria colorada; os nossos a atacaram, à lança; Damián ia na ponta, gritando, e uma bala o acertou em cheio no peito. Firmou-se nos estribos, completou o grito e caiu por terra e ficou entre as patas dos cavalos. Estava morto e a última carga de Masoller lhe passou por cima. Tão valente e nem tinha completado vinte anos.

Sem dúvida, falava de outro Damián, mas algo me fez perguntar o que gritava o rapaz.

— Palavrões — disse o coronel —, que é o que se grita nos combates.

— Pode ser — disse Amaro —, mas também gritou "Viva Urquiza!"

Ficamos calados. Por fim, o coronel murmurou:

— Como se não lutasse em Masoller, mas em Cagancha ou India Muerta, há um século...

Acrescentou com sincera perplexidade:

— Eu comandei essas tropas, e juraria que é a primeira vez que ouço falar de um Damián.

Não conseguimos que se lembrasse dele.

Em Buenos Aires, o espanto que me causou seu esquecimento se repetiu. Diante dos onze deleitáveis volumes das obras de Emerson, no porão da livraria inglesa de Mitchell, encontrei, numa tarde, Patrício Gannon. Perguntei-lhe por sua tradução de *The Past*. Disse que não pensava em traduzi-lo e que a literatura espanhola era tão tediosa que tornava Emerson desnecessário. Lembrei-lhe que me havia prometido essa versão na mesma carta em que me escreveu sobre a morte de Damián. Perguntou quem era Damián. Disse-o, inutilmente. Com um princípio de terror, observei que me escutava com estranheza, e procurei amparo numa discussão literária sobre os detratores de Emerson, poeta mais complexo, mais hábil e sem dúvida mais singular que o desditoso Poe.

Alguns fatos mais devo registrar. Em abril, recebi carta do coronel Dionísio Tabares; já não estava tão esquecido e agora se lembrava muito bem do pequeno entrerriano que esteve na ponta

do ataque de Masoller e que seus homens enterraram naquela noite, ao pé da coxilha. Em julho, passei por Gualeguaychú; não encontrei o rancho de Damián, de quem já ninguém se lembrava. Quis interrogar o posteiro, Diego Abaroa, que o viu morrer; mas este tinha falecido antes do inverno. Quis trazer à memória os traços de Damián, meses depois, folheando alguns álbuns, comprovei que o rosto sombrio que eu conseguira evocar era o do célebre tenor Tamberlick, no papel de Otelo.

Passo agora às conjeturas. A mais fácil, mas também a menos satisfatória, requer dois Damianes: o covarde que morreu em Entre Ríos por volta de 1946, o valente que morreu em Masoller em 1904. Seu defeito reside em não explicar o realmente enigmático: os curiosos vaivéns da memória do coronel Tabares, o esquecimento que anula em tão pouco tempo a imagem e até o nome do que voltou. (Não aceito, não quero aceitar, uma conjetura mais simples: a de eu ter sonhado o primeiro.) Mais curiosa é a conjetura sobrenatural que Ulrike von Kühlmann imaginou. Pedro Damián, dizia Ulrike, pereceu na batalha, e na hora da morte suplicou a Deus que o fizesse voltar a Entre Ríos. Deus vacilou um segundo antes de outorgar essa graça, e quem a pedira já estava morto e alguns homens viram-no cair. Deus, que não pode mudar o passado, mas sim as imagens do passado, trocou a imagem da morte pela de um desfalecimento, e a sombra do entrerriano voltou a sua terra. Voltou, mas devemos recordar sua condição de sombra. Viveu na solidão, sem uma mulher, sem amigos; amou e possuiu tudo, mas de longe, como do outro lado de um vidro; "morreu", e sua tênue imagem se perdeu, como a água na água. Essa conjetura é errônea, mas me haveria de

sugerir a verdadeira (a que hoje creio verdadeira), que, ao mesmo tempo, é mais simples e mais inaudita. De modo quase mágico, descobri-a no tratado *De Omnipotentia,* de Pier Damiani, a cujo estudo me levaram dois versos do canto XXI do *Paradiso,* que propõem justamente um problema de identidade. No quinto capítulo daquele tratado, Pier Damiani sustenta, contra Aristóteles e contra Fredegário de Tours, que Deus pode fazer com que não tenha sido o que alguma vez foi. Li essas velhas discussões teológicas e comecei a compreender a trágica história de Dom Pedro Damián.

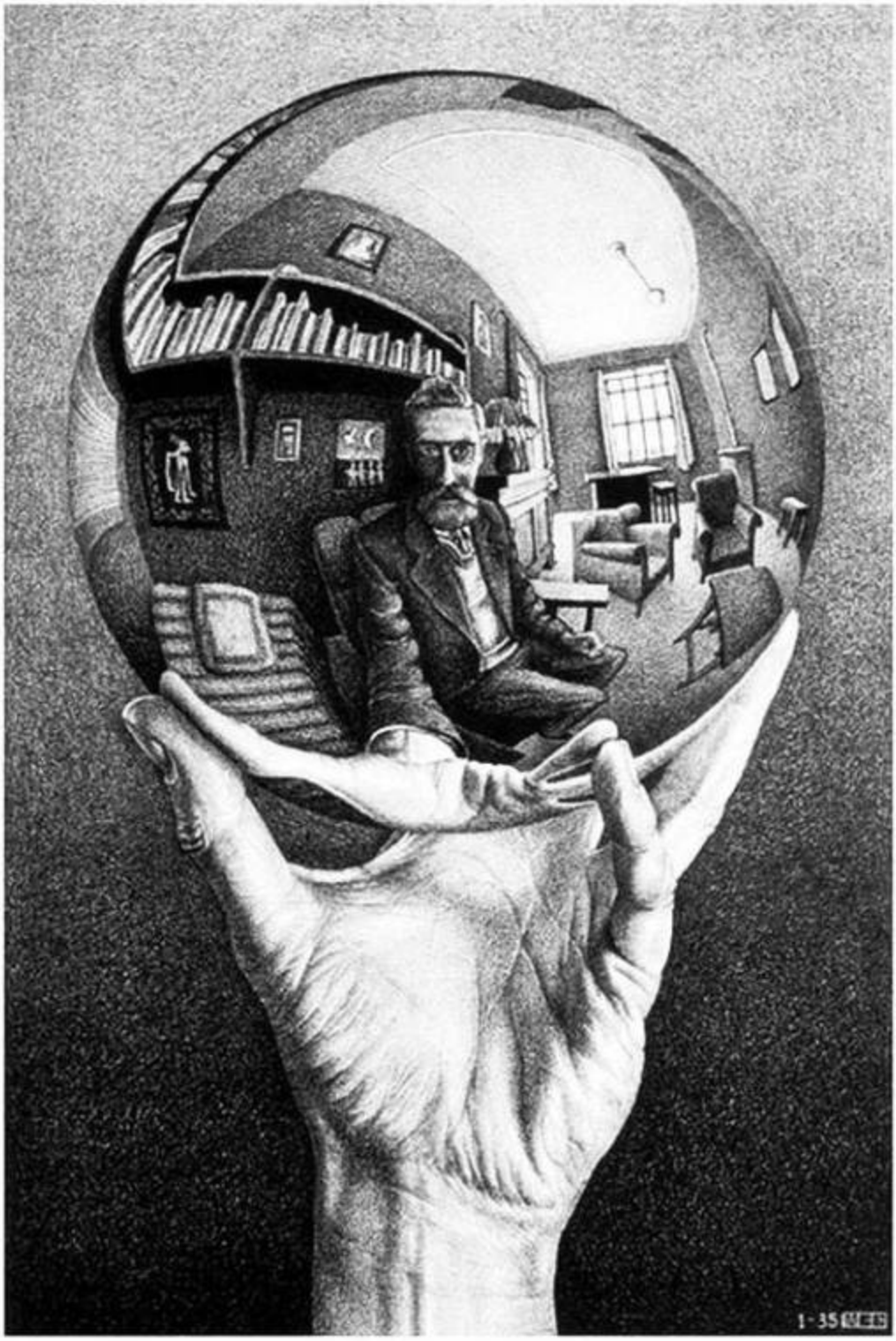
Adivinho-a assim: Damián portou-se como covarde no campo de Masoller, e dedicou a vida a corrigir essa vergonhosa fraqueza. Voltou a Entre Ríos; não levantou a mão contra nenhum homem, não *marcou* ninguém, não procurou fama de valente, mas nos campos de Nancay fez-se duro, lidando com o monte e o gado xucro. Seguramente sem o saber, foi preparando o milagre. Pensou no fundo de si mesmo: se o destino me traz outra batalha, saberei merecê-la. Durante quarenta anos, esperou-a com obscura esperança, e o destino por fim a trouxe, na hora da morte. Trouxe-a em forma de delírio, e já os gregos sabiam que somos as sombras de um sonho. Na agonia, reviveu sua batalha, e conduziu-se como homem e encabeçou o ataque final e uma bala acertou-o em pleno peito. Assim, em 1946, por obra de uma longa paixão, Pedro Damián morreu na derrota de Masoller, que ocorreu entre o inverno e a primavera de 1904.

Na Suma Teológica nega-se que Deus possa fazer com que o passado não tenha sido, mas nada se diz da intrincada concatenação de causas e efeitos, tão vasta e tão íntima que talvez

não fosse possível anular *um único* fato remoto, por insignificante que fosse, sem invalidar o presente. Modificar o passado não é modificar um único fato; é anular suas consequências, que tendem a ser infinitas. Por outras palavras: é criar duas histórias universais. Na primeira (digamos), Pedro Damián morreu em Entre Rios, em 1946; na segunda, em Masoller, em 1904. Esta é a que vivemos agora, mas a supressão daquela não foi imediata e motivou as incoerências que narrei. No coronel Dionísio Tabares cumpriram-se as diversas etapas: a princípio, lembrou-se de que Damián agiu como covarde; depois, esqueceu-o por completo; em seguida, recordou sua impetuosa morte. Não menos corroborativo é o caso do posteiro, Abaroa; este morreu, assim penso, porque tinha demasiadas lembranças de Dom Pedro Damián.

Quanto a mim, entendo não correr perigo análogo. Adivinhei e registrei um processo não acessível aos homens, uma espécie de escândalo da razão; mas algumas circunstâncias mitigam esse privilégio temível. Por ora, não estou seguro de ter escrito sempre a verdade. Suspeito que em meu relato existam falsas lembranças. Suspeito que Pedro Damián (se existiu) não se chamou Pedro Damián, e que eu me lembre dele com esse nome para crer algum dia que sua história me foi sugerida pelos argumentos de Pier Damiani. Algo parecido acontece com o poema que mencionei no primeiro parágrafo e que versa sobre a irrevogabilidade do passado. Por volta de 1951, acreditarei ter composto um conto fantástico e terei historiado um fato real; também o inocente Virgílio, há dois mil anos, acreditou anunciar o nascimento de um homem e vaticinava o de Deus.

Pobre Damián! A morte o levou aos vinte anos numa triste guerra ignorada e numa batalha caseira, mas conseguiu o que seu coração desejava, e tardou muito a consegui-lo, e talvez não exista felicidade maior.



DEUTSCHES REQUIEM

Ainda que ele me tire a vida, nele confiarei.
Jó 13, 15

Meu nome é Otto Dietrich zur Linde. Um de meus antepassados, Christoph zur Linde, morreu no ataque de cavalaria que decidiu a vitória de Zorndorf. Meu bisavô materno, Ulrich Forkel, foi assassinado na floresta de Marchenoir por franco-atiradores franceses, nos últimos dias de 1870; o capitão Dietrich zur Linde, meu pai, distinguiu-se no cerco de Namur, em 1914, e, dois anos depois, na travessia do Danúbio.7 Quanto a mim, serei fuzilado como torturador e assassino. O tribunal procedeu com retidão; desde o princípio, eu me declarei culpado. Amanhã, quando o relógio da prisão der as nove, terei entrado na morte; é natural que pense em meus antepassados, já que tão perto estou de sua sombra, já que de algum modo sou eles.

Durante o julgamento (que felizmente durou pouco) não falei; justificar-me, então, teria perturbado o veredicto e parecido covardia. Agora as coisas mudaram; nesta noite que precede minha execução, posso falar sem temor. Não pretendo ser perdoado, porque não há culpa em mim, mas quero ser compreendido. Os que souberem ouvir-me compreenderão a história da Alemanha e a futura história do mundo. Eu sei que casos como o meu, excepcionais e assombrosos agora, serão

muito em breve triviais. Amanhã morrerei, mas sou um símbolo das gerações do futuro.

Nasci em Marienburg, em 1908. Duas paixões, agora quase esquecidas, permitiram-me enfrentar com valor e até com felicidade muitos anos infaustos: a música e a metafísica. Não posso mencionar todos os meus benfeitores, mas há dois nomes que não me resigno a omitir: o de Brahms e o de Schopenhauer. Também frequentei a poesia; a esses nomes, quero juntar outro vasto nome germânico, William Shakespeare. Antes, a teologia me interessou, mas dessa fantástica disciplina (e da fé cristã) me desviou para sempre Schopenhauer, com razões diretas; Shakespeare e Brahms, com a infinita variedade de seu mundo. Quem se detiver, maravilhado, trêmulo de ternura e gratidão, ante qualquer parte da obra desses homens felizes, saiba que eu também me detive aí, eu, o abominável.

Por volta de 1927, entraram em minha vida Nietzsche e Spengler. Observa um escritor do século XVIII que ninguém quer dever nada a seus contemporâneos; eu, para libertar-me de uma influência que pressenti opressora, escrevi um artigo intitulado *Abrechnung mit Spengler,* no qual observava que o monumento mais inequívoco dos traços que o autor chama fáusticos não é o miscelâneo drama de Goethe8 mas um poema escrito há vinte séculos, o *De Rerum Natura*. Rendi justiça, contudo, à sinceridade do filósofo da história, a seu espírito radicalmente alemão *(Kerndeutsch*), militar. Em 1929, entrei no Partido.

Pouco direi de meus anos de aprendizagem. Foram mais duros para mim que para muitos outros, já que, apesar de não carecer de valor, me falta qualquer vocação para a violência.

Compreendi, entretanto, que estávamos à beira de um tempo novo e que esse tempo, comparável às épocas iniciais do Islamismo ou do Cristianismo, exigia homens novos. Individualmente, meus camaradas me eram odiosos; em vão, procurei raciocinar que, para o alto fim que nos congregava, não éramos indivíduos.

Asseveram os teólogos que, se a atenção do Senhor se desviasse um só segundo de minha mão direita que escreve, esta recairia no nada, como se a fulminasse um fogo sem luz. Ninguém pode ser, digo, ninguém pode provar um copo d'água ou partir um pedaço de pão sem justificativa. Para cada homem, essa justificativa é diferente; eu esperava a guerra inexorável que iria provar nossa fé. Bastava-me saber que eu seria um soldado de suas batalhas. Certa vez, temi que nos defraudassem a covardia da Inglaterra e da Rússia. O acaso, ou o destino, teceu de outra maneira meu futuro: em 1º de março de 1939, ao escurecer, houve distúrbios em Tilsit que os jornais não registraram; na rua detrás da sinagoga, duas balas me atravessaram a perna, que foi necessário amputar.9 Dias depois, entravam na Boêmia nossos exércitos; quando as sirenas o anunciaram, eu estava no sedentário hospital, tratando de perder-me e esquecer-me nos livros de Schopenhauer. Símbolo de meu vão destino, dormia no rebordo da janela um gato enorme e fofo.

No primeiro volume de *Parerga und Paralipomena* reli que todos os fatos que podem ocorrer a um homem, desde o instante de seu nascimento até o de sua morte, foram prefixados por ele. Assim, toda negligência é deliberada, todo casual encontro, uma

hora marcada, toda humilhação, uma penitência, todo fracasso, uma misteriosa vitória, toda morte, um suicídio. Não há consolo mais hábil que o pensamento de que escolhemos nossas desgraças; essa teleologia individual nos revela uma ordem secreta e prodigiosamente nos confunde com a divindade. Que ignorado propósito (meditei) me fez procurar esse entardecer, essas balas e essa mutilação? Não foi o temor da guerra, eu o sabia; algo mais profundo. Por fim, pensei entender. Morrer por uma religião é mais simples que vivê-la com plenitude; lutar em Éfeso contra as feras é menos duro (milhares de mártires obscuros o fizeram) que ser Paulo, servo de Jesus Cristo; um ato é menos que todas as horas de um homem. A batalha e a glória são *facilidades;* mais árdua que a ação de Napoleão foi a de Raskolnikov. Em 7 de fevereiro de 1941, fui nomeado subdiretor do campo de concentração de Tarnowitz.

O exercício desse cargo não me foi grato; mas não pequei nunca por negligência. O covarde se prova entre as espadas; o misericordioso, o piedoso, procura o exame dos cárceres e da dor alheia. O nazismo, intrinsecamente, é um fato moral, um despojar-se do velho homem, que está viciado, para vestir o novo. Na batalha, essa mutação é comum, entre o clamor dos capitães e o vozerio; não é assim em um infame calabouço, onde nos tenta com antigas ternuras a insidiosa piedade. Não em vão escrevo essa palavra; a piedade pelo homem superior é o último pecado de Zaratustra. Quase o cometi (confesso) quando nos mandaram de Breslau o insigne poeta David Jerusalém.

Era um homem de cinquenta anos. Pobre de bens deste mundo, perseguido, negado, vituperado, consagrara seu gênio a

cantar a felicidade. Creio lembrar que Albert Soergel, na obra *Dichtung der Zeit*, o compara a Whitman. A comparação não é feliz; Whitman celebra o universo de modo prévio, geral, quase indiferente; Jerusalém alegra-se de cada coisa, com minucioso amor. Jamais emprega enumerações, catálogos. Ainda posso repetir muitos hexâmetros daquele profundo poema que se intitula *Tse Yang, Pintor de Tigres*, que está como que raiado de tigres, que está como que carregado e atravessado de tigres transversais e silenciosos. Tampouco esquecerei o solilóquio *Rosencrantz Fala com o Anjo*, no qual um prestamista londrino do século XVI inutilmente trata, ao morrer, de vindicar suas culpas, sem suspeitar que a secreta justificativa de sua vida é ter inspirado a um de seus clientes (que o viu uma única vez e de quem não se lembra) o caráter de Shylock. Homem de memoráveis olhos, de pele citrina, de barba quase negra, David Jerusalém era o protótipo do judeu sefardim, embora pertencesse aos depravados e enfadonhos Ashkenazim. Fui severo com ele; não permiti que me abrandassem nem a compaixão nem sua glória. Eu havia compreendido há muitos anos que não existe coisa no mundo que não seja germe de um Inferno possível; um rosto, uma palavra, uma bússola, um anúncio de cigarros poderiam enlouquecer uma pessoa, se esta não conseguisse esquecê-los. Não estaria louco um homem que continuamente tivesse em mente o mapa da Hungria? Determinei aplicar esse princípio ao regime disciplinar de nossa casa e...[10] Em fins de 1942, Jerusalém perdeu a razão; em 1º de março de 1943, conseguiu matar-se.[11]

Ignoro se Jerusalém compreendeu que, se eu o destruí, foi para destruir minha piedade. Diante de meus olhos, ele não era um homem, nem sequer um judeu; transformara-se no símbolo de uma detestada área de minha alma. Eu agonizei com ele, eu morri com ele, eu de algum modo me perdi com ele; por essa razão, fui implacável.

Enquanto isso, giravam sobre nós os grandes dias e as grandes noites de uma guerra feliz. Havia no ar que respirávamos um sentimento parecido com o amor. Como se bruscamente o mar estivesse perto, havia um assombro e uma exaltação no sangue. Tudo, naqueles anos, era diferente, até o sabor do sonho. (Talvez eu nunca tenha sido inteiramente feliz, mas se sabe que a desventura requer paraísos perdidos.) Não há homem que não aspire à plenitude, quer dizer, à soma de experiências de que um homem é capaz; não há homem que não tema ser defraudado em alguma parte desse patrimônio infinito. Mas minha geração teve tudo, porque primeiro lhe foi proporcionada a glória e depois a derrota.

Em outubro ou novembro de 1942, meu irmão Friedrich pereceu na segunda batalha de El Alamein, nos areais egípcios; um bombardeio aéreo, meses depois, destruiu nossa casa natal; outro, em fins de 1943, meu laboratório. Acossado por vastos continentes, morria o Terceiro Reich; sua mão estava contra todos e as mãos de todos contra ele. Então, algo singular ocorreu, que agora creio entender. Eu me acreditava capaz de esgotar o copo de cólera, mas nas borras me deteve um sabor não esperado, o misterioso e quase terrível sabor da felicidade. Ensaiei diversas explicações; não me bastou nenhuma. Pensei: *"A*

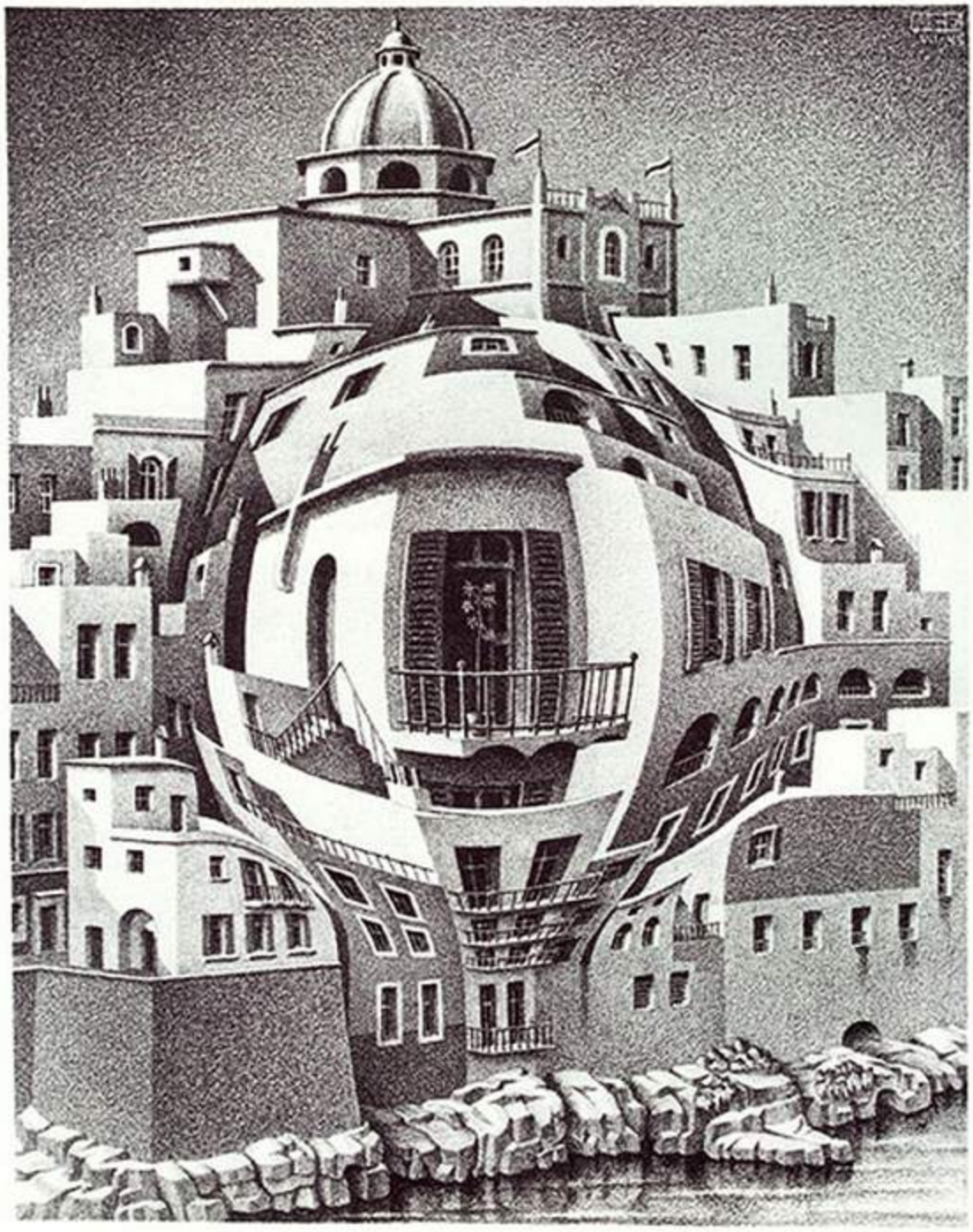
derrota me satisfaz porque secretamente sei que sou culpado e só o castigo pode redimir-me". Pensei: *"A derrota me satisfaz porque é um fim e estou muito cansado".* Pensei: *"A derrota me satisfaz porque ocorreu, porque está inumeravelmente unida a todos os fatos que são, que foram, que serão, porque censurar ou deplorar um único fato real é blasfemar contra o universo".* Essas razões ensaiei, até dar com a verdadeira.

Tem-se dito que todos os homens nascem aristotélicos ou platônicos. Isso equivale a declarar que não há debate de caráter abstrato que não seja um momento da polêmica de Aristóteles e Platão; através dos séculos e latitudes, mudam os nomes, os dialetos, as faces, mas não os eternos antagonistas. Também a história dos povos registra uma continuidade secreta. Armínio, quando decapitou num lamaçal as legiões de Varo, não se sabia precursor de um Império Alemão; Lutero, tradutor da Bíblia, não suspeitava que seu fim era forjar um povo que destruísse para sempre a Bíblia; Christoph zur Linde, morto por uma bala moscovita em 1758, preparou de algum modo as vitórias de 1914; Hitler acreditou lutar por *um* país, mas lutou por todos, até por aqueles que agrediu e detestou. Não importa que seu eu o ignorasse; sabiam-no seu sangue, sua vontade. O mundo morria de judaísmo e dessa enfermidade do judaísmo que é a fé em Jesus; nós lhe ensinamos a violência e a fé na espada. Essa espada nos mata e somos comparáveis ao feiticeiro que tece um labirinto e que se vê forçado a errar nele até o fim de seus dias, ou a Davi, que julga um desconhecido e o condena à morte e ouve depois a revelação: *"Tu és aquele homem*". Muitas coisas há que destruir para edificar a nova ordem; agora sabemos que a

Alemanha era uma dessas coisas. Demos algo mais que nossa vida, demos o destino de nosso querido país. Que outros maldigam e outros chorem; a mim me alegra que nosso dom seja orbicular e perfeito.

Ameaça agora o mundo uma época implacável. Nós a forjamos, nós que já somos sua vítima. Que importa que a Inglaterra seja o martelo e nós a bigorna? O importante é que reine a violência, não as servis timidezes cristãs. Se a vitória e a injustiça e a felicidade não são para a Alemanha, que sejam para outras nações. Que o céu exista, mesmo que nosso lugar seja o inferno.

Olho meu rosto no espelho para saber quem sou, para saber como me portarei dentro de algumas horas, quando me defrontar com o fim. Minha carne pode ter medo; eu não.



A PROCURA DE AVERRÓIS

S'imaginant que la tragédie n'est autre chose que l'art de louer...
ERNEST RENAN: *Averroès,* 48 (1861).

Abulgualid Muhammad Ibn-Ahmad ibn-Muhámmad ibn-Rushd (este longo nome levaria um século para chegar a Averróis, passando por Benraist e por Avenryz, e ainda por Aben-Rassad e Filius Rosadis) escrevia o undécimo capítulo da obra *Tahafut-ul-Tahafut* (Destruição da Destruição), no qual se sustenta, contra o asceta persa Ghazali, autor de *Tahafut-ul-Falasifa* (Destruição de Filósofos), que a divindade só conhece as leis gerais do universo, o concernente às espécies, não ao indivíduo. Escrevia com lenta segurança, da direita para a esquerda; o exercício de formar silogismos e de encadear longos parágrafos não o impedia de sentir, como bem-estar, a fresca e ampla casa que o rodeava. No fundo da sesta arrulhavam amorosas pombas; de algum pátio invisível se elevava o rumor de uma fonte; algo na carne de Averróis, cujos antepassados procediam dos desertos árabes, agradecia a constância da água. Embaixo, estavam os jardins, a horta; embaixo, o atarefado Guadalquivir e depois a querida cidade de Córdoba, não menos clara que Bagdá ou que o Cairo, como um complexo e delicado instrumento, e ao redor (isto Averróis também sentia) se estendia até os confins a terra da Espanha, na qual existem poucas coisas, mas onde cada uma parece estar de modo substantivo e eterno.

A pena corria sobre a folha, os argumentos se enlaçavam, irrefutáveis, mas uma leve preocupação empanou a felicidade de Averróis. Não a causava o *Tahafut*, trabalho fortuito, mas um problema de índole filológica vinculado à obra monumental que o justificaria ante os povos: o comentário sobre Aristóteles. Esse grego, manancial de toda a filosofia, fora outorgado aos homens para ensinar-lhes tudo o que se pode saber; interpretar seus livros como os ulemás interpretam o Alcorão era o árduo propósito de Averróis. Poucas coisas mais belas e mais patéticas registrará a história além dessa consagração de um médico árabe aos pensamentos de um homem de quem o separavam catorze séculos; às dificuldades intrínsecas devemos acrescentar que Averróis, ignorando o siríaco e o grego, trabalhava sobre a tradução de uma tradução. Na véspera, duas palavras duvidosas o detiveram no princípio da Poética. Essas palavras eram *tragédia* e *comédia*. Encontrara-as anos atrás no livro terceiro da Retórica; ninguém, no âmbito do Islã, atinava com o que queriam dizer. Inutilmente fatigara-se nas páginas de Alexandre de Afrodísia, inutilmente compulsara as versões do nestoriano Hunain ibn-Ishaq e de Abu-Bashar Mata. Essas duas palavras arcanas pululavam no texto da Poética; impossível evitá-las.

Averróis largou a pena. Disse a si mesmo (sem demasiada fé) que costuma estar muito perto aquilo que procuramos, guardou o manuscrito do *Tahafut* e dirigiu-se à prateleira onde se alinhavam, copiados por calígrafos persas, os muitos volumes do *Mohkam* do cego Abensida. Era irrisório imaginar que não os tinha consultado, mas tentou-o o ocioso prazer de virar suas páginas. Dessa estudiosa distração o desviou uma espécie de

melodia. Olhou pela sacada gradeada; embaixo, no estreito pátio de terra, brincavam alguns meninos seminus. Um, de pé nos ombros do outro, fazia-se evidentemente de almuadem; com os olhos bem fechados, salmodiava *"Não há outro deus além de Deus"*. Aquele que o sustentava, imóvel, fazia-se de minarete; outro, humilhado no pó e ajoelhado, de congregação dos fiéis. A brincadeira durou pouco: todos queriam ser o almuadem, ninguém a congregação ou a torre. Averróis ouviu-os discutir em dialeto grosem, ou seja, no incipiente espanhol da plebe muçulmana da Península. Abriu o *Quitah-ul-ain* de Jalil e pensou, com orgulho, que, em toda Córdoba (talvez em todo Al-Andalus), não existia outra cópia da obra perfeita além dessa que o emir Yacub Almansur lhe remetera de Tânger. O nome desse porto lembrou-lhe que o viajante Abulcásim Al-Ashari, que regressara de Marrocos, jantaria com ele essa noite em casa do alcoranista Farach. Abulcásim dizia ter alcançado os reinos do império de Sin (da China); seus detratores, com essa lógica peculiar que o ódio oferece, juravam que ele nunca havia pisado na China e que nos templos desse país blasfemara contra Alá. Inevitavelmente, a reunião duraria algumas horas; Averróis, pressuroso, retomou a escrita do *Tahafut*. Trabalhou até o crepúsculo da noite.

O diálogo, na casa de Farach, passou das incomparáveis virtudes do governador às de seu irmão, o emir; depois, no jardim, falaram de rosas. Abulcásim, que não as tinha visto, jurou que não existiam rosas como as que decoram os jardins andaluzes. Farach não se deixou subornar; observou que o douto Ibn Qutaiba descreve uma excelente variedade de rosa perpétua,

que dá nos jardins do Industão e cujas pétalas, de um vermelho encarnado, apresentam caracteres que dizem: *"Não há outro deus como o Deus. Muhammad é o Apóstolo de Deus*". Acrescentou que Abulcásim, com certeza, conheceria essas rosas. Abulcásim fixou-o com inquietação. Se respondesse que sim, todos o julgariam, com razão, o mais disponível e casual dos impostores; se respondesse que não, seria julgado infiel. Optou por murmurar que com o Senhor estão as chaves das coisas ocultas e que não existe na terra uma coisa verde ou uma coisa murcha que não esteja registrada em Seu Livro. Essas palavras pertencem a uma das primeiras suratas; acolheu-as um murmúrio reverencial. Envaidecido por essa vitória dialética, Abulcásim ia dizer que o Senhor é perfeito em suas obras e é inescrutável. Então Averróis declarou, prefigurando as remotas razões de um ainda problemático Hume:

— Menos me custa admitir um erro no douto Ibn Qutaiba, ou nos copistas, do que admitir que a terra dê rosas com profissão de fé.

— Assim é. Grandes e verdadeiras palavras — disse Abulcásim.

— Certo viajante — lembrou o poeta Abdalmálik — fala de uma árvore cujos frutos são verdes pássaros. É menos difícil acreditar nele que em rosas com letras.

— A cor dos pássaros — disse Averróis — parece facilitar o portento. Além disso, os frutos e os pássaros pertencem ao mundo natural, mas a escrita é uma arte. Passar de folhas a pássaros é mais fácil que de rosas a letras.

Outro hóspede negou com indignação que a escrita fosse uma arte, já que o original do Quran — *a Mãe do Livro* — é anterior à Criação e está guardado no céu. Outro falou de Cháhiz de Basra, segundo o qual o Quran é uma substância que pode tomar a forma de um homem ou de um animal, opinião que parece combinar com a dos que lhe atribuem duas faces. Farach expôs longamente a doutrina ortodoxa. O Quran (disse) é um dos atributos de Deus, como Sua piedade; é copiado num livro, é pronunciado com a língua, é lembrado no coração, e o idioma e os sinais e a escrita são obra dos homens, mas o Quran é irrevogável e eterno. Averróis, que havia comentado a República, podia ter dito que a Mãe do Livro é algo assim como seu modelo platônico, mas percebeu que a teologia era um tema totalmente inacessível a Abulcásim.

Outros, que também o perceberam, instaram com Abulcásim para contar alguma maravilha. Então, como agora, o mundo era cruel; os audazes podiam percorrê-lo, mas também os miseráveis, os que se sujeitavam a tudo. A memória de Abulcásim era um espelho de íntimas covardias. Que podia ele contar? Além disso, exigiam-lhe maravilhas e a maravilha é talvez incomunicável: a lua de Bengala não é igual à lua do Iêmen, porém, deixa-se descrever com as mesmas palavras. Abulcásim vacilou; depois falou:

— Quem percorre os climas e as cidades — proclamou com unção — vê muitas coisas dignas de crédito. Esta, por exemplo, que só contei uma vez ao rei dos turcos. Ocorreu em Sin Kalan (Cantão), onde o rio da Água da Vida se derrama no mar.

Farach perguntou se a cidade ficava a muitas léguas da muralha que Iskandar Zul Qarnain (Alexandre Bicorne da Macedônia) levantou para deter Gog e Magog.

— Desertos a separam — disse Abulcásim, com involuntária soberba. — Quarenta dias demoraria uma cáfila (caravana) para divisar suas torres e dizem que outros tantos para alcançá-las. Em Sin Kalan não sei de nenhum homem que a tenha visto ou que tenha visto quem a viu.

O medo do grosseiramente infinito, do mero espaço, da mera matéria, tocou Averróis por um instante. Olhou o simétrico jardim; sentiu-se envelhecido, inútil, irreal. Dizia Abulcásim:

— Uma tarde, os mercadores muçulmanos de Sin Kalan me conduziram a uma casa de madeira pintada, na qual viviam muitas pessoas. Não se pode contar como era essa casa, que mais parecia um único quarto, com filas de armários ou sacadas, umas sobre as outras. Nessas cavidades havia gente que comia e bebia, e também no chão, e também num terraço. As pessoas desse terraço tocavam tambor e alaúde, salvo umas quinze ou vinte (com máscaras vermelhas) que rezavam, cantavam e dialogavam. Estavam presas, e ninguém via o cárcere; cavalgavam, mas não se percebia o cavalo; combatiam, mas as espadas eram de cana; morriam e logo estavam de pé.

— Os atos dos loucos — disse Farach — excedem às previsões do homem sensato.

— Não estavam loucos — teve de explicar Abulcásim. — Estavam figurando, disse-me um mercador, uma história.

Ninguém compreendeu, ninguém pareceu querer compreender. Abulcásim, confuso, passou da escutada narração às desajeitadas razões. Falou, ajudando-se com as mãos:

— Imaginemos que alguém mostre uma história, em vez de contá-la. Seja essa história a dos adormecidos de Éfeso. Vemos retirarem-se para a caverna, vemos orarem e dormirem, vemos dormirem com os olhos abertos, vemos crescerem enquanto dormem, vemos despertarem depois de trezentos e nove anos, vemos entregarem ao vendedor uma antiga moeda, vemos despertarem no paraíso, vemos despertarem com o cão. Algo semelhante nos mostraram àquela tarde as pessoas do terraço.

— Essas pessoas falavam? — perguntou Farach.

— Claro que falavam — disse Abulcásim, convertido em apologista de uma cena que mal recordava e que o enfadara bastante. — Falavam e cantavam e peroravam!

— Nesse caso — disse Farach —, não eram necessárias *vinte* pessoas. Um só narrador pode contar qualquer coisa, por complexa que seja.

Todos aprovaram essa opinião. Encareceram-se as virtudes do árabe, idioma usado por Deus para comandar os anjos; em seguida, as da poesia dos árabes. Abdalmálik, depois de examiná-la devidamente, escarneceu por antiquados dos poetas que em Damasco ou em Córdoba se apegavam a imagens pastoris e a um vocabulário beduíno. Disse ser absurdo que um homem ante cujos olhos se estendia o Guadalquivir fosse celebrar a água de um poço. Alertou para a conveniência de se renovarem as antigas metáforas; disse que, quando Zuhair comparou o destino a um

camelo cego, essa figura pode ter causado surpresa às pessoas, mas que cinco séculos de admiração a gastaram. Todos aprovaram essa opinião, que já haviam escutado muitas vezes, de muitas bocas. Averróis calava-se. Por fim, falou, menos para os outros que para si mesmo.

— Com menos eloquência — disse Averróis —, mas com argumentos congêneres, defendi algumas vezes a proposição que Abdalmálik sustenta. Em Alexandria, tem-se dito que só é incapaz de uma culpa quem já a cometeu e já se arrependeu; para se estar livre de um erro, acrescentemos, convém havê-lo praticado. Zuhair, em seu "mualaca", disse que, no decurso de oitenta anos de dor e de glória, viu muitas vezes o destino atropelar de surpresa os homens, como um camelo cego; Abdalmálik entende que essa figura já não pode surpreender. A essa observação caberia contestar muitas coisas. A primeira é que, se o fim do poema fosse o assombro, seu tempo não se mediria por séculos, mas por dias e por horas e talvez por minutos. A segunda é que um famoso poeta é menos inventor que descobridor. Para louvar Ibn-Sharaf de Berja, tem-se repetido que só ele pôde imaginar que as estrelas, ao amanhecer, caem lentamente, como as folhas caem das árvores; isso, se fosse certo, evidenciaria que a imagem é frívola. A imagem que um único homem pode formar é a que não toca ninguém. Infinitas coisas existem na terra; qualquer uma pode equiparar-se a qualquer outra. Equiparar estrelas a folhas não é menos arbitrário que equipará-las a peixes ou a pássaros. Em compensação, ninguém nunca sentiu que o destino é forte e é rude, que é inocente e é também inumano. Para essa convicção, que pode ser passageira

ou contínua, mas que ninguém evita, foi escrito o verso de Zuhair. Não se dirá melhor o que ali se disse. Além do mais (e isso talvez seja o essencial de minhas reflexões), o tempo, que despoja os alcáceres, enriquece os versos. O de Zuhair, quando este o compôs na Arábia, serviu para confrontar duas imagens, a do velho camelo e a do destino; repetido agora, serve para recordar Zuhair e para confundir nossos pesares com os daquele árabe morto. Dois termos tinha a figura e hoje ela tem quatro. O tempo amplia o âmbito dos versos e sei de alguns que, como a música, são tudo para todos os homens. Assim, atormentado há anos em Marrakech por lembranças de Córdoba, comprazia-me em repetir a apóstrofe que Abdurrahman dirigiu, nos jardins de Ruzafa, a uma palmeira africana:

Tu também és, ó palmeira!,
Neste solo estrangeira...

Singular benefício da poesia; palavras escritas por um rei que desejava o Oriente serviram a mim, desterrado na África, para minha nostalgia da Espanha.

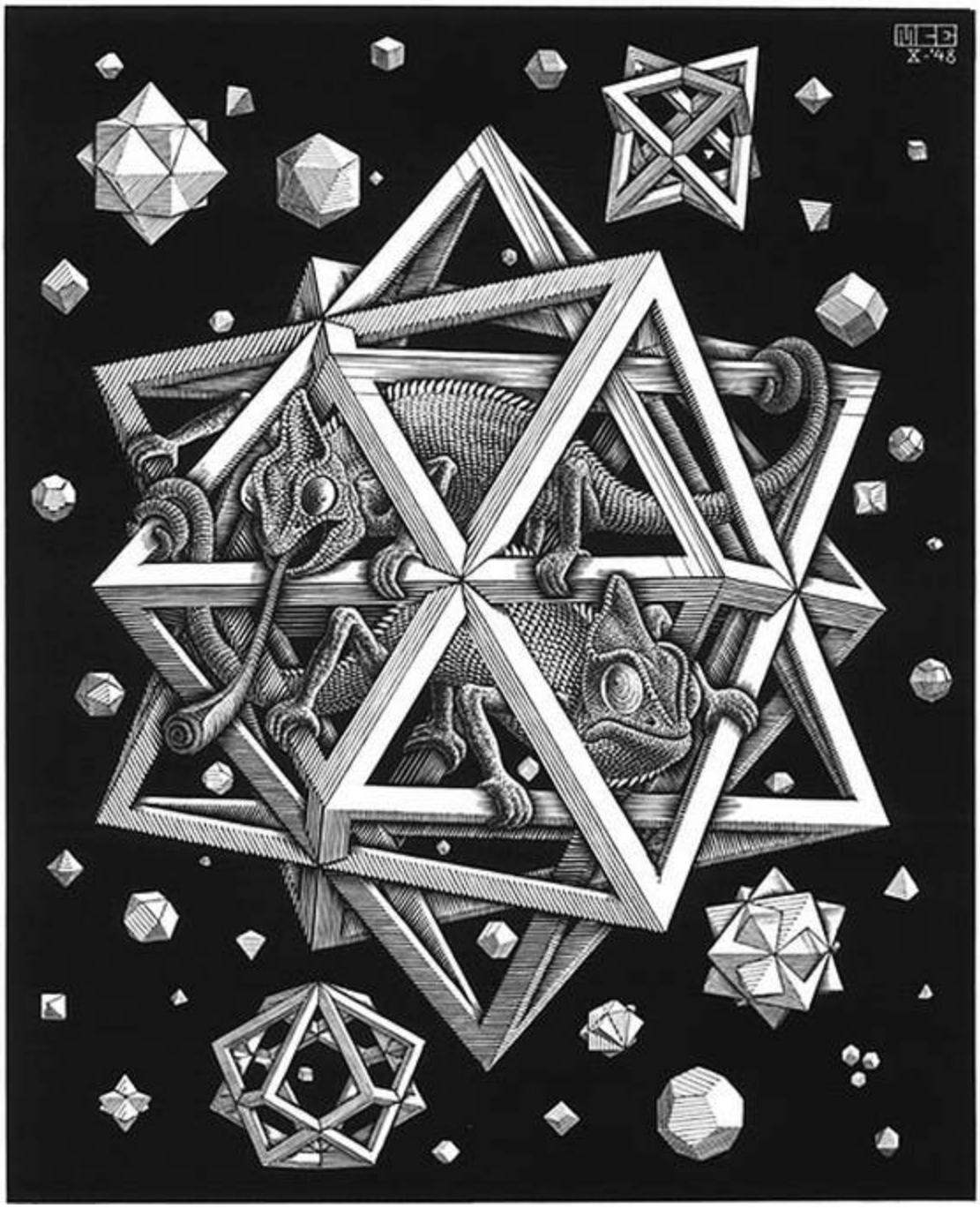
Averróis, depois, falou dos primeiros poetas, daqueles que no Tempo da Ignorância, antes do Islã, já disseram todas as coisas, na infinita linguagem dos desertos. Alarmado, não sem razão, pelas futilidades de Ibn-Sharaf, disse que nos antigos e no Quran estava cifrada toda poesia e condenou por analfabeta e por vã a ambição de inovar. Os demais o escutaram com prazer, pois ele defendia o antigo.

Os muezins chamavam à oração da primeira luz quando Averróis voltou a entrar na biblioteca. (No harém, as escravas de cabelos negros haviam torturado uma escrava de cabelos ruivos, mas ele não o saberia senão à tarde.) Algo lhe revelara o sentido das duas palavras obscuras. Com firme e cuidadosa caligrafia juntou estas linhas ao manuscrito: *Aristu* (Aristóteles) *denomina tragédia os panegíricos e comédias as sátiras e os anátemas. Admiráveis tragédias e comédias são abundantes nas páginas do Corão e nos "mualacas" do santuário*.

Sentiu sono, sentiu um pouco de frio. Desenrolado o turbante, olhou-se num espelho de metal. Não sei o que viram seus olhos, porque nenhum historiador descreveu as formas de seu rosto. Sei que desapareceu bruscamente, como se o fulminasse um fogo sem luz, e que com ele desapareceram a casa e o invisível repuxo e os livros e os manuscritos e as pombas e as muitas escravas de cabelos negros e a trêmula escrava de cabelos ruivos e Farach e Abulcásim e os roseirais e talvez o Guadalquivir.

Na história anterior quis contar o processo de uma derrota. Pensei, primeiro, naquele arcebispo de Canterbury que se propôs demonstrar que há um Deus; depois, nos alquimistas que procuraram a pedra filosofal; depois, nos inúteis trissectores do ângulo e retificadores do círculo. Refleti, em seguida, que mais poético é o caso de um homem que se propõe um fim que não está vedado a outros, mas sim a ele. Lembrei-me de Averróis, que, encerrado no âmbito do Islã, nunca pôde saber o significado das palavras *tragédia e comédia*. Contei o caso; à medida que me adiantava, senti o que teve de sentir aquele deus mencionado por Burton, que se propôs criar um touro e criou um búfalo. Senti

que a obra zombava de mim. Senti que Averróis, querendo imaginar o que é um drama sem ter suspeitado o que seja um teatro, não era mais absurdo que eu, querendo imaginar Averróis, sem outro material além de alguns adarmes de Renan, de Lane e de Asín Palacios. Senti, na última página, que minha narrativa era um símbolo do homem que eu fui enquanto a escrevia, e que, para escrever essa narrativa, fui obrigado a ser aquele homem e que, para ser aquele homem, tive de escrever essa narrativa, e assim até o infinito. (No instante em que deixo de acreditar nele, "Averróis" desaparece.)


MCE
X-'48

O ZAHIR

Em Buenos Aires, o Zahir é uma moeda comum, de vinte centavos; marcas de navalha ou de canivete riscam as letras N T e o número dois; 1929 é a data gravada no anverso. (Em Guzerat, em fins do século XVIII, um tigre foi Zahir; em Java, um cego da mesquita de Surakarta, que os fiéis apedrejaram; na Pérsia, um astrolábio que Nadir Shah mandou atirar no fundo do mar; nas prisões do Mahdi, por volta de 1892, uma pequena bússola que Rudolf Carl von Slatin tocou, envolta numa dobra de turbante; na mesquita de Córdoba, segundo Zotenberg, um veio no mármore de um dos mil e duzentos pilares; entre os judeus de Tetuan, o fundo de um poço.) Hoje é 13 de novembro; no dia 7 de junho, de madrugada, chegou às minhas mãos o Zahir; não sou o que então eu era, mas ainda me é dado recordar, e talvez contar, o ocorrido. Se bem que, parcialmente, ainda sou Borges.

Em 6 de junho morreu Teodelina Villar. Seus retratos, por volta de 1930, enchiam as revistas mundanas; essa abundância contribuiu talvez para que a julgassem muito bonita, embora nem todas as imagens apoiassem incondicionalmente essa hipótese. Além do mais, Teodelina Villar se preocupava menos com a beleza que com a perfeição. Os hebreus e os chineses codificaram todas as circunstâncias humanas; na Mishnah se lê que, iniciado o crepúsculo do sábado, um alfaiate não deve sair à rua com uma agulha; no Livro dos Ritos se lê que um hóspede, ao

receber o primeiro copo, deve assumir um ar grave e, ao receber o segundo, um ar respeitoso e feliz. Análogo, porém mais minucioso, era o rigor que Teodelina Villar exigia de si mesma. Procurava, como o adepto de Confúcio ou o talmudista, a irrepreensível correção de cada ato, mas seu empenho era mais admirável e mais duro, pois as normas de seu credo não eram eternas, já que se rendiam às casualidades de Paris ou de Hollywood. Teodelina Villar mostrava-se em lugares ortodoxos, em hora ortodoxa, com atributos ortodoxos, com tédio ortodoxo, mas o tédio, os atributos, a hora e os lugares caducavam quase imediatamente e serviriam (na boca de Teodelina Villar) para definição do ridículo. Procurava o absoluto, como Flaubert, mas o absoluto no momentâneo. Sua vida era exemplar e, no entanto, um desespero interior a roía sem trégua. Ensaiava contínuas metamorfoses, como para fugir de si mesma; a cor de seus cabelos e as formas de seu penteado eram famosamente instáveis. Também variavam o sorriso, a tez, a obliquidade dos olhos. Desde 1932, foi estudadamente delgada... A guerra deu-lhe muito que pensar. Ocupada Paris pelos alemães, como seguir a moda? Um estrangeiro de quem ela sempre desconfiara permitiu-se abusar de sua boa-fé para vender-lhe uma porção de chapéus cilíndricos; durante o ano, propagou-se que esses objetos extravagantes *nunca haviam aparecido em Paris* e, por conseguinte, não eram chapéus, mas arbitrários e desautorizados caprichos. As desgraças não vêm sozinhas; o doutor Villar teve de mudar-se para a rua Aráoz e o retrato de sua filha ilustrou anúncios de cremes e de automóveis. (Os cremes que ela tanto se aplicava, os automóveis que já não possuía!) Ela sabia que o bom

exercício de sua arte exigia grande fortuna; preferiu retirar-se a claudicar. Além disso, doía-lhe competir com garotinhas insubstanciais. O sinistro distrito de Aráoz mostrou-se demasiado oneroso; em 6 de junho, Teodelina Villar cometeu o solecismo de morrer em pleno Barrio Sur. Confessarei que, movido pela mais sincera das paixões argentinas, o esnobismo, estava apaixonado por ela e que sua morte me afetou até as lágrimas? Talvez já o tenha suspeitado o leitor.

Nos velórios, o progresso da decomposição faz com que o morto recupere suas faces anteriores. Em algum momento da confusa noite do dia 6, Teodelina Villar foi magicamente a que fora havia vinte anos; seus traços recobraram a autoridade imposta pela soberba, pelo dinheiro, pela juventude, pela consciência de coroar uma hierarquia, pela falta de imaginação, pelas limitações, pela estupidez. Pensei mais ou menos assim: nenhuma versão dessa face que tanto me inquietou será tão memorável como esta; convém que seja a última, já que pôde ser a primeira. Rígida entre as flores deixei-a, aperfeiçoando seu desdém pela morte. Seriam duas da manhã quando saí. Fora, as previstas fileiras de casas baixas e de casas de um pavimento tinham assumido esse ar abstrato que costumam assumir à noite, quando a sombra e o silêncio as simplificam. Ébrio de uma piedade quase impessoal, caminhei pelas ruas. Na esquina das ruas Chile e Tacuarí, vi um armazém aberto. Naquele armazém, para minha desgraça, três homens jogavam o truco.

Na figura que se chama *oxímoro,* aplica-se a uma palavra um epíteto que parece contradizê-la; assim os gnósticos falaram de luz obscura, os alquimistas, de um sol negro. Sair de minha

última visita a Teodelina Villar e tomar cachaça num armazém era uma espécie de oxímoro; sua grosseria e sua facilidade me tentaram. (A circunstância de que se jogavam cartas aumentava o contraste.) Pedi uma aguardente de laranja; de troco, deram-me o Zahir; olhei-o por um instante; saí à rua, talvez com um princípio de febre. Pensei que não existe moeda que não seja símbolo das moedas que resplandecem interminavelmente na história e na fábula. Pensei no óbolo de Caronte; no óbolo que Belisário pediu; nos trinta dinheiros de Judas; nas dracmas da cortesã Laís; na antiga moeda que ofereceu um dos adormecidos de Éfeso; nas claras moedas do feiticeiro das *Mil e Uma Noites*, que depois eram círculos de papel; no denário inesgotável de Isaac Laquedem; nas sessenta mil peças de prata, uma para cada verso de uma epopéia, as quais Firdusi devolveu a um rei por não serem de ouro; na onça de ouro que Ahab fez cravar no mastro; no florim irreversível de Leopold Bloom; no luís cuja efígie denunciou, perto de Varennes, o fugitivo Luís XVI. Como num sonho, o pensamento de que toda moeda permite essas ilustres conotações pareceu-me de imensa, se bem que inexplicável, importância. Percorri, com crescente velocidade, as ruas e as praças desertas. O cansaço me deixou numa esquina. Vi uma gasta grade; por trás, vi os ladrilhos negros e brancos do átrio da Concepción. Errara em círculo; agora estava a uma quadra do armazém onde me deram o Zahir.

Dobrei; a esquina escura me indicou, de longe, que o armazém estava fechado. Na rua Belgrano tomei um táxi. Insone, possesso, quase feliz, pensei que não existe nada menos material que o dinheiro, já que qualquer moeda (uma moeda de vinte centavos,

digamos) é, a rigor, um repertório de futuros possíveis. O dinheiro é abstrato, repeti, o dinheiro é tempo futuro. Pode ser uma tarde nos arredores, pode ser música de Brahms, pode ser mapas, pode ser xadrez, pode ser café, pode ser as palavras de Epicteto, que ensinam o desprezo pelo ouro; é um Proteu mais versátil que o da ilha de Faros. É tempo imprevisível, tempo de Bergson, não duro tempo do Islã ou do Pórtico. Os deterministas negam que haja no mundo um único fato possível, *id est* um fato que pôde acontecer; uma moeda simboliza nosso livre-arbítrio. (Não suspeitava eu que esses "pensamentos" eram um artifício contra o Zahir e uma primeira forma de sua demoníaca influência.) Dormi após tenazes cavilações, mas sonhei que eu era as moedas que um grifo custodiava.

No dia seguinte, decidi que tinha estado bêbado. Também resolvi livrar-me da moeda que tanto me inquietava. Olhei-a: nada tinha de particular, a não ser algumas ranhuras. Enterrá-la no jardim ou escondê-la num canto da biblioteca teria sido o melhor, mas eu queria distanciar-me de sua órbita. Preferi perdê-la. Não fui ao Pilar, essa manhã, nem ao cemitério; fui, de metrô, a Constitución e de Constitución a San Juan e Boedo. Saltei, impensadamente, em Urquiza; dirigi-me ao oeste e ao sul; baralhei, com desordem estudada, umas quantas esquinas e, numa rua que me pareceu igual a todas, entrei num botequim qualquer, pedi uma caninha e paguei-a com o Zahir. Entrecerrei os olhos, por trás das lentes esfumadas; consegui não ver os números das casas nem o nome da rua. Essa noite, tomei uma pastilha de veronal e dormi tranquilo.

Até fins de junho, distraiu-me a tarefa de compor um conto fantástico. Ele encerra duas ou três perífrases enigmáticas — em lugar de *sangue*, traz *água da espada*; em lugar de *ouro*, *leito da serpente* — e está escrito em primeira pessoa. O narrador é um asceta que renunciou ao trato com os homens e vive numa espécie de páramo. (Gnitaheidr é o nome desse lugar.) Dada a candura e a simplicidade de sua vida, há os que o julgam um anjo; isso é um piedoso exagero, pois não existe homem que esteja livre de culpa. Sem ir mais longe, ele mesmo degolou seu pai; é bem verdade que este era um famoso feiticeiro que se apoderara, por artes mágicas, de um tesouro infinito. Resguardar o tesouro da insana cobiça dos humanos é a missão a que dedicou sua vida; dia e noite vela sobre ele. Rápido, talvez demasiadamente rápido, essa vigília terá fim: as estrelas disseram-lhe que já se forjou a espada que a decepará para sempre (Gram é o nome dessa espada.) Num estilo cada vez mais tortuoso, pondera o brilho e a flexibilidade de seu corpo; em algum parágrafo, fala distraidamente de escamas; em outro, diz que o tesouro que guarda é de ouro fulgurante e de anéis vermelhos. No final, entendemos que o asceta é a serpente Fafnir e o tesouro em que jaz, o dos Nibelungos. A aparição de Sigurd corta bruscamente a história.

Disse que a execução dessa ninharia (em cujo decurso intercalei, pseudo-eruditamente, algum verso da *Fáfnismál)* permitiu-me esquecer a moeda. Noites houve em que me acreditei tão seguro de poder esquecê-la que voluntariamente a recordava. O certo é que abusei desses momentos; dar-lhes início resultava mais fácil que lhes dar fim. Em vão repeti que esse

abominável disco de níquel não diferia dos outros que passam de uma para outra mão, iguais, infinitos e inofensivos. Impelido por essa reflexão, procurei pensar em outra moeda, mas não pude. Também me lembro de alguma experiência, frustrada, com cinco e dez centavos chilenos e com um vintém oriental. Em 16 de julho, adquiri uma libra esterlina; não a olhei durante o dia, mas nessa noite (e outras) coloquei-a sob uma lente de aumento e estudei-a à luz de uma poderosa lâmpada elétrica. Depois, desenhei-a com um lápis, através de um papel. De nada me valeram o fulgor e o dragão e São Jorge; não consegui livrar-me da ideia fixa.

No mês de agosto, optei por consultar um psiquiatra. Não lhe confiei toda a minha ridícula história; disse-lhe que a insônia me atormentava e que a imagem de um objeto qualquer costumava perseguir-me; a de uma ficha ou a de uma moeda, digamos... Pouco depois, exumei em uma livraria da rua Sarmiento um exemplar de *Urkunden zur Geschichte der Zahirsage* (Breslau, 1899), de Julius Barlach.

Naquele livro estava declarado meu mal. Segundo o prólogo, o autor se propôs "reunir em um único volume em legível oitavo-maior todos os documentos que se referem à superstição do Zahir, inclusive quatro peças pertencentes ao arquivo de Habicht e o manuscrito original do relatório de Philip Meadows Taylor". A crença no Zahir é islâmica e data, ao que parece, do século XVIII. (Barlach impugna as passagens que Zotenberg atribui a Abulfeda.) *Zahir,* em árabe, quer dizer evidente, visível; em tal sentido, é um dos noventa e nove nomes de Deus; a plebe, em terras muçulmanas, chama-o de "os seres ou coisas que têm a

terrível virtude de ser inolvidáveis e cuja imagem acaba por enlouquecer as pessoas". O primeiro testemunho incontrovertido é o do persa Lutf Ali Azur. Nas derradeiras páginas da enciclopédia biográfica intitulada *Templo do Fogo*, esse polígrafo e dervixe narrou que, num colégio de Shiraz, houve um astrolábio de cobre, "construído de tal modo que quem o olhasse uma vez não pensava em outra coisa e assim o rei ordenou que o atirassem no mais profundo do mar, para que os homens não se esquecessem do universo". Mais extenso é o relatório de Meadows Taylor, que serviu ao soberano de Haidarabad e compôs a famosa novela *Confessions of a Thug*. Por volta de 1832, Taylor ouviu nos arrabaldes de Bhuj a estranha locução "Ter visto o Tigre" *(Verily he has looked on the Tiger)* para significar a loucura ou a santidade. Disseram-lhe que a referência era a um tigre mágico, que foi a perdição de quantos o viram, mesmo de muito longe, pois todos continuaram pensando nele até o fim de seus dias. Alguém disse que um desses desventurados fugira para Mysore, onde pintara num palácio a figura do tigre. Anos depois, Taylor visitou os cárceres desse reino; no de Nithur, o governador lhe mostrou uma cela em cujo piso, em cujos muros e em cuja abóbada um faquir muçulmano desenhara (em bárbaras cores que o tempo, em vez de apagar, delineava) uma espécie de tigre infinito. Esse tigre estava feito de muitos tigres, de vertiginosa maneira; atravessavam-no tigres, estava raiado de tigres, incluía mares e Himalaias e exércitos que pareciam outros tigres. O pintor morrera, havia anos, nessa mesma cela; vinha de Sind ou talvez de Guzerat e seu propósito inicial fora traçar um mapa-múndi. Desse propósito restavam

vestígios na monstruosa imagem. Taylor narrou a história a Muhammad Al-Yemeni, de Fort William; este lhe disse que não havia criatura no mundo que não se inclinasse para *Zaheer,*[12] mas que o Todo-Misericordioso não deixa que duas coisas o sejam ao mesmo tempo, já que uma só pode fascinar multidões. Disse que sempre existe um Zahir e que na Idade da Ignorância foi o ídolo que se chamou Yauq e depois um profeta do Kurassan, que usava um véu recamado de pedras ou uma máscara de ouro[13]. Disse também que Deus é inescrutável.

Muitas vezes li a monografia de Barlach. Não decifro quais foram meus sentimentos; recordo o desespero quando compreendi que já nada me salvaria, o intrínseco alívio de saber que eu não era culpado de minha desdita, a inveja que me deram aqueles homens cujo Zahir não foi uma moeda mas um pedaço de mármore ou um tigre. Que empresa fácil não pensar num tigre, refleti. Também me lembro da inquietude singular com que li este parágrafo: "Um comentador do *Gulshan i Raz* diz que quem viu o Zahir logo verá a Rosa e cita um verso interpolado no *Asrar Nama* (Livro de Coisas que se Ignoram), de Attar: o Zahir é a sombra da Rosa e a rasgadura do Véu".

Na noite em que velaram Teodelina, surpreendeu-me não ver entre os presentes a senhora de Abascal, sua irmã mais moça. Em outubro, uma sua amiga me disse:

— Pobre Julita, ficou tão estranha que a internaram no Bosch. Como não estará estafando as enfermeiras que lhe dão comida na boca! Continua obcecada pela moeda, idêntica ao *chauffeur* de Morena Sackmann.

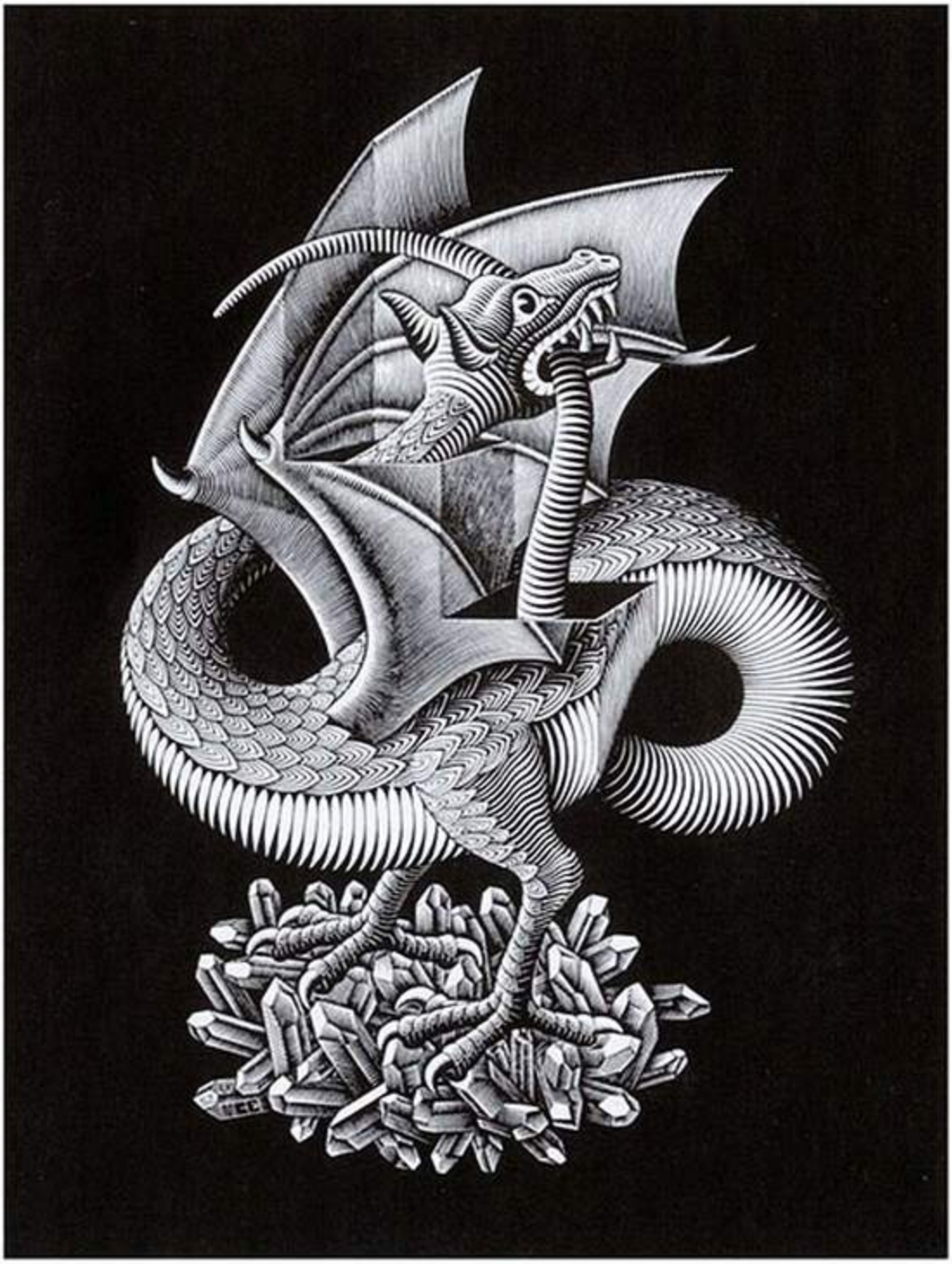
O tempo, que atenua as lembranças, agrava a do Zahir. Antes, eu imaginava o anverso e depois o reverso; agora, vejo simultaneamente os dois. Isso não ocorre como se fosse de cristal o Zahir, pois uma face não se superpõe à outra; ocorre, isso sim, como se a visão fosse esférica e o Zahir sobressaísse no centro. O que não é o Zahir me chega depurado e como que distante: a desdenhosa imagem de Teodelina, a dor física. Disse Tennyson que, se pudéssemos compreender uma única flor, saberíamos quem somos e o que é o mundo. Talvez quisesse dizer que não existe fato, por humilde que seja, que não implique a história universal e sua infinita concatenação de efeitos e causas. Talvez quisesse dizer que o mundo visível se dá inteiro em cada representação, da mesma maneira que a vontade, segundo Schopenhauer, se dá inteira em cada indivíduo. Os cabalistas entenderam que o homem é um microcosmo, um simbólico espelho do universo; tudo, segundo Tennyson, o seria. Tudo, até o intolerável Zahir.

Antes de 1948, o destino de Julia talvez já tenha me atingido. Terão de alimentar-me e vestir-me, não saberei se é tarde ou manhã, não saberei quem foi Borges. Qualificar de terrível esse futuro é uma falácia, já que nenhuma de suas circunstâncias terá significado para mim. Tanto valeria sustentar que é terrível a dor de um anestesiado a quem abrem o crânio. Já não perceberei o universo, perceberei o Zahir. Segundo a doutrina idealista, os verbos *viver* e *sonhar* são rigorosamente sinônimos; de milhares de aparências, passarei a uma; de um sonho muito complexo a um sonho muito simples. Outros sonharão que estou louco, e eu com o Zahir. Quando todos os homens da terra pensarem, dia e

noite, no Zahir, qual será um sonho e qual uma realidade, a terra ou o Zahir?

Nas horas desertas da noite ainda posso caminhar pelas ruas. A aurora costuma surpreender-me num banco da praça Garay, pensando (procurando pensar) naquela passagem do *Asrar Nama,* na qual se diz que o Zahir é a sombra da Rosa e a rasgadura do Véu. Vinculo essa opinião a esta notícia: para perder-se em Deus, os sufis repetem seu próprio nome ou os noventa e nove nomes divinos até que eles já nada querem dizer. Eu desejo percorrer esse caminho. Talvez acabe por gastar o Zahir à força de pensar e repensar nele; talvez, por trás da moeda, esteja Deus.

Para Wally Zenner.



A ESCRITA DO DEUS

O cárcere é profundo e de pedra; sua forma, a de um hemisfério quase perfeito, embora o piso (também de pedra) seja algo menor que um círculo máximo, fato que de algum modo agrava os sentimentos de opressão e de grandeza. Um muro corta-o pelo meio; este, apesar de altíssimo, não toca a parte superior da abóbada; de um lado estou eu, Tzinacan, mago da pirâmide de Qaholom, que Pedro de Alvarado incendiou; do outro há um jaguar, que mede com secretos passos iguais o tempo e o espaço do cativeiro. Ao nível do chão, uma ampla janela com barrotes corta o muro central. Na hora sem sombra [o meio-dia], abre-se um alçapão no alto e um carcereiro que foram apagando os anos manobra uma roldana de ferro e nos baixa, na ponta de um cordel, cântaros com água e pedaços de carne. A luz entra na abóbada; nesse instante posso ver o jaguar.

Perdi o número dos anos que estou na treva; eu, que uma vez fui jovem e podia caminhar por esta prisão, não faço outra coisa senão aguardar, na postura de minha morte, o fim que me destinam os deuses. Com a profunda faca de pedernal abri o peito das vítimas e agora não poderia, sem magia, levantar-me do pó.

Na véspera do incêndio da Pirâmide, os homens que desceram de altos cavalos me castigaram com metais ardentes para que revelasse o lugar de um tesouro escondido. Abateram, diante de meus olhos, o ídolo do deus, mas este não me abandonou e me

mantive silencioso entre os tormentos. Laceraram-me, quebraram-me, deformaram-me e depois acordei neste cárcere, que não mais deixarei em minha vida mortal.

Premido pela fatalidade de fazer algo, de povoar de algum modo o tempo, quis recordar, em minha sombra, tudo o que sabia. Noites inteiras desperdicei em recordar a ordem e o número de algumas serpentes de pedra ou a forma de uma árvore medicinal. Assim fui debelando os anos, assim fui entrando na posse do que já era meu. Uma noite, senti que me aproximava de uma lembrança precisa; antes de ver o mar, o viajante sente uma agitação no sangue. Horas depois, comecei a avistar a lembrança; era uma das tradições do deus. Este, prevendo que no fim dos tempos ocorreriam muitas desventuras e ruínas, escreveu no primeiro dia da Criação uma sentença mágica, capaz de conjurar esses males. Escreveu-a de maneira que chegasse às mais distantes gerações e que não a tocasse o azar. Ninguém sabe em que ponto a escreveu nem com que caracteres, mas consta-nos que perdura, secreta, e que a lerá um eleito. Considerei que estávamos, como sempre, no fim dos tempos e que meu destino de último sacerdote do deus me daria acesso ao privilégio de intuir essa escrita. O fato de que me rodeasse uma prisão não me vedava essa esperança; talvez eu tivesse visto milhares de vezes a inscrição de Qaholom e só me faltasse entendê-la.

Essa reflexão me animou e logo me infundiu uma espécie de vertigem. No âmbito da terra existem formas antigas, formas incorruptíveis e eternas; qualquer uma delas podia ser o símbolo procurado. Uma montanha podia ser a palavra do deus, ou um rio ou o império ou a configuração dos astros. Mas no curso dos

séculos as montanhas se aplainam e o caminho de um rio costuma desviar-se e os impérios conhecem mutações e estragos e a figura dos astros varia. No firmamento há mudança. A montanha e a estrela são indivíduos e os indivíduos caducam. Procurei algo mais tenaz, mais invulnerável. Pensei nas gerações dos cereais, dos pastos, dos pássaros, dos homens. Talvez em minha face estivesse escrita a magia, talvez eu mesmo fosse o fim de minha procura. Estava nesse afã quando recordei que o jaguar era um dos atributos do deus.

Então minha alma se encheu de piedade. Imaginei a primeira manhã do tempo, imaginei meu deus confiando a mensagem à pele viva dos jaguares, que se amariam e se gerariam eternamente, em cavernas, em canaviais, em ilhas, para que os últimos homens a recebessem. Imaginei essa rede de tigres, esse quente labirinto de tigres, causando horror aos prados e aos rebanhos para conservar um desenho. Na outra cela havia um jaguar; em sua proximidade percebi uma confirmação de minha conjetura e um secreto favor.

Dediquei longos anos a aprender a ordem e a configuração das manchas. Cada cega jornada me concedia um instante de luz, e assim pude fixar na mente as negras formas que riscavam a pelagem amarela. Algumas incluíam pontos; outras formavam raias transversais na face interior das pernas; outras, anulares, se repetiam. Talvez fossem um mesmo som ou uma mesma palavra. Muitas tinham bordas vermelhas.

Não falarei das fadigas de meu labor. Mais de uma vez gritei à abóbada que era impossível decifrar aquele texto. Gradualmente, o enigma concreto que me atarefava me inquietou menos que o

enigma genérico de uma sentença escrita por um deus. Que tipo de sentença (perguntei-me) construirá uma mente absoluta? Considerei que mesmo nas linguagens humanas não existe proposição que não implique o universo inteiro; dizer *o tigre* é dizer os tigres que o geraram, os cervos e tartarugas que ele devorou, o pasto de que se alimentaram os cervos, a terra que foi mãe do pasto, o céu que deu luz à terra. Considerei que na linguagem de um deus toda palavra enunciaria essa infinita concatenação dos fatos, e não de um modo implícito, mas explícito, e não de um modo progressivo, mas imediato. Com o tempo, a noção de uma sentença divina pareceu-me pueril ou blasfematória. Um deus, refleti, só deve dizer uma palavra e nessa palavra a plenitude. Nenhuma palavra articulada por ele pode ser inferior ao universo ou menos que a soma do tempo. Sombras ou simulacros dessa palavra, que equivale a uma linguagem e a quanto pode compreender uma linguagem, são as ambiciosas e pobres palavras humanas, *tudo, mundo, universo.*

Um dia ou uma noite — entre meus dias e minhas noites que diferença existe? — sonhei que no chão do cárcere havia um grão de areia. Voltei a dormir, indiferente; sonhei que despertava e que havia dois grãos de areia. Voltei a dormir; sonhei que os grãos de areia eram três. Foram, assim, multiplicando-se até encher o cárcere e eu morria sob esse hemisfério de areia. Compreendi que estava sonhando; com enorme esforço, despertei. O despertar foi inútil; a inumerável areia me sufocava. Alguém me disse: *"Não despertaste para a vigília, mas para um sonho anterior. Esse sonho está dentro de outro, e assim até o infinito, que é o número dos grãos de areia. O caminho que terás*

de desandar é interminável e morrerás antes de haver despertado realmente".

Senti-me perdido. A areia me enchia a boca, mas gritei: " *Nenhuma areia sonhada pode matar-me, nem existem sonhos dentro de sonhos*". Um resplendor me despertou. Na treva superior desenhava-se um círculo de luz. Vi a face e as mãos do carcereiro, a roldana, o cordel, a carne e os cântaros.

Um homem se confunde, gradualmente, com a forma de seu destino; um homem é, afinal, suas circunstâncias. Mais que um decifrador ou um vingador, mais que um sacerdote do deus, eu era um encarcerado. Do incansável labirinto de sonhos regressei, como à minha casa, à dura prisão. Bendisse sua umidade, bendisse seu tigre, bendisse a fresta de luz, bendisse meu velho corpo dolorido, bendisse a treva e a pedra.

Então ocorreu o que não posso esquecer nem comunicar. Ocorreu a união com a divindade, com o universo (não sei se estas palavras diferem). O êxtase não repete seus símbolos; há quem tenha visto Deus num resplendor, há quem o tenha percebido numa espada ou nos círculos de uma rosa. Eu vi uma Roda altíssima, que não estava diante de meus olhos, nem atrás, nem nos lados, mas em todas as partes, a um só tempo. Essa Roda estava feita de água, mas também de fogo, e era (embora se visse a borda) infinita. Entretecidas, formavam-na todas as coisas que serão, que são e que foram, e eu era um fio dessa trama total, e Pedro de Alvarado, que me atormentou, era outro. Ali estavam as causas e os efeitos e me bastava ver essa Roda para entender tudo, interminavelmente. Oh, felicidade de entender, maior que a de imaginar ou que a de sentir! Vi o universo e vi os íntimos

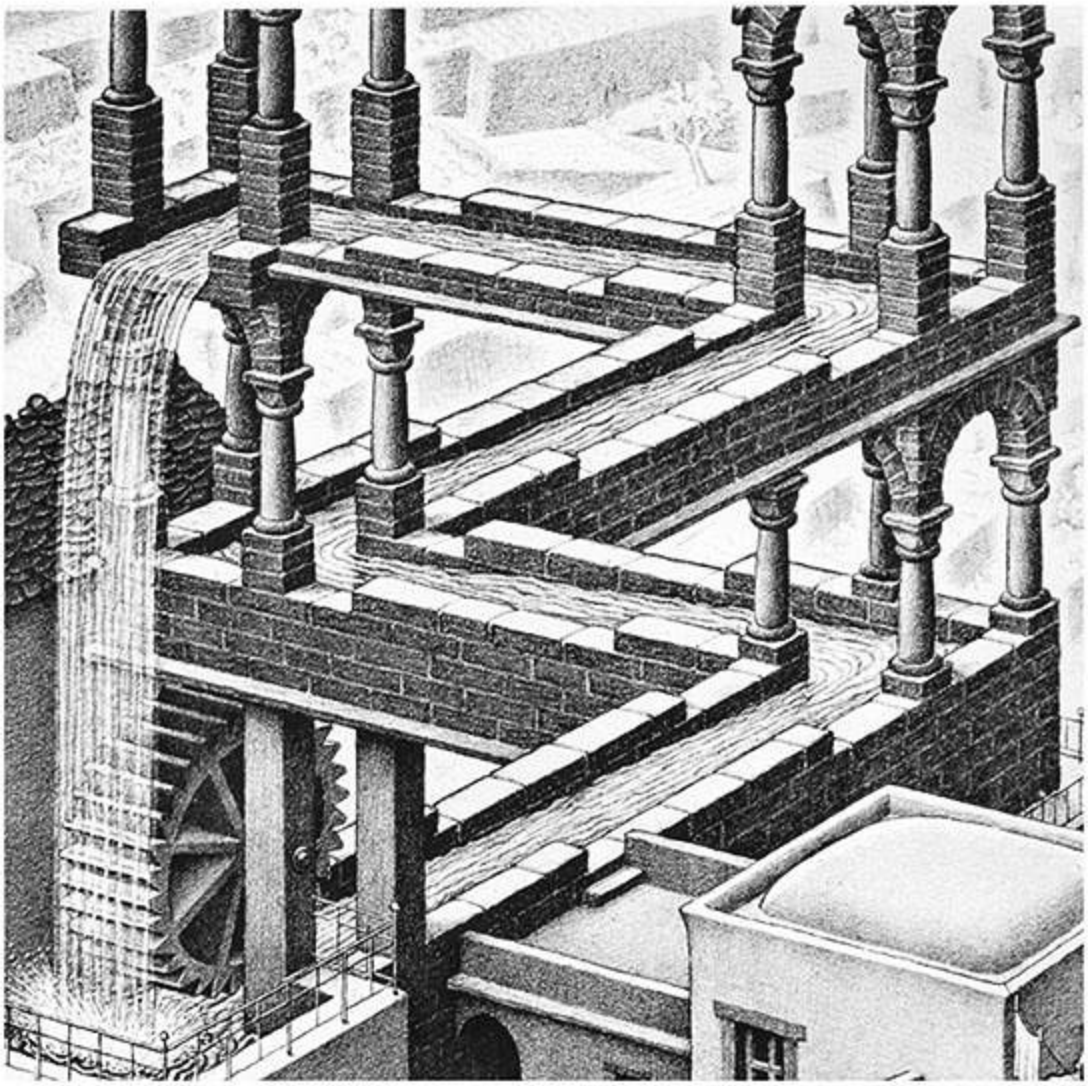
desígnios do universo. Vi as origens que narra o Livro do Comum. Vi as montanhas que surgiram da água, vi os primeiros homens feitos de pau, vi as tinalhas que se voltaram contra os homens, vi os cães que lhes destroçaram os rostos. Vi o deus sem face que há por trás dos deuses. Vi infinitos processos que formavam uma só felicidade e, entendendo tudo, consegui também entender a escrita do tigre.

É uma fórmula de catorze palavras casuais (que parecem casuais) e me bastaria dizê-la em voz alta para ser Todo-Poderoso. Bastaria dizê-la para abolir este cárcere de pedra, para que o dia entrasse em minha noite, para ser jovem, para ser imortal, para que o tigre destroçasse Alvarado, para afundar o santo punhal em peitos espanhóis, para reconstruir a pirâmide, para reconstruir o império. Quarenta sílabas, catorze palavras, e eu, Tzinacan, regeria as terras que Montezuma regeu. Mas eu sei que nunca direi essas palavras, porque não me lembro de Tzinacan.

Que morra comigo o mistério que está escrito nos tigres. Quem entreviu o universo, quem entreviu os ardentes desígnios do universo não pode pensar num homem, em suas triviais venturas ou desventuras, mesmo que esse homem seja ele. Esse homem *foi ele* e agora não lhe importa. Que lhe importa a sorte daquele outro, que lhe importa a nação daquele outro, se ele agora é ninguém. Por isso não pronuncio a fórmula, por isso deixo que os dias me esqueçam, deitado na escuridão.

Para Ema Risso Platero.

א



ABENJACAN, O BOKARI, MORTO EM SEU LABIRINTO

...são comparáveis à aranha, que edifica uma casa.
Alcorão, XXIX, 40.

— Esta — disse Dunraven com um grande gesto que não recusava as nubladas estrelas e que abarcava o negro páramo, o mar e um edifício majestoso e decrépito que parecia uma cavalariça deteriorada — é a terra de meus antepassados.

Unwin, seu companheiro, tirou o cachimbo da boca e emitiu sons modestos e aprovadores. Era a primeira tarde do verão de 1914; fartos de um mundo sem a dignidade do perigo, os amigos apreciavam a solidão desses confins de Cornwall. Dunraven fomentava uma barba escura e se sabia autor de uma considerável epopéia que seus contemporâneos quase não poderiam escandir e cujo tema não lhe havia sido ainda revelado; Unwin publicara um estudo sobre o teorema que Fermat não escreveu à margem de uma página de Diofanto. Ambos — será preciso que o diga? — eram jovens, distraídos e apaixonados.

— Fará um quarto de século — disse Dunraven — que Abenjacan, o Bokari, chefe ou rei de não sei que tribo nilótica, morreu no aposento central desta casa, pelas mãos de seu primo Zaid. Com o passar dos anos, as circunstâncias de sua morte continuam obscuras.

Unwin perguntou por quê, docilmente.

— Por diversas razões — foi a resposta. — Em primeiro lugar, esta casa é um labirinto. Em segundo lugar, vigiavam-na um escravo e um leão. Em terceiro lugar, desvaneceu-se um tesouro secreto. Em quarto lugar, o assassino estava morto quando o assassinato ocorreu. Em quinto lugar...

Unwin, cansado, o deteve.

— Não multipliques os mistérios — disse. — Estes devem ser simples. Lembra a carta roubada de Poe, lembra o quarto fechado de Zangwill.

— Ou complexos — replicou Dunraven. — Lembra o universo.

Subindo colinas arenosas, haviam chegado ao labirinto. Este, de perto, pareceu-lhes uma direita e quase interminável parede, de tijolos sem reboco, pouco mais alta que um homem. Dunraven disse que tinha a forma de um círculo, mas tão extensa era sua área que não se percebia a curvatura. Unwin lembrou-se de Nicolau de Cusa, para quem toda linha reta é o arco de um círculo infinito... Por volta da meia-noite, descobriram uma arruinada porta, que dava para um cego e perigoso corredor. Dunraven disse que no interior da casa havia muitas encruzilhadas, mas que, dobrando sempre à esquerda, chegariam em pouco mais de uma hora ao centro da rede. Unwin assentiu. Os passos cautelosos ressoaram no solo de pedra; o corredor se bifurcou em outros mais estreitos. A casa parecia querer asfixiá-los, o teto era muito baixo. Tiveram de avançar um atrás do outro pela complicada treva. Unwin ia adiante. Embrutecido de asperezas e de ângulos, fluía sem fim contra sua mão o invisível

muro. Unwin, lento na sombra, ouviu da boca de seu amigo a história da morte de Abenjacan.

— Talvez a mais antiga de minhas lembranças — contou Dunraven — seja a de Abenjacan, o Bokari, no porto de Pentreath. Seguia-o um homem negro com um leão; sem dúvida o primeiro negro e o primeiro leão que meus olhos viram fora das gravuras da Escritura. Eu era então um menino, mas a fera da cor do sol e o homem da cor da noite me impressionaram menos que Abenjacan. Pareceu-me muito alto; era um homem de pele citrina, de entrecerrados olhos negros, de insolente nariz, de carnudos lábios, de barba açafroada, de peito forte, de andar seguro e silencioso. Em casa disse: "Chegou um rei num navio". Depois, com o trabalho dos pedreiros, ampliei esse título e pus-lhe o de Rei de Babel.

A notícia de que o forasteiro iria fixar-se em Pentreath foi recebida com agrado; a extensão e a forma de sua casa, com espanto e até mesmo com escândalo. Pareceu intolerável que uma casa constasse de um único aposento e de léguas e léguas de corredores. "Entre os mouros são usadas tais casas, mas não entre cristãos", diziam as pessoas. Nosso reitor, o senhor Allaby, homem de curiosa leitura, exumou a história de um rei a quem a Divindade castigou por ter erguido um labirinto e a divulgou do púlpito. Na segunda-feira, Abenjacan visitou a reitoria; os pormenores da breve entrevista não se conheceram então, mas nenhum sermão ulterior aludiu à soberba, e o mouro pôde contratar pedreiros. Anos depois, quando pereceu Abenjacan, Allaby declarou às autoridades a substância do diálogo.

Abenjacan disse-lhe, de pé, estas ou parecidas palavras: "Ninguém mais pode censurar o que faço. As culpas que me infamam são tais que, mesmo que eu repetisse durante séculos o último Nome de Deus, isso não bastaria para mitigar um só de meus tormentos; as culpas que me infamam são tais que, mesmo que eu o matasse com estas mãos, isso não agravaria os tormentos que me destina a infinita justiça. Em nenhuma terra é desconhecido o meu nome; sou Abenjacan, o Bokari, e regi as tribos do deserto com um cetro de ferro. Durante muitos anos, despojei-as, com assistência de meu primo Zaid, mas Deus ouviu seu clamor e permitiu que se rebelassem. Minha família foi rasgada e esfaqueada; eu consegui fugir com o tesouro arrecadado em meus anos de espoliação. Zaid guiou-me ao sepulcro de um santo, ao pé de uma montanha de pedra. Ordenei a meu escravo que vigiasse a frente do deserto; Zaid e eu dormimos, exaustos. Nessa noite, acreditei que me aprisionava uma rede de serpentes. Despertei com horror; a meu lado, ao amanhecer, dormia Zaid; o roçar de uma teia de aranha em minha carne me fizera sonhar aquele sonho. Desgostou-me que Zaid, um covarde, dormisse tão tranquilamente. Considerei que o tesouro não era infinito e que ele podia reclamar uma parte. Em meu cinto estava a adaga com a empunhadura de prata; desnudei-a e atravessei-lhe a garganta. Em sua agonia, ele balbuciou algumas palavras que não pude entender. Olhei-o; estava morto, mas temi que se levantasse e ordenei ao escravo que lhe desfizesse o rosto com uma pedra. Depois erramos sob o céu e um dia divisamos um mar. Sulcavam-no navios muito altos; refleti que um morto não poderia andar pela água e decidi

procurar outras terras. Na primeira noite que navegamos, sonhei que eu matava Zaid. Tudo se repetiu mas eu entendi suas palavras. Dizia: *"Como agora me apagas, eu te apagarei, onde quer que estejas"*. Jurei frustrar essa ameaça; ficarei oculto no centro de um labirinto para que seu fantasma se perca".

Dito isso, foi embora. Allaby tratou de pensar que o mouro estava louco e que o absurdo labirinto era símbolo e claro testemunho de sua loucura. Depois refletiu que essa explicação condizia com o extravagante edifício e com o extravagante relato, não com a enérgica impressão que deixava o homem Abenjacan. Talvez tais histórias fossem comuns nos areais egípcios, talvez tais estranhezas correspondessem (como os dragões de Plínio) menos a uma pessoa que a uma cultura... Allaby, em Londres, reviu números atrasados do *Times;* comprovou a verdade da rebelião e de uma subsequente derrota do Bokari e de seu vizir, que tinha fama de covarde.

Aquele, tão logo os pedreiros concluíram a obra, instalou-se no centro do labirinto. Não o viram mais no povoado; por vezes, Allaby temeu que Zaid já o tivesse encontrado e aniquilado. Durante as noites, o vento nos trazia o rugido do leão, e as ovelhas do redil se aconchegavam com um antigo medo.

Costumavam ancorar na pequena baía, rumo a Cardiff ou a Bristol, navios de portos orientais. O escravo descia do labirinto (que então, estou lembrado, não era rosado, mas de cor carmesim) e trocava palavras africanas com as tripulações e parecia procurar entre os homens o fantasma do vizir. Dizia-se que tais embarcações traziam contrabando, e se de álcoois ou marfins proibidos, por que não, também, de sombras de mortos?

Aos três anos da construção da casa, ancorou ao pé das colinas o *Rose of Sharon*. Não fui dos que viram esse veleiro e talvez na imagem que tenho dele influam esquecidas litografias de Aboukir ou de Trafalgar, mas acho que era desses barcos muito trabalhados que não parecem obra de armador mas de carpinteiro e menos de carpinteiro que de ebanista. Era (se não na realidade, em meus sonhos) polido, escuro, silencioso e veloz, e o tripulavam árabes e malaios.

Ancorou ao amanhecer de um dos dias de outubro. Ao entardecer, Abenjacan irrompeu na casa de Allaby. Dominava-o a paixão do terror; apenas pôde articular que Zaid já tinha entrado no labirinto e que seu escravo e seu leão haviam perecido. Perguntou com seriedade se as autoridades poderiam ampará-lo. Antes que Allaby respondesse, saiu, como se o arrebatasse o mesmo terror que o havia trazido a essa casa, pela segunda e última vez. Allaby, sozinho em sua biblioteca, pensou com espanto que esse temeroso oprimira no Sudão tribos de ferro, e sabia o que é uma batalha e o que é matar. Observou, no outro dia, que já havia zarpado o veleiro (rumo a Suakin, no mar Vermelho, averiguou-se depois). Refletiu que seu dever era comprovar a morte do escravo e dirigiu-se ao labirinto. O arquejante relato do Bokari pareceu-lhe fantástico, mas em um ângulo das galerias deu com o leão, e o leão estava morto, e em outro, com o escravo, que estava morto, e no aposento central com o Bokari, a quem haviam destroçado o rosto. Aos pés do homem havia uma arca marchetada de nácar; alguém forçara a fechadura e não restava uma única moeda.

Os períodos finais, agravados por pausas oratórias, procuravam ser eloqüentes; Unwin adivinhou que Dunraven os pronunciara muitas vezes, com idêntico aprumo e com idêntica ineficácia. Perguntou, para simular interesse:

— Como morreram o leão e o escravo?

A incorrigível voz respondeu com sombria satisfação:

— Também lhes destroçaram o rosto.

Ao ruído dos passos juntou-se o ruído da chuva. Unwin pensou que teriam de dormir no labirinto, no aposento central do relato, e que na lembrança essa longa incomodidade seria uma aventura. Guardou silêncio; Dunraven não pôde conter-se e perguntou, como quem não perdoa uma dívida:

— Não é inexplicável esta história?

Unwin respondeu, como se pensasse em voz alta:

— Não sei se é explicável ou inexplicável. Sei que é mentira.

Dunraven prorrompeu em palavrões e invocou o testemunho do filho mais velho do reitor (Allaby, parece, havia morrido) e de todos os vizinhos de Pentreath. Não menos atônito que Dunraven, Unwin desculpou-se. O tempo, na escuridão, parecia mais longo; os dois temeram haver perdido o caminho e estavam muito cansados quando uma tênue claridade superior lhes mostrou os degraus iniciais de uma estreita escada. Subiram e chegaram a um arruinado quarto redondo. Dois sinais perduravam do medo do malfadado rei: uma estreita janela que dominava os páramos e o mar e no chão um alçapão que se abria sobre a curva da escada. O quarto, embora espaçoso, tinha muito de cela carcerária.

Menos instados pela chuva que pelo afã de viver para rememorar e contar, os amigos passaram a noite no labirinto. O matemático dormiu com tranquilidade, o que não aconteceu com o poeta, acossado por versos que sua razão julgava detestáveis:

Faceless the sultry and overpowering lion,
Faceless the stricken slave, faceless the king.

Unwin acreditava que não lhe interessara a história da morte do Bokari, mas acordou com a convicção de havê-la decifrado. Todo aquele dia esteve preocupado e esquivo, ajustando e reajustando as peças, e duas noites depois se reuniu com Dunraven em uma cervejaria de Londres e disse-lhe estas ou parecidas palavras:

— Em Cornwall disse que era mentira a história que ouvi de ti. Os *fatos* eram certos, ou poderiam sê-lo, mas contados como tu os contaste eram, de modo manifesto, mentiras. Começarei pela maior mentira de todas, pelo labirinto inacreditável. Um fugitivo não se oculta num labirinto. Não ergue um labirinto sobre um alto lugar da costa, um labirinto carmesim que os marinheiros avistam de longe. Não precisa erguer um labirinto, quando o universo já o é. Para quem verdadeiramente quer ocultar-se, Londres é melhor labirinto que um observatório para o qual se dirigem todos os corredores de um edifício. A sábia reflexão que agora te submeto foi-me concedida anteontem à noite, enquanto ouvíamos chover sobre o labirinto e esperávamos que o sono nos

visitasse; advertido e esclarecido por ela, optei por esquecer teus absurdos e pensar em algo sensato.

— Na teoria dos conjuntos, digamos, ou numa quarta dimensão do espaço — observou Dunraven.

— Não — disse Unwin com seriedade. — Pensei no labirinto de Creta. O labirinto cujo centro era um homem com cabeça de touro.

Dunraven, versado em obras policiais, pensou que a solução do mistério sempre é inferior ao mistério. O mistério participa do sobrenatural e até mesmo do divino; a solução, da prestidigitação. Disse, para retardar o inevitável:

— Cabeça de touro tem em medalhas e esculturas o minotauro. Dante imaginou-o com o corpo de touro e cabeça de homem.

— Também essa versão me convém — assentiu Unwin. — O que importa é a correspondência da casa monstruosa com o habitante monstruoso. O minotauro justifica de sobra a existência do labirinto. Ninguém dirá o mesmo de uma ameaça percebida em um sonho. Evocada a imagem do minotauro (evocação fatal num caso em que existe um labirinto), o problema, virtualmente, estava resolvido. No entanto, confesso não ter entendido que essa antiga imagem fosse a chave e, assim, foi necessário que teu relato me oferecesse um símbolo mais preciso: a teia de aranha.

— A teia de aranha? — repetiu Dunraven, perplexo.

— Sim. Não me espantaria nada que a teia de aranha (a forma universal da teia de aranha, entendamos bem, a teia de aranha de

Platão) tivesse sugerido ao assassino (porque há um assassino) seu crime. Lembrarás que o Bokari, em uma tumba, sonhou com uma rede de serpentes e que, ao despertar, descobriu que uma teia de aranha lhe sugerira aquele sonho. Voltemos a essa noite em que o Bokari sonhou com uma rede. O rei vencido e o vizir e o escravo fogem pelo deserto com um tesouro. Refugiam-se em uma tumba. Dorme o vizir, de quem sabemos que é um covarde; não dorme o rei, de quem sabemos que é um valente. O rei, para não compartilhar o tesouro com o vizir, mata-o com uma facada; a sombra dele ameaça-o num sonho, noites depois. Tudo isto é inacreditável; entendo que os fatos ocorreram de outra maneira. Nessa noite dormiu o rei, o valente, e velou Zaid, o covarde. Dormir é distrair-se do universo, e a distração é difícil para quem sabe que o perseguem com espadas nuas. Zaid, ávido, inclinou-se sobre o sono de seu rei. Pensou em matá-lo (quem sabe até brincou com o punhal), mas não se atreveu. Chamou o escravo, ocultaram parte do tesouro na tumba, fugiram para Suakin e para a Inglaterra. Não com o fim de ocultar-se do Bokari, mas para atraí-lo e matá-lo, construiu à vista do mar o alto labirinto de muros vermelhos. Sabia que os navios levariam aos portos da Núbia a fama do homem vermelho, do escravo e do leão, e que, cedo ou tarde, o Bokari viria procurá-lo em seu labirinto. No último corredor da rede esperava o alçapão. O Bokari desprezava-o infinitamente; não se rebaixaria a tomar a menor precaução. O dia ansiado chegou; Abenjacan desembarcou na Inglaterra, caminhou até a porta do labirinto, atravessou os cegos corredores e já havia pisado talvez os primeiros degraus quando seu vizir o matou do alçapão, não sei se com um balaço. O

escravo mataria o leão e outro balaço mataria o escravo. Em seguida, Zaid desfez os três rostos com uma pedra. Teve que agir assim; um só morto com a face desfeita teria sugerido um problema de identidade, mas a fera, o negro e o rei formavam uma série e, dados os dois termos iniciais, todos postulariam o último. Não é estranho que estivesse dominado pelo temor quando falou com Allaby; acabava de executar a horrível tarefa e se dispunha a fugir da Inglaterra para recuperar o tesouro.

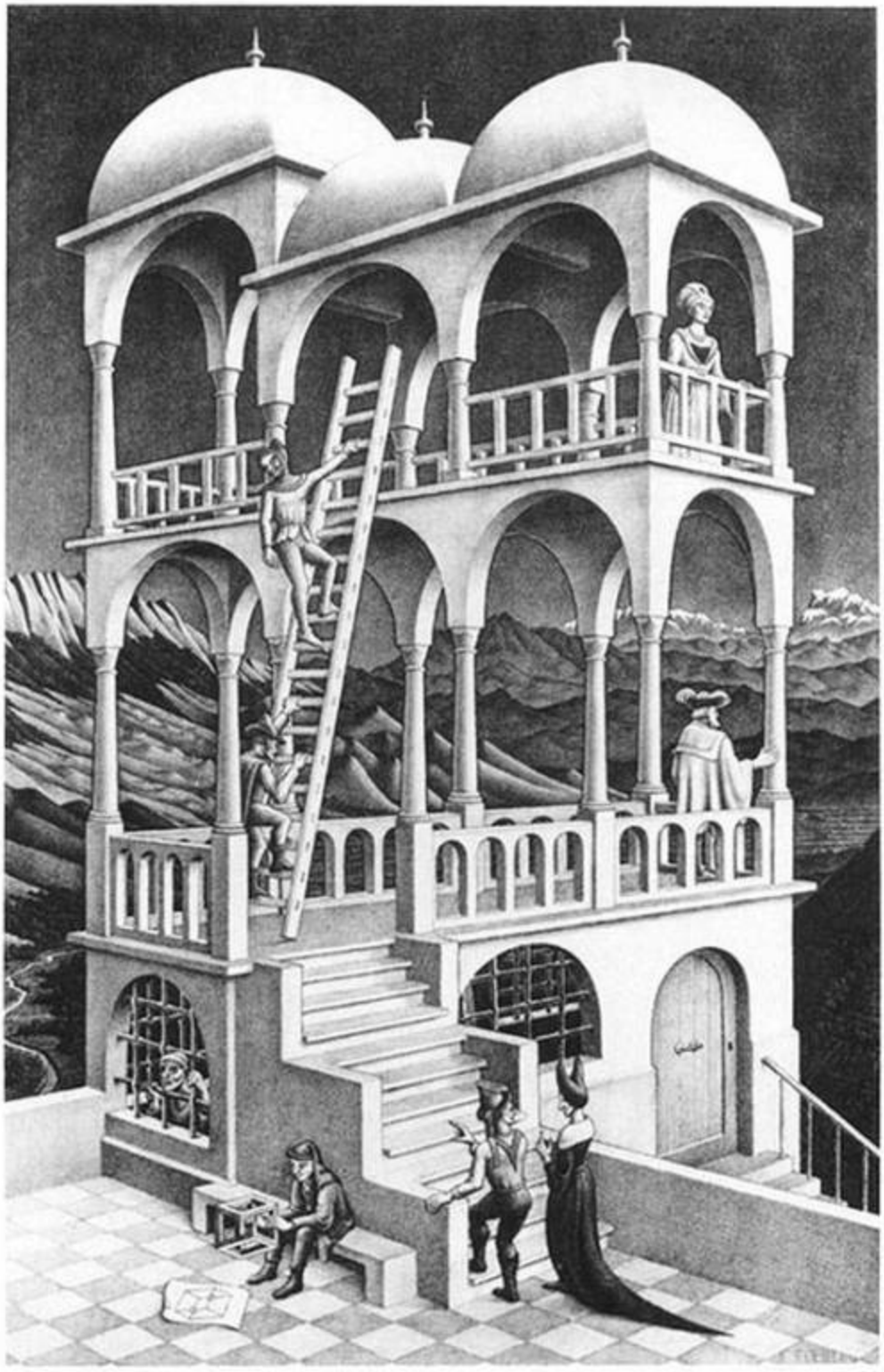
Um silêncio pensativo, ou incrédulo, seguiu-se às palavras de Unwin. Dunraven pediu outro copo de cerveja preta antes de opinar.

— Aceito — disse — que meu Abenjacan seja Zaid. Tais metamorfoses, vais dizer, são clássicos artifícios do gênero, são verdadeiras *convenções* cuja observância exige o leitor. O que resisto a admitir é a conjetura de que uma porção do tesouro ficasse no Sudão. Lembra que Zaid fugia do rei e dos inimigos do rei; mais fácil é imaginá-lo roubando todo o tesouro do que se demorando em enterrar uma parte. Talvez não se encontrassem moedas por não restarem moedas; os pedreiros teriam esgotado um caudal que, ao contrário do ouro vermelho dos Nibelungos, não era infinito. Teríamos assim Abenjacan atravessando o mar para reclamar um tesouro dilapidado.

— Dilapidado, não — disse Unwin. — Investido em armar em terra de infiéis uma grande armadilha circular de tijolo destinada a prendê-lo e aniquilá-lo. Zaid, se tua conjetura é correta, procedeu premido pelo ódio e pelo temor e não pela cobiça. Roubou o tesouro e depois compreendeu que não era o essencial

para ele. O essencial era que Abenjacan perecesse. Simulou ser Abenjacan, matou Abenjacan e finalmente *foi Abenjacan*.

— Sim — confirmou Dunraven. — Foi um vagabundo que, antes de ser ninguém na morte, recordaria ter sido um rei ou ter fingido ser um rei, algum dia.

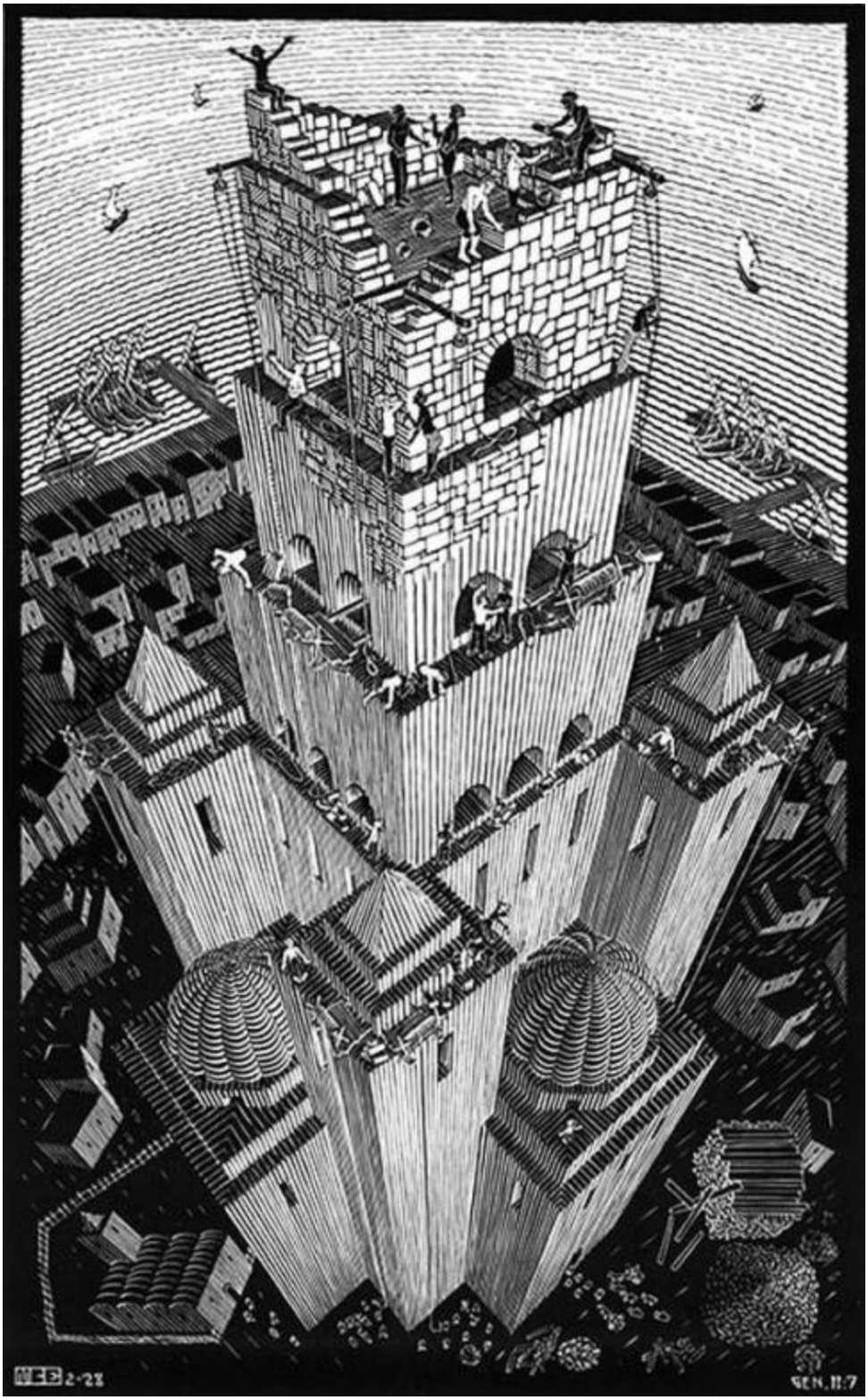


OS DOIS REIS E OS DOIS LABIRINTOS 14

Contam os homens dignos de fé (porém Alá sabe mais) que nos primeiros dias houve um rei das ilhas da Babilônia que reuniu arquitetos e magos e ordenou-lhes a construção de labirinto tão surpreendente e sutil que os varões mais prudentes não se aventuravam a entrar, e os que entravam se perdiam. Essa obra era um escândalo, pois a confusão e a maravilha são operações próprias de Deus e não dos homens. Com o correr do tempo, veio a sua corte um rei dos árabes, e o rei da Babilônia (para zombar da simplicidade de seu hóspede) fez com que ele penetrasse no labirinto, onde vagueou humilhado e confuso até o fim da tarde. Implorou então o socorro divino e deu com a porta. Seus lábios não proferiram queixa nenhuma, mas disse ao rei da Babilônia que ele tinha na Arábia outro labirinto e, se Deus quisesse, lho daria a conhecer algum dia. Depois regressou à Arábia, juntou seus capitães e alcaides e arrasou os reinos da Babilônia com tão venturosa sorte que derrubou seus castelos, dizimou sua gente e fez prisioneiro o próprio rei. Amarrou-o sobre um camelo veloz e levou-o para o deserto. Cavalgaram três dias, e lhe disse: "Oh, rei do tempo e substância e símbolo do século, na Babilônia, quiseste que me perdesse num labirinto de bronze com muitas escadas, portas e muros; agora o Poderoso

achou por bem que eu te mostre o meu, onde não há escadas a subir, nem portas a forçar, nem cansativas galerias a percorrer, nem muros que te vedem os passos".

Em seguida, desatou-lhes as amarras e o abandonou no meio do deserto, onde morreu de fome e de sede. A glória esteja com Aquele que não morre.


MCE 2-23
GEN. 11:7

A ESPERA

A carruagem deixou-o no quatro mil e quatro dessa rua do Noroeste. Não tinha dado as nove da manhã; o homem percebeu com aprovação os manchados plátanos, o quadrado de terra ao pé de cada um, as respeitáveis casas com varandinha, a farmácia contígua, os desbotados losangos da loja de tintas e da ferraria. Um longo e compacto paredão de hospital fechava a calçada da frente; o sol reverberava, mais ao longe, em algumas estufas. O homem considerou que essas coisas (agora arbitrárias e casuais e em qualquer ordem, como as que se vêem nos sonhos) seriam com o tempo, se Deus quisesse, invariáveis, necessárias e familiares. Na vitrina da farmácia lia-se em letras de fôrma: Breslauer; os judeus estavam deslocando os italianos, que tinham deslocado os nativos. Melhor assim; o homem preferia não alternar com gente de seu sangue.

O cocheiro ajudou-o a descer o baú; uma mulher de ar distraído ou cansado abriu pôr fim a porta. De seu assento, o cocheiro lhe devolveu uma das moedas, um vintém oriental que estava em seu bolso desde essa noite no hotel de Melo. O homem entregou-lhe quarenta centavos, e no ato ele sentiu: "Tenho obrigação de agir de maneira que todos se esqueçam de mim. Cometi dois erros: dei uma moeda de outro país e deixei ver que esse equívoco me interessa".

Precedido pela mulher, atravessou o vestíbulo e o primeiro pátio. O quarto que lhe haviam reservado dava, felizmente, para o segundo andar. A cama era de ferro, que o artífice havia deformado em curvas fantásticas, representando ramos e pâmpanos; havia, ao mesmo tempo, um alto guarda-roupa de pinho, uma mesa-de-cabeceira, uma estante com livros quase ao nível do chão, duas cadeiras díspares e um lavatório com sua bacia, sua jarra, sua saboneteira e um garrafão de vidro escuro. Um mapa da província de Buenos Aires e um crucifixo adornavam as paredes; o papel era vermelho, com grandes pavões repetidos, de cauda desfraldada. A única porta dava para o pátio. Foi necessário mudar a posição das cadeiras para dar lugar ao baú. O inquilino aprovou tudo; quando a mulher lhe perguntou como se chamava, disse Villari, não como um desafio secreto, não para mitigar uma humilhação que, na verdade, não sentia, mas porque esse nome o perseguia, porque lhe foi impossível pensar em outro. Não o seduziu, certamente, o erro literário de imaginar que assumir o nome do inimigo pudesse ser uma astúcia.

O senhor Villari, no início, não deixava a casa; passadas algumas semanas, começou a sair, por um instante, ao escurecer. Numa noite, entrou no cinema que havia a três quadras. Não passou nunca da última fila; sempre se levantava um pouco antes do fim da sessão. Viu trágicas histórias de bandidos; estas, sem dúvida, incluíam erros; estas, sem dúvida, incluíam imagens que também eram de sua vida anterior; Villari não os percebeu porque a ideia de uma coincidência entre a arte e a realidade lhe era alheia. Docilmente, procurava que as coisas lhe agradassem;

queria adiantar-se à intenção com que elas lhe eram mostradas. Ao contrário dos que têm lido romances, ele não se via nunca a si mesmo como personagem da arte.

Nunca lhe chegou uma carta, nem sequer uma circular, mas lia com confusa esperança uma das seções do jornal. À tarde, encostava na porta uma das cadeiras e mateava com seriedade, de olhos postos na trepadeira do muro do contíguo sobrado. Anos de solidão haviam-lhe ensinado que os dias, na memória, tendem a ser iguais, mas que não há um dia, nem mesmo de prisão ou de hospital, que não traga surpresas. Em outras reclusões cedera à tentação de contar os dias e as horas, mas esta reclusão era diferente, porque não tinha fim — a não ser que o jornal, numa manhã, trouxesse a notícia da morte de Alejandro Villari. Também era possível que Villari *já tivesse morrido* e então esta vida seria um sonho. Essa possibilidade o inquietava, pois não chegou a entender se ela se parecia com alívio ou com desdita; disse a si mesmo que era absurda e a repeliu. Em dias longínquos, menos longínquos pelo passar do tempo que por dois ou três fatos irrevogáveis, desejara muitas coisas, com amor sem escrúpulo; essa vontade poderosa, que movera o ódio dos homens e o amor de alguma mulher, já não queria coisas particulares: só queria perdurar, não concluir. O sabor da erva, o sabor do tabaco negro, o crescente fio de sombra que ia ganhando o pátio.

Havia na casa um cachorro-lobo, já velho. Villari fez amizade com ele. Falava-lhe em espanhol, em italiano e nas poucas palavras que lhe ficaram do rústico dialeto de sua infância. Villari procurava viver no mero presente, sem lembranças nem

previsões; as primeiras lhe importavam menos que as últimas. Vagamente acreditou intuir que o passado é a substância de que o tempo está feito; por isso é que este se torna logo passado. Sua fadiga, algum dia, pareceu-se com felicidade; em momentos assim, não era muito mais complexo que o cão.

Numa noite, deixou-o assombrado e trêmulo uma íntima descarga de dor no fundo da boca. Esse horrível milagre ocorreu em poucos minutos e outra vez por volta do amanhecer. Villari, no dia seguinte, mandou buscar um carro que o deixou num consultório dentário do bairro do Once. Aí, arrancaram-lhe o molar. Nesse transe, não esteve mais covarde nem mais tranquilo que outras pessoas.

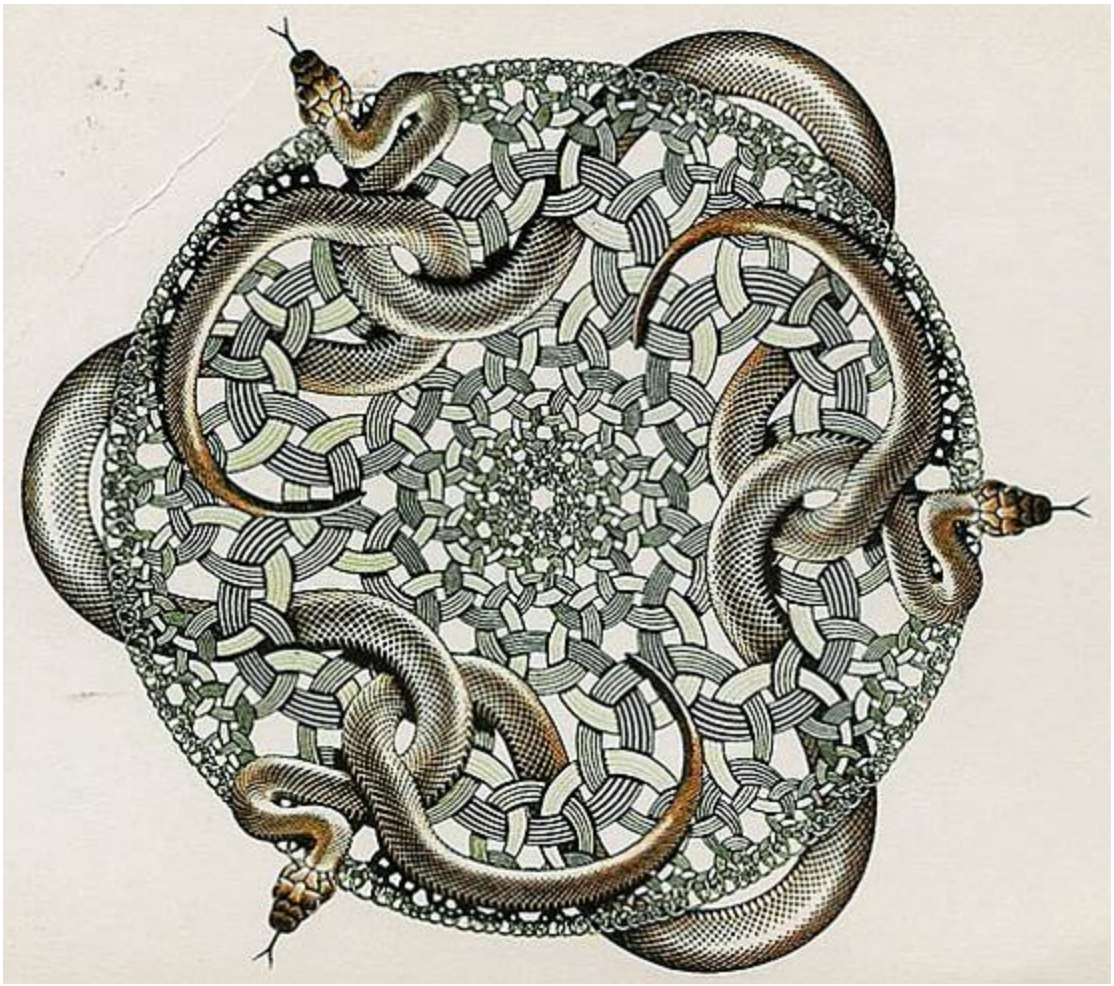
Em outra noite, ao voltar do cinema, sentiu que o empurravam. Com ira, com indignação, com secreto alívio, encarou o insolente. Cuspiu-lhe uma injúria soez; o outro, atônito, balbuciou uma desculpa. Era um homem alto, jovem, de cabelo escuro, e o acompanhava uma mulher de tipo alemão; Villari, nessa noite, repetiu a si mesmo que não os conhecia. Entretanto, quatro ou cinco dias se passaram antes que saísse à rua.

Entre os livros da estante havia uma Divina Comédia, com o velho comentário de Andreoli. Menos premido pela curiosidade que por um sentimento de dever, Villari atirou-se à leitura dessa obra capital; antes de comer, lia um canto, e a seguir, em ordem rigorosa, as notas. Não julgou inverossímeis ou excessivas as penas infernais e não pensou que Dante o tivesse condenado ao último círculo, onde os dentes de Ugolino roem eternamente a nuca de Ruggieri.

Os pavões do papel carmesim pareciam destinados a alimentar pesadelos tenazes, mas o senhor Villari não sonhou nunca com um caramanchão monstruoso feito de inextricáveis pássaros vivos. Nos amanheceres sonhava um sonho de fundo igual e de circunstâncias variáveis. Dois homens e Villari entravam com revólveres no quarto ou o agrediam ao sair do cinema ou eram, os três ao mesmo tempo, o desconhecido que o havia empurrado, ou o esperavam tristemente no pátio e pareciam não o conhecer. No fim do sonho, ele tirava o revólver da gaveta da contígua mesa-de-cabeceira (e é verdade que nessa gaveta guardava um revólver) e o descarregava contra os homens. O estrondo da arma despertava-o, mas sempre era um sonho e em outro sonho o ataque se repetia e em outro sonho tinha que tornar a matá-los.

Numa escura manhã do mês de julho, a presença de gente desconhecida (não o ruído da porta quando a abriram) despertou-o. Altos na penumbra do quarto, curiosamente simplificados pela penumbra (nos sonhos do temor sempre tinham sido mais claros), vigilantes, imóveis e pacientes, com os olhos baixos como se o peso das armas os encurvasse, Alejandro Villari e um desconhecido tinham-no alcançado, finalmente. Com um sinal, pediu-lhes que esperassem e voltou-se contra a parede, como se retomasse o sono. Fez isso para despertar a misericórdia dos que o mataram? Ou porque é menos duro suportar um acontecimento espantoso que imaginá-lo ou aguardá-lo indefinidamente? Ou — e isto talvez seja o mais verossímil — para que os assassinos fossem um sonho, como já o haviam sido tantas vezes, no mesmo lugar, à mesma hora?

Nessa magia estava quando o apagou a descarga.



O HOMEM NO UMBRAL

Bioy Casares trouxe de Londres um curioso punhal de folha triangular e empunhadura em forma de H; nosso amigo Christopher Dewey, do Conselho Britânico, disse que tais armas eram de uso comum no Industão. Essa opinião animou-o a mencionar que trabalhara naquele país, entre as duas guerras. (*"Ultra auroram etgangem*", lembro-me de que disse em latim, equivocando-se com um verso de Juvenal.) Das histórias que contou nessa noite, atrevo-me a reconstruir a que segue. Meu texto será fiel: livre-me Alá da tentação de acrescentar breves traços circunstanciais ou de agravar, com interpolações de Kipling, o aspecto exótico do relato. Este, além do mais, tem um antigo e simples sabor que seria uma lástima perder, talvez o das *Mil e Uma Noites*.

"A exata geografia dos fatos que vou contar importa muito pouco. Além disso, que precisão conservam em Buenos Aires os nomes de Amritsar ou de Udh? Basta-me dizer, pois, que naqueles anos houve distúrbios numa cidade muçulmana e que o governo central enviou um homem forte para impor a ordem. Esse homem era escocês, de um ilustre clã de guerreiros, e no sangue levava uma tradição de violência. Uma só vez o viram meus olhos, mas não esquecerei os cabelos muito negros, os pômulos salientes, o ávido nariz e a boca, os largos ombros, a forte ossatura de viking. David Alexander Glencairn se chamará

ele, nesta noite, em minha história; os dois nomes convêm, pois foram de reis que governaram com um cetro de ferro. David Alexander Glencairn (terei de me habituar a chamá-lo assim) era, suspeito, um homem temido; o simples anúncio de sua chegada bastou para apaziguar a cidade. Isso não impediu que decretasse diversas medidas enérgicas. Alguns anos passaram. A cidade e o distrito estavam em paz; *sikhs* e muçulmanos haviam renunciado às antigas discórdias e de repente Glencairn desapareceu. Naturalmente, não faltaram rumores de que o tinham sequestrado ou matado.

"Essas coisas eu soube por meu chefe, porque a censura era rígida e os jornais não comentaram (nem sequer registraram, que eu me lembre) o desaparecimento de Glencairn. Um provérbio diz que a Índia é maior que o mundo; Glencairn, talvez onipotente na cidade que uma assinatura ao pé de um decreto lhe destinou, era um simples número nas engrenagens da administração do Império. As investigações da polícia local foram de todo inúteis; meu chefe pensou que um profissional poderia infundir menos receio e conseguir melhor êxito. Três ou quatro dias depois (as distâncias na Índia são generosas), eu perambulava sem maior esperança pelas ruas da opaca cidade que escamoteara um homem.

"Senti, quase de imediato, a infinita presença de uma conjuração para ocultar o destino de Glencairn. *"Não há uma alma nesta cidade*", pude suspeitar, "*que não saiba o segredo e que não tenha jurado guardá-lo*". A maioria, interrogada, professava ilimitada ignorância; não sabia quem era Glencairn, não o tinha visto nunca, jamais ouviu falar dele.

Outros, ao contrário, tinham-no divisado há um quarto de hora falando com Fulano de Tal, e até me acompanhavam à casa em que entraram os dois, e na qual nada sabiam deles, ou de onde acabavam de sair nesse momento. Num desses mentirosos precisos dei com o punho na cara. As testemunhas aprovaram meu desafogo, e fabricaram outras mentiras. Não acreditei nelas, mas não me atrevi a deixar de ouvi-las. Uma tarde, entregaram-me um envelope com uma tira de papel em que havia algumas senhas...

"O sol tinha declinado quando cheguei. O bairro era popular e humilde; a casa era muito baixa; da calçada, entrevi uma sucessão de pátios de terra e próxima ao fundo uma claridade. No último pátio, celebrava-se não sei que festa muçulmana; um cego entrou com um alaúde de madeira avermelhada.

"A meus pés, imóvel como um objeto, encolhia-se no umbral um homem muito velho. Direi como era, pois é parte essencial da história. Os muitos anos haviam-no reduzido e polido como as águas a uma pedra ou as gerações dos homens a uma sentença. Longos farrapos o cobriam, ou assim me pareceu, e o turbante que lhe envolvia a cabeça era mais um pedaço de pano. No crepúsculo, ergueu em minha direção um rosto escuro e uma barba muito branca. Falei-lhe sem preâmbulos, porque já havia perdido toda esperança, a respeito de David Alexander Glencairn. Não me entendeu (talvez não me ouvisse) e tive de explicar que era um juiz e que eu o procurava. Senti, ao dizer essas palavras, o irrisório de interrogar aquele homem antigo, para quem o presente era apenas um indefinido rumor. *"Notícias da Rebelião*

ou de Akbar poderia dar este homem", pensei, *"mas não de Glencairn"*. O que me disse confirmou essa suspeita.

"— Um juiz! — articulou com débil espanto. — Um juiz que se perdeu e o procuram. O fato aconteceu quando eu era criança. Não sei de datas, mas não tinha morrido ainda Nikal Seyn (Nicholson) diante da muralha de Delhi. O tempo que se foi fica na memória; sem dúvida, sou capaz de recuperar o que então se passou. Deus tinha permitido, em sua cólera, que o povo se corrompesse; cheias de maldição as bocas estavam e de enganos e de fraude. Entretanto, nem todos eram perversos, e quando se proclamou que a rainha ia mandar um homem que executaria neste país a lei da Inglaterra, os menos maus se alegraram, porque sentiram que a lei é melhor que a desordem. Chegou o cristão e não tardou a prevaricar e a oprimir, a encobrir delitos abomináveis e a vender decisões. Não o culpamos, a princípio; a justiça inglesa que administrava não era conhecida de ninguém e os aparentes excessos do novo juiz correspondiam talvez a válidas e arcanas razões. "*Tudo terá justificativa em seu livro*", queríamos pensar, mas sua afinidade com todos os maus juízes do mundo era demasiado evidente, e por fim tivemos de admitir que era simplesmente um malvado. Chegou a ser um tirano e a pobre gente (para vingar-se da errônea esperança que alguma vez puseram nele) acalentou a ideia de sequestrá-lo e submetê-lo a julgamento. Falar não basta; dos desígnios tiveram de passar às obras. Ninguém, talvez, à exceção dos muito simples ou dos muito jovens, acreditou que esse propósito temerário pudesse ser levado a cabo, mas milhares de *sikhs* e de muçulmanos cumpriram sua palavra e um dia executaram, incrédulos, aquilo

que a cada um deles parecera impossível. Sequestraram o juiz e lhe deram por cárcere uma casa de campo num afastado subúrbio. Depois, testemunharam as pessoas prejudicadas por ele, ou (em alguns casos) os órfãos e as viúvas, porque a espada do verdugo não havia descansado naqueles anos. Por fim — isto foi talvez o mais difícil —, procuraram e nomearam um juiz para julgar o juiz.

"Aqui o interromperam algumas mulheres que entravam na casa.

"Depois, com lentidão, prosseguiu:

"— Dizem que não há geração que não inclua quatro homens honestos que secretamente sustentam o universo e o justificam diante do Senhor: um desses varões teria sido o juiz mais idôneo. Mas onde encontrá-los, se andam perdidos pelo mundo e anônimos e não se reconhecem quando se vêem e nem eles mesmos sabem do alto ministério que cumprem? Alguém então opinou que, se o destino nos vedava os sábios, teríamos de procurar os insensatos. Essa ideia prevaleceu. Alcoranistas, doutores da lei, *sikhs* que levam o nome de leões e que adoram um Deus, hindus que adoram multidões de deuses, monges de Mahavira que ensinam que a forma do universo é a de um homem com as pernas abertas, adoradores do fogo e judeus negros, integraram o tribunal, mas a última sentença foi encomendada ao arbítrio de um louco.

"Aqui o interromperam algumas pessoas que iam embora da festa.

"— De um louco — repetiu — para que a sabedoria de Deus falasse por sua boca e envergonhasse a soberba humana. Seu nome perdeu-se ou nunca se soube, mas andava nu por essas ruas, ou coberto de trapos, contando os dedos com o polegar e zombando das árvores.

"Meu bom senso rebelou-se. Disse que entregar a um louco a decisão era invalidar o processo.

"— O acusado aceitou o juiz — foi a resposta. — Talvez compreendesse que, em vista do perigo que os conjurados corriam se o deixassem em liberdade, só de um louco podia não esperar sentença de morte. Ouvi que riu quando lhe disseram quem era o juiz. Muitas noites e dias durou o processo, pelo grande número de testemunhas.

"Calou-se. Uma preocupação o agitava. Para falar alguma coisa, perguntei quantos dias.

"— Pelo menos dezenove — replicou. Gente que ia embora da festa voltou a interrompê-lo; o vinho está proibido aos muçulmanos, mas as faces e as vozes pareciam de bêbados. Alguém lhe gritou algo, ao passar.

"— Dezenove dias, precisamente — retificou. — O cão infiel ouviu a sentença, e a faca se saciou em sua garganta.

"Falava com alegre ferocidade. Com outra voz pôs termo à história.

"— Morreu sem medo; nos mais vis há alguma virtude.

"— Onde aconteceu o que contaste? — perguntei. — Numa casa de campo?

"Pela primeira vez, olhou-me nos olhos. Em seguida, esclareceu com vagar, medindo as palavras.

"— Disse que numa casa de campo lhe deram prisão, não que o julgaram aí. Julgaram-no nesta cidade: numa casa como todas, como esta. Uma casa não pode diferir de outra: o que importa é saber se está edificada no inferno ou no céu.

"Perguntei-lhe pelo destino dos conjurados.

"— Não sei — disse-me com paciência. — Estas coisas ocorreram e foram esquecidas faz já muitos anos. Talvez os homens os condenaram, porém não Deus.

"Dito isto, levantou-se. Senti que suas palavras me despediam e que eu cessara para ele, a partir daquele momento. Uma turba composta de homens e mulheres de todas as nações do Punjab espalhou-se, rezando e cantando, sobre nós e quase nos fez desaparecer: espantou-me que de pátios tão estreitos, pouco mais que longos corredores, pudesse sair tanta gente. Outros saíam das casas da vizinhança; sem dúvida, haviam saltado os muros... À força de empurrões e imprecações, abri caminho. No último pátio, cruzei com um homem despido, coroado de flores amarelas, a quem todos beijavam e agasalhavam, e com uma espada na mão. A espada estava suja, pois dera morte a Glencairn, cujo cadáver mutilado encontrei nas cavalariças do fundo."

ND'S

O ALEPH

O God, I could be bounded in a nutshell
and count myself a King of infinite space.
Hamlet, II, 2.

But they will teach us that Eternity is the
Standing still of the Present Time, a *Nunc-stans*
(as the Schools call it); which neither they,
nor any else understand, no more than they would
a *Hic-stans* for an Infinite greatnesse of Place.
Leviathan, IV, 46.

Na candente manhã de fevereiro em que Beatriz Viterbo morreu, depois de uma imperiosa agonia que não cedeu um só instante nem ao sentimentalismo nem ao medo, observei que os painéis de ferro da praça Constitución tinham renovado não sei que anúncio de cigarros; o fato me desgostou, pois compreendi que o incessante e vasto universo já se afastava dela e que essa mudança era a primeira de uma série infinita. Mudará o universo mas eu não, pensei com melancólica vaidade; sei que, alguma vez, minha vã devoção a exasperara; morta, eu podia consagrar-me a sua memória, sem esperança mas também sem humilhação. Considerei que em 30 de abril era seu aniversário; visitar, nesse dia, a casa da rua Garay para saudar seu pai e Carlos Argentino Daneri, seu primo-irmão, era um ato cortês, irrepreensível, talvez iniludível. De novo aguardaria no crepúsculo da abarrotada salinha, de novo estudaria as circunstâncias de seus muitos retratos. Beatriz Viterbo, de perfil, em cores; Beatriz, com

máscara, no carnaval de 1921; a primeira comunhão de Beatriz; Beatriz, no dia de seu casamento com Roberto Alessandra; Beatriz, pouco depois do divórcio, num almoço do Clube Hípico; Beatriz, em Quilmes, com Delia San Marco Porcel e Carlos Argentino; Beatriz, com o pequinês dado por Villegas Haedo; Beatriz, de frente e em três quartos de perfil, sorrindo, com a mão no queixo... Não estaria obrigado, como outras vezes, a justificar minha presença com módicas oferendas de livros: livros cujas páginas, finalmente, aprendi a cortar, para não comprovar, meses depois, que estavam intactos.

Beatriz Viterbo morreu em 1929; a partir dessa data não deixei passar um 30 de abril sem voltar a sua casa. Eu costumava chegar às sete e quinze e ficar uns vinte e cinco minutos; a cada ano, aparecia um pouco mais tarde e ficava um pouco mais; em 1933, uma chuva torrencial me favoreceu: tiveram de me convidar para jantar. Não desperdicei, como é natural, esse bom precedente; em 1934, apareci, já dadas as oito, com um alfajor santafecino; com toda a naturalidade, fiquei para jantar. Assim, em aniversários melancólicos e inutilmente eróticos, recebi as graduais confidências de Carlos Argentino Daneri.

Beatriz era alta, frágil, ligeiramente inclinada; havia em seu andar (se for tolerável o oxímoro) uma como que graciosa lentidão, um princípio de êxtase; Carlos Argentino é rosado, robusto, encanecido, de traços finos. Exerce não sei que cargo subalterno numa biblioteca ilegível dos subúrbios do Sul; é autoritário, mas também ineficiente; aproveitava, até há bem pouco, as noites e as festas para não sair de casa. A duas gerações de distância, o "esse" italiano e a abundante gesticulação italiana

sobrevivem nele. Sua atividade mental é contínua, apaixonada, versátil e completamente insignificante. Excede em imprestáveis analogias e em ociosos escrúpulos. Tem (como Beatriz) grandes e afiladas mãos formosas. Durante alguns meses, sofreu a obsessão de Paul Fort, menos por suas baladas que pela ideia de uma glória irrepreensível. "É o Príncipe dos poetas da França", repetia com fatuidade. "Em vão te revoltarás contra ele; não o atingirá, nunca, a mais envenenada de tuas setas."

No dia 30 de abril de 1941, permiti-me juntar ao bolo de Santa Fé uma garrafa de conhaque nacional. Carlos Argentino provou-o, julgou-o interessante e empreendeu, depois de alguns tragos, uma defesa do homem moderno.

— Eu o evoco — disse com animação um tanto inexplicável — em seu gabinete de estudo, como se disséssemos na torre albarrã de uma cidade, provido de telefones, de telégrafos, de fonógrafos, de aparelhos de radiotelefonia, de cinematógrafos, de lanternas mágicas, de glossários, de horários, de prontuários, de boletins...

Observou que, para um homem assim dotado, o ato de viajar era inútil; nosso século XX tinha transformado a fábula de Maomé e da montanha; as montanhas, agora, convergiam para o moderno Maomé.

Tão ineptas me pareceram essas ideias, tão pomposa e tão extensa sua exposição, que logo as relacionei com a literatura; disse-lhe por que não as escrevia. Como era de prever, respondeu que já o fizera: esses conceitos, e outros não menos originais, figuravam no Canto Augurai, Canto Prologal ou simplesmente Canto-Prólogo de um poema em que trabalhava havia muitos anos, sem *réclame,* sem tumulto ensurdecedor, sempre apoiado

nesses dois báculos que se chamam trabalho e solidão. Primeiro, abria as comportas à imaginação; depois, fazia uso da lima. O poema se intitulava *A Terra*; tratava-se de uma descrição do planeta, em que não faltavam, por certo, a pitoresca digressão e a galharda apóstrofe.

Roguei-lhe que me lesse uma passagem, mesmo que fosse breve. Abriu uma gaveta da escrivaninha, tirou um maço volumoso de folhas de bloco impressas com o timbre da Biblioteca Juan Crisóstomo Lafinur e leu com sonora satisfação:

Vi, como o grego, as cidades dos homens,
Os trabalhos, os dias de vária luz, a fome;
Não corrijo os fatos, não falseio os nomes,
Mas a voyage *que narro é*... autour de ma chambre.

— Estrofe, sob qualquer ângulo, interessante — opinou. — O primeiro verso granjeia o aplauso do catedrático, do acadêmico, do helenista, quando não dos falsos eruditos, setor considerável da opinião; o segundo passa de Homero para Hesíodo (toda uma implícita homenagem, na fachada do flamante edifício, ao pai da poesia didática), não sem remoçar um procedimento cujo ancestral está na Escritura, a enumeração, *congérie* ou conglobação; o terceiro — barroquismo, decadentismo, culto depurado e fanático da forma? — consta de dois hemistíquios gêmeos; o quarto, francamente bilíngue, assegura-me o apoio incondicional de todo espírito sensível aos desenfadados impulsos da facécia. Nada direi da rima rara nem da ilustração

que me permite, sem pedantismo!, acumular em quatro versos três alusões eruditas que abarcam trinta séculos de densa literatura: a primeira à *Odisséia,* a segunda aos *Trabalhos e Dias,* a terceira à bagatela imortal que nos proporcionaram os ócios da pena do saboiano... Compreendo, uma vez mais, que a arte moderna exige o bálsamo do riso, o *scherzo*. Decididamente, tem a palavra Goldoni!

Leu-me muitas outras estrofes, que também obtiveram sua aprovação e seu comentário profuso. Nada de memorável havia nelas; nem sequer as julguei muito piores que a anterior. Em sua redação haviam colaborado a aplicação, a resignação e o acaso; as virtudes que Daneri lhes atribuía eram posteriores. Compreendi que o trabalho do poeta não estava na poesia; estava na invenção de razões para que a poesia fosse admirável; naturalmente, esse ulterior trabalho modificava a obra para ele, mas não para outros. A dicção oral de Daneri era extravagante; sua inépcia métrica, salvo contadas vezes, impediu-o de transmitir essa extravagância ao poema.15

Uma única vez em minha vida tive ocasião de examinar os quinze mil dodecassílabos do *Polyolbion,* essa epopéia topográfica na qual Michael Drayton registrou a fauna, a flora, a hidrografia, a orografia, a história militar e monástica da Inglaterra; estou certo de que esse produto considerável mas limitado é menos tedioso que o vasto projeto congênere de Carlos Argentino. Este se propunha versificar toda a redondez do planeta; em 1941, já tinha dado conta de alguns hectares do estado de Queensland, mais de um quilômetro do curso do Ob, um gasômetro ao norte de Veracruz, as principais casas de

comércio da paróquia de Concepción, a chácara de Mariana Cambaceres de Alvear na rua Once de Setiembre, em Belgrano, e um estabelecimento de banhos turcos não longe do renomado aquário de Brighton. Leu-me certas laboriosas passagens da zona australiana de seu poema; esses longos e disformes alexandrinos careciam da relativa agitação do prefácio. Copio uma estrofe:

Saibam. A mão direita do poste rotineiro
(Vindo, claro está, do nor-noroeste)
Se entedia uma carcaça — Cor? Branquiceleste —
Que dá ao curral de ovelhas um aspecto de ossário.

— Duas audácias — gritou com exultação — resgatadas, te ouço resmungar, para o sucesso! Admito, admito. Uma, o epíteto *rotineiro,* que certeiramente denuncia, *en passant*, o inevitável tédio inerente às fainas pastoris e agrícolas, tédio que nem as Geórgicas nem nosso já laureado *Don Segundo* se atreveram jamais a denunciar assim, com descaramento. Outra, o enérgico prosaísmo *se entedia uma carcaça,* que o melindroso quererá excomungar com horror, mas que apreciará mais que a própria vida o crítico de gosto viril. Todo o verso, de resto, é de muito alto quilate. O segundo hemistíquio trava animadíssima conversa com o leitor; antecipa-se a sua viva curiosidade, coloca-lhe uma pergunta na boca e a satisfaz... na hora. E que me dizes desse achado, *branquiceleste*? O pitoresco neologismo *sugere* o céu, que é fator importantíssimo da paisagem australiana. Sem essa evocação, resultariam demasiado sombrias as tintas do esboço e

o leitor se veria compelido a fechar o volume, ferida no mais íntimo a aluna, de incurável e negra melancolia.

Por volta da meia-noite me despedi.

Dois domingos depois, Daneri me telefonou, penso que pela primeira vez na vida. Propôs que nos reuníssemos às quatro, "para tomar leite juntos, no contíguo salão-bar que o progressismo de Zunino e de Zungri — os proprietários de minha casa, estarás lembrado — inaugura na esquina; confeitaria que gostarás de conhecer". Aceitei, com mais resignação que entusiasmo. Foi-nos difícil encontrar mesa; o "salão-bar", inexoravelmente moderno, era apenas um pouco menos infame que minhas previsões; nas mesas vizinhas, o excitado público mencionava as somas investidas sem regatear por Zunino e por Zungri. Carlos Argentino fingiu assombrar-se com não sei que primores da instalação da luz (que, sem dúvida, já conhecia) e me disse com certa severidade:

— Mesmo que não queiras, tens de reconhecer que este local não deve nada aos mais chiques de Flores.

Releu-me, depois, quatro ou cinco páginas do poema. Corrigira-as de acordo com um depravado princípio de ostentação verbal: onde antes escreveu *azulado*, agora abundava em *azulino, azulego* e até mesmo *azulilho*. A palavra leitoso não era bastante feia para ele; na impetuosa descrição de um lavadouro de lã, preferia *lactário, lacticinoso, lactescente, leital*... Insultou com amargura os críticos; depois, mais benigno, equiparou-os a essas pessoas "que não dispõem de metais preciosos nem tampouco de prensas a vapor, laminadores e ácidos sulfúricos para a cunhagem de tesouros, mas que podem

indicar aos *outros o lugar de um tesouro*". Imediatamente, censurou a *prologomania*, "da qual já se fez mofa, no donairoso prefácio do Quixote, o Príncipe dos Engenhos". Admitiu, porém, que no frontispício da nova obra convinha o prólogo vistoso, o respaldo firmado pelo plumífero de forte prestígio. Acrescentou que pensava publicar os cantos iniciais de seu poema. Compreendi então o singular convite telefônico; o homem ia pedir-me que prefaciasse o seu pedante aranzel. Meu temor resultou infundado: Carlos Argentino observou, com admiração rancorosa, que não acreditava errar o epíteto ao qualificar de sólido o prestigio obtido em todos os círculos por Álvaro Melián Lafinur, homem de letras que, se eu me empenhasse, prefaciaria com prazer o poema. Para evitar o mais imperdoável dos fracassos, eu tinha de me fazer porta-voz de dois méritos incontestáveis: a perfeição formal e o rigor cientifico, "porque esse extenso jardim de tropos, de figuras, de elegâncias não tolera um único detalhe que não confirme a severa verdade". Acrescentou que Beatriz sempre se havia divertido com Álvaro.

Assenti, profusamente assenti. Esclareci, para maior verossimilhança, que não falaria com Álvaro na segunda-feira, mas na quinta: no pequeno jantar que costuma coroar toda reunião do Clube de Escritores. (Não existem tais jantares, mas é irrefutável que as reuniões têm lugar às quintas-feiras, fato que Carlos Argentino Daneri podia comprovar nos jornais e que dotava a frase de certa realidade.) Disse, entre divinatório e sagaz, que, antes de abordar o tema do prólogo, descreveria o curioso plano da obra. Despedimo-nos; ao dobrar a rua Bernardo de Irigoyen, encarei com toda imparcialidade os futuros que me

restavam: a) falar com Álvaro e dizer-lhe que aquele primo-irmão de Beatriz (esse eufemismo explicativo me permitiria mencioná-la) elaborara um poema que parecia estender até o infinito as possibilidades da cacofonia e do caos; b) não falar com Álvaro. Previ, com lucidez, que minha desídia optaria por b.

A partir de sexta-feira, à primeira hora, começou a inquietar-me o telefone. Indignava-me que esse instrumento, que algum dia reproduziu a irrecuperável voz de Beatriz, pudesse rebaixar-se a receptáculo das inúteis e talvez coléricas queixas desse equivocado Carlos Argentino Daneri. Felizmente, nada ocorreu — salvo o rancor inevitável que me inspirou aquele homem que me havia imposto uma delicada missão e depois me esquecia.

O telefone perdeu seus terrores, mas em fins de outubro Carlos Argentino falou comigo. Estava agitadíssimo; não identifiquei sua voz, no começo. Com tristeza e com raiva, balbuciou que esses já ilimitados Zunino e Zungri, a pretexto de ampliar a desmedida confeitaria, iam demolir sua casa.

— A casa de meus pais, minha casa, a velha casa enraizada da rua Garay! — repetiu, talvez esquecendo seu pesar na melodia da voz.

Não me foi muito difícil compartilhar de sua aflição. Já completos os quarenta anos, qualquer mudança é um símbolo detestável da passagem do tempo; além disso, tratava-se de uma casa que, para mim, aludia infinitamente a Beatriz. Quis esclarecer esse delicadíssimo aspecto; meu interlocutor não me ouviu. Disse que se Zunino e Zungri persistissem nesse propósito absurdo, o doutor Zunni, seu advogado, os processaria *ipso facto*

por danos e prejuízos e os obrigaria ao pagamento de cem mil *nacionales*.

O nome de Zunni me impressionou; sua banca, na Caseros com a Tacuarí, é de uma seriedade proverbial. Perguntei se ele já se havia encarregado do assunto. Daneri disse que iria falar-lhe nessa mesma tarde. Vacilou e com essa voz plana, impessoal, à qual costumamos recorrer para confiar algo muito íntimo, disse que para terminar o poema lhe era indispensável a casa, pois num ângulo do porão havia um Aleph. Esclareceu que um Aleph é um dos pontos do espaço que contém todos os pontos.

— Está no porão da sala de jantar — explicou, com a dicção aligeirada pela angústia. — E meu, é meu; eu o descobri na infância, antes da idade escolar. A escada do porão é empinada, meus tios me haviam proibido de descer, mas alguém me disse que havia um mundo no porão. Referia-se, soube depois, a um baú, mas eu compreendi que havia um mundo. Desci secretamente, rolei pela escada proibida, caí. Ao abrir os olhos, vi o Aleph.

— O Aleph? — repeti.

— Sim, o lugar onde estão, sem se confundirem, todos os lugares do orbe, vistos de todos os ângulos. A ninguém revelei minha descoberta, mas voltei. O menino não podia compreender que lhe fosse concedido esse privilégio para que o homem burilasse o poema! Zunino e Zungri não me despojarão, não e mil vezes não. De código na mão, o doutor Zunni provará que é *inalienável* o meu Aleph.

Procurei raciocinar.

— Mas não é muito escuro o porão?

— A verdade não penetra num entendimento rebelde. Se todos os lugares da terra estão no Aleph, aí estarão todas as luminárias, todas as lâmpadas, todas as fontes de luz.

— Irei vê-lo imediatamente.

Desliguei, antes que ele pudesse emitir uma proibição. Basta o conhecimento de um fato para se perceber no ato uma série de traços confirmatórios, antes insuspeitados; espantou-me não ter compreendido até esse momento que Carlos Argentino era louco. De resto, todos esses Viterbo... Beatriz (eu mesmo costumo repetir isso) era uma mulher, uma menina de uma clarividência quase implacável, mas havia nela negligências, distrações, desdéns, verdadeiras crueldades, que talvez reclamassem explicação patológica. A loucura de Carlos Argentino encheu-me de maligna felicidade; no fundo, sempre nos detestamos.

Na rua Garay, a criada me disse que tivesse a bondade de esperar. O menino estava, como sempre, no porão, revelando fotografias. Junto ao vaso sem flor, no piano inútil, sorria (mais intemporal que anacrônico) o grande retrato de Beatriz, em pesadas cores. Ninguém nos podia ver; num desespero de ternura, aproximei-me do retrato e disse-lhe:

— Beatriz, Beatriz Elena, Beatriz Elena Viterbo, Beatriz querida, Beatriz perdida para sempre, sou eu, sou Borges.

Carlos entrou pouco depois. Falou com secura; compreendi que não era capaz de outro pensamento que o da perda do Aleph.

— Um cálice do falso conhaque — ordenou — e mergulharás no porão. Já sabes, o decúbito dorsal é indispensável. Também o

são a escuridão, a imobilidade, certa acomodação ocular. Tu te deitas no piso de tijolos e fixas o olhar no décimo nono degrau da pertinente escada. Saio, baixo o alçapão e ficas sozinho. Algum roedor te mete medo — não tem importância! Em poucos minutos vês o Aleph. O microcosmo de alquimistas e cabalistas, nosso concreto amigo proverbial, o *multum in parvo!*

Já na sala de jantar, acrescentou:

— É claro que, se não o vês, tua incapacidade não invalida meu testemunho... Desce; muito em breve poderás iniciar um diálogo com *todas* as imagens de Beatriz.

Desci com rapidez, farto de suas palavras insubstanciais. O porão, pouca coisa mais largo que a escada, tinha muito de poço. Com uma olhada, procurei em vão o baú de que Carlos Argentino me falara. Alguns caixões com garrafas e algumas sacolas de lona escureciam um ângulo. Carlos pegou uma sacola, dobrou-a e acomodou-a num lugar preciso.

— O travesseiro é humildoso — explicou —, mas, se o levanto um centímetro, não verás nada e ficas confundido e envergonhado. Refestela esse corpanzil no chão e conta dezenove degraus.

Cumpri suas ridículas instruções; por fim, saiu. Fechou cautelosamente o alçapão; a escuridão, embora houvesse uma fresta que depois distingui, deu a impressão de ser total. Subitamente, compreendi meu perigo: deixara-me soterrar por um louco, depois de tomar um veneno. As bravatas de Carlos evidenciavam o íntimo terror de que eu não visse o prodígio; Carlos, para defender seu delírio, para não saber que estava

louco, *tinha de matar-me*. Senti um confuso mal estar, que tentei atribuir à rigidez e não ao efeito de um narcótico. Fechei os olhos, abri-os. Então vi o Aleph.

Chego, agora, ao inefável centro de meu relato; começa aqui meu desespero de escritor. Toda linguagem é um alfabeto de símbolos cujo exercício pressupõe um passado que os interlocutores compartem; como transmitir aos outros o infinito Aleph, que minha temerosa memória mal e mal abarca? Os místicos, em análogo transe, são pródigos em emblemas: para significar a divindade, um persa fala de um pássaro que, de algum modo, é todos os pássaros; Alanus de Insulis, de uma esfera cujo centro está em todas as partes e a circunferência em nenhuma; Ezequiel, de um anjo de quatro faces que, ao mesmo tempo, se dirige ao Oriente e ao Ocidente, ao Norte e ao Sul. (Não em vão rememoro essas inconcebíveis analogias; alguma relação têm com o Aleph.) É possível que os deuses não me negassem o achado de uma imagem equivalente, mas este relato ficaria contaminado de literatura, de falsidade. Mesmo porque o problema central é insolúvel: a enumeração, sequer parcial, de um conjunto infinito. Nesse instante gigantesco, vi milhões de atos prazerosos ou atrozes; nenhum me assombrou tanto como o fato de que todos ocupassem o mesmo ponto, sem superposição e sem transparência. O que viram meus olhos foi simultâneo; o que transcreverei, sucessivo, pois a linguagem o é. Algo, entretanto, registrarei.

Na parte inferior do degrau, à direita, vi uma pequena esfera furta-cor, de quase intolerável fulgor. A princípio, julguei-a giratória; depois, compreendi que esse movimento era uma

ilusão produzida pelos vertiginosos espetáculos que encerrava. O diâmetro do Aleph seria de dois ou três centímetros, mas o espaço cósmico estava aí, sem diminuição de tamanho. Cada coisa (o cristal do espelho, digamos) era infinitas coisas, porque eu a via claramente de todos os pontos do universo. Vi o populoso mar, vi a aurora e a tarde, vi as multidões da América, vi uma prateada teia de aranha no centro de uma negra pirâmide, vi um labirinto roto (era Londres), vi intermináveis olhos próximos perscrutando-me como num espelho, vi todos os espelhos do planeta e nenhum me refletiu, vi num pátio da rua Soler as mesmas lajotas que, há trinta anos, vi no vestíbulo de uma casa em Fray Bentos, vi cachos de uva, neve, tabaco, veios de metal, vapor de água, vi convexos desertos equatoriais e cada um de seus grãos de areia, vi em Inverness uma mulher que não esquecerei, vi a violenta cabeleira, o altivo corpo, vi um câncer no peito, vi um círculo de terra seca numa calçada onde antes existira uma árvore, vi uma chácara de Adrogué, um exemplar da primeira versão inglesa de Plínio, a de Philemon Holland, vi, ao mesmo tempo, cada letra de cada página (em pequeno, eu costumava maravilhar-me com o fato de que as letras de um livro fechado não se misturassem e se perdessem no decorrer da noite), vi a noite e o dia contemporâneo, vi um poente em Querétaro que parecia refletir a cor de uma rosa em Bengala, vi meu dormitório sem ninguém, vi num gabinete de Alkmaar um globo terrestre entre dois espelhos que o multiplicam indefinidamente, vi cavalos de crinas redemoinhadas numa praia do mar Cáspio, na aurora, vi a delicada ossatura de uma mão, vi os sobreviventes de uma batalha enviando cartões-postais, vi

numa vitrina de Mirzapur um baralho espanhol, vi as sombras oblíquas de algumas samambaias no chão de uma estufa, vi tigres, êmbolos, bisões, marulhos e exércitos, vi todas as formigas que existem na terra, vi um astrolábio persa, vi numa gaveta da escrivaninha (e a letra me fez tremer) cartas obscenas, inacreditáveis, precisas, que Beatriz dirigira a Carlos Argentino, vi um adorado monumento em La Chacarita, vi a relíquia atroz do que deliciosamente fora Beatriz Viterbo, vi a circulação de meu escuro sangue, vi a engrenagem do amor e a modificação da morte, vi o Aleph, de todos os pontos, vi no Aleph a terra, e na terra outra vez o Aleph, e no Aleph a terra, vi meu rosto e minhas vísceras, vi teu rosto e senti vertigem e chorei, porque meus olhos haviam visto esse objeto secreto e conjetura) cujo nome usurpam os homens, mas que nenhum homem olhou: o inconcebível universo.

Senti infinita veneração, infinita lástima.

— Tonto ficarás de tanto bisbilhotar onde não te chamam — disse uma voz enfadonha e alegre. — Mesmo que esquentes a cabeça, não me pagarás num século esta revelação. Que observatório formidável, *che* Borges!

Os sapatos de Carlos Argentino ocupavam o degrau mais alto. Na brusca penumbra, consegui levantar-me e balbuciar:

— Formidável. Sim, formidável.

A indiferença de minha voz causou-me estranheza. Ansioso, Carlos Argentino insistia:

— Viste tudo bem, em cores?

Nesse instante, concebi minha vingança. Benévolo, manifestamente apiedado, nervoso, evasivo, agradeci a Carlos Argentino a hospitalidade de seu porão e o instei a aproveitar a demolição da casa para afastar-se da perniciosa metrópole, que a ninguém — creia-me, a ninguém! — perdoa. Neguei-me, com suave energia, a discutir o Aleph; abracei-o, ao despedir-me, e repeti-lhe que o campo e a serenidade são dois grandes médicos.

Na rua, nas escadarias de Constitución, no metrô, pareceram-me familiares todos os rostos. Tive medo de que não restasse uma única coisa capaz de surpreender-me, tive medo de que não me abandonasse jamais a impressão de voltar. Felizmente, depois de algumas noites de insônia, agiu outra vez sobre mim o esquecimento.

Pós-escrito de primeiro de março de 1943. Seis meses após a demolição do imóvel da rua Garay, a Editora Procusto não se deixou amedrontar pela extensão do considerável poema e lançou ao mercado uma seleção de "trechos argentinos". Vale a pena repetir o ocorrido; Carlos Argentino Daneri recebeu o Segundo Prêmio Nacional de Literatura.16 O primeiro foi outorgado ao doutor Aita; o terceiro, ao doutor Mario Bonfanti; inacreditavelmente, minha obra *Los Naipes del Tahur* não conseguiu um único voto. Uma vez mais, triunfaram a incompreensão e a inveja! Já faz muito tempo que não consigo ver Daneri; os jornais dizem que em breve nos dará outro

volume. Sua afortunada pena (não mais perturbada pelo Aleph) consagrou-se a versificar os epítomes do doutor Acevedo Díaz.

Duas observações quero acrescentar: uma, sobre a natureza do Aleph; outra, sobre seu nome. Este, como se sabe, é o da primeira letra do alfabeto da língua sagrada. Sua aplicação ao cerne de minha história não parece casual. Para a Cabala, essa letra significa o En Soph, a ilimitada e pura divindade; também se disse que tem a forma de um homem que assinala o céu e a terra, para indicar que o mundo inferior é o espelho e o mapa do superior; para a *Mengenlehre,* é o símbolo dos números transfinitos, nos quais o todo não é maior que qualquer das partes. Eu queria saber: Carlos Argentino escolheu esse nome, ou o leu, *aplicado a outro ponto para onde convergem todos os pontos,* em algum dos textos inumeráveis que o Aleph de sua casa lhe revelou? Por incrível que pareça, acredito que exista (ou que tenha existido) outro Aleph, acredito que o Aleph da rua Garay era um falso Aleph.

Dou minhas razões. Por volta de 1867, o capitão Burton exerceu o cargo de cônsul britânico no Brasil; em julho de 1942, Pedro Henríquez Urena descobriu numa biblioteca de Santos um manuscrito seu que versava sobre o espelho que atribui o Oriente a Iskandar Zu al-Karnayn, ou Alexandre Bicorne da Macedônia. Em seu cristal refletia-se o universo inteiro. Burton menciona outros artifícios congêneres — o sétuplo cálice de Kai Josru, o espelho que Tarik Benzeyad encontrou numa torre *(Mil e Uma Noites,* 272), o espelho que Luciano de Samósata pôde examinar na lua *(História Verdadeira,* I, 26), a lança especular que o primeiro livro do *Satyricon* de Capella atribui a Júpiter, o

espelho universal de Merlin, "redondo e oco e semelhante a um mundo de vidro" *(The Faerie Queene,* 111, 2, 19) — e acrescenta estas curiosas palavras: "Mas os anteriores (além do defeito de não existirem) são meros instrumentos de ótica. Os fiéis que acorrem à mesquita de Amr, no Cairo, sabem muito bem que o universo está no interior de uma das colunas de pedra que rodeiam o pátio central... Ninguém, é claro, pode vê-lo, mas os que aproximam o ouvido da superfície declaram perceber, em pouco tempo, seu atarefado rumor... A mesquita data do século VII; as colunas procedem de outros templos de religiões anteislâmicas, pois como escreveu Abenjaldun: " *Nas repúblicas fundadas por nômades, é indispensável o concurso de forasteiros para tudo o que seja alvenaria*".

Existe esse Aleph no íntimo de uma pedra? Vi-o quando vi todas as coisas e o esqueci? Nossa mente é porosa para o esquecimento; eu mesmo estou falseando e perdendo, sob a trágica erosão dos anos, os traços de Beatriz.

Para Estela Canto.

EPÍLOGO

Com exceção de *"Emma Zunz"* (cujo argumento esplêndido, tão superior a sua tímida execução, foi-me dado por Cecília Ingenieros) e da "*História do guerreiro e da cativa*", que se propõe interpretar dois fatos fidedignos, os contos deste livro correspondem ao gênero fantástico. De todos eles, o primeiro é o mais trabalhado; seu tema é o efeito que a imortalidade causaria nos homens. A esse esboço de uma ética para imortais, segue "*O morto*": Azevedo Bandeira, nesse relato, é um homem de Rivera ou de Cerro Largo e é também uma tosca divindade, uma versão mulata e selvagem do incomparável Sunday, de Chesterton. (O capítulo XXIX do *Decline and Fall of the Roman Empire* narra um destino semelhante ao de Otálora, mas bastante mais grandioso e mais inacreditável.) De *"Os teólogos"* basta escrever que são um sonho, um sonho bem mais melancólico, sobre a identidade pessoal; da *"Biografia de Tadeo Isidoro Cruz",* que é uma glosa de Martín Fierro. A uma tela de Watts, pintada em 1896, devo "A *casa de Astérion"* e o caráter do pobre protagonista. "*A outra morte*" é uma fantasia sobre o tempo, que urdi à luz de certas propostas de Pier Damiani. Na última guerra, ninguém pôde desejar mais que eu a derrota da Alemanha; ninguém pôde sentir mais que eu a tragédia do destino alemão; *"Deutsches Requiem"* quer entender esse destino, que não souberam chorar, nem sequer suspeitar, nossos "germanófilos",

que nada sabem da Alemanha. "A *escrita do Deus"* tem sido generosamente julgada; o jaguar obrigou-me a pôr na boca de um "mago da pirâmide de Qaholom" argumentos de cabalista ou de teólogo. Em "O *Zahir"* e "O *Aleph"* creio notar alguma influência do conto *"The crystal egg"* (1899), de Wells.

J. L. B.

Buenos Aires, 3 de maio de 1949.

Pós-escrito de 1952. Incorporei quatro contos a esta reedição. *"Abenjacan, o Bokari, morto em seu labirinto*" não é (asseguram-me) memorável, apesar de seu título terrível. Podemos considerá-lo uma variante de "*Os dois reis e os dois labirintos*", que os copistas intercalaram em *As Mil e Uma Noites* e que o prudente Galland omitiu. De "*A espera*" direi que foi sugerida por uma crônica policial que Alfredo Doblas me leu, há dez anos, enquanto classificávamos livros segundo o manual do Instituto Bibliográfico de Bruxelas, código do qual me esqueci por inteiro, salvo que a Deus corresponde o número 231. O personagem central da crônica era turco; tornei-o italiano para intuí-lo com mais facilidade. A momentânea e repetida visão de um fundo cortiço que existe ao redor da rua Paraná, em Buenos Aires, propiciou-me a história que se intitula *"O homem no umbral";* situei-a na Índia para que sua inverosimilhança fosse tolerável.

J. L. B.

א

Notas:

1. Há uma rasura no manuscrito; talvez o nome do porto tenha sido apagado.

2. Ernesto Sábato sugere que o "Giambattista" que discutiu a formação da *Ilíada* com o antiquário Cartaphilus seja Giambattista Vico; esse italiano sustentava que Homero é um personagem simbólico, à maneira de Platão ou de Aquiles.

3. *Compadrito* é um termo que designa na Argentina e Uruguai, e na área rioplatense, à um tipo social popular suburbano, que apareceu na segunda metade do século XIX. José Gobello explica que "compadrito se chamava ao jovem de condição social modesta que habitava nas margens da cidade... algo assim como um gaúcho que tinha desencilhado". *El compadrito* também está associado ao tango, pois foi um dos protagonistas da criação do gênero, junto com as comunidades afro-rioplatenses. (N.E.Epub)

No castelhano coloquial, e determinada por preconceitos sociais, o termo passou para a linguagem cotidiana para se referir ao homem provocador, arrogante e briguento. (N.E.E)

4. Nas cruzes rúnicas os dois emblemas inimigos convivem entrelaçados.

5 Também Gibbon *(Decline and Fall,* XLV) transcreve estes versos. [Ele tinha um rosto cuja visão provocava o terror, mas tinha um espírito benigno; uma longa barba cobria seu peito robusto. (N. T.)]

6. O original diz catorze, mas sobram motivos para inferir que, na boca de Astérion, adjetivo numeral vale por infinitos.

7. É significativa a omissão do antepassado mais ilustre do narrador, o teólogo e hebraísta Johannes Forkel (1799-1846), que aplicou a dialética de Hegel à cristologia e cuja versão literal de alguns dos Livros Apócrifos mereceu a censura de Hengstenberg e a aprovação de Thilo e Geseminus. (N. do E.)

8. Outras nações vivem com inocência, em si e para si, como os minerais ou os meteoros; a Alemanha é o espelho universal que a todas recebe, a consciência do mundo *(das Weltbewusstsein).* Goethe é o protótipo dessa compreensão ecumênica. Não o censuro, mas não vejo nele o homem fáustico da tese de Spengler.

9. Murmura-se que as conseqüências dessa ferida foram muito graves. (N. do E.)

10. Foi inevitável omitir aqui algumas linhas. (N. do E.)

11. Nem nos arquivos nem na obra de Soergel figura o nome de Jerusalém. Tampouco o registram as histórias da literatura alemã. Não creio, entretanto, que se trate de personagem falso. Por ordem de Otto Dietrich zur Linde foram torturados em Tarnowitz muitos intelectuais judeus, entre eles a pianista Emma Rosenzweig. "David Jerusalém" é talvez símbolo de vários indivíduos. Dizem-nos que morreu em 1º de março de 1943; em 1 º de março de 1939, o narrador foi ferido em Tilsit. (N. do E.)

12. Assim escreve Taylor essa palavra.

13. Barlach observa que Yauq figura no *Corão* (71, 23) e que o profeta é AI-Moqanna (O Velado) e que ninguém, com exceção

do surpreendente correspondente de Philip Meadows Taylor, vinculou-os ao Zahir.

14. Esta é a história que o reitor comentou do púlpito. Ver em *Abenjacan, o Bokari, morto no seu labirinto*.

15. Lembro-me, no entanto, destas linhas de uma sátira em que fustigou com rigor os maus poetas:

> *Aqueste da al poema belicosa armadura*
>
> *De erudicción; estotro le da pompas y galas.*
>
> *Ambos baten en vano las ridículas alas...*
>
> *¡Olvidaron, cuidados, el factor HORMOSURA!*
>
> [*Este dá ao poema belicosa armadura / De erudição; este outro lhe dá pompas e galas. / Ambos batem em vão as ridículas asas... / Esqueceram, coitados, o fator FORMOSURA!* (N. da T.)]

Só o temor de se criar um exército de inimigos implacáveis e poderosos o dissuadiu (disse-me) de publicar sem medo o poema.

16. "Recebi tua aflita congratulação", escreveu-me. "Bufas, meu lamentável amigo, de inveja, mas confessarás – mesmo que isso te sufoque! – que desta vez pude coroar meu barrete com a mais vermelha das plumas, meu turbante com o mais califa dos rubis."

17. Ele desdenhava seus queridos pais, enquanto nos amava, considerando que Ravena era sua pátria. (N. da T.)

Jorge Francisco Isidoro Luis Borges Acevedo (Buenos Aires, 24 de agosto de 1899 — Genebra, 14 de junho de 1986) foi um escritor, poeta, tradutor, crítico literário e ensaísta argentino.

Em 1914 sua família se mudou para Suíça, onde ele estudou e viajou para a Espanha. Em seu retorno à Argentina em 1921, Borges começou a publicar seus poemas e ensaios em revistas literárias surrealistas. Também trabalhou como bibliotecário e professor universitário público. Em 1955 foi nomeado diretor da Biblioteca Nacional da República Argentina e professor de literatura na Universidade de Buenos Aires. Em 1961, destacou-se no cenário internacional quando recebeu o primeiro prêmio internacional de editores, o *Prêmio Formentor*.

Seu trabalho foi traduzido e publicado extensamente no Estados Unidos e Europa. Borges era fluente em várias línguas.

Sua obra abrange o "caos que governa o mundo e o caráter de irrealidade em toda a literatura". Seus livros mais famosos, *Ficciones* (1944) e *O Aleph* (1949), são coletâneas de histórias curtas interligadas por temas comuns: sonhos, labirintos, bibliotecas, escritores fictícios e livros fictícios, religião, Deus. Seus trabalhos têm contribuído significativamente para o gênero da literatura fantástica. Estudiosos notaram que a progressiva cegueira de Borges ajudou-o a criar novos símbolos literários através da imaginação, já que "os poetas, como os cegos, podem ver no escuro". Os poemas de seu último período dialogam com vultos culturais como Spinoza, Luís de Camões e Virgílio.

Sua fama internacional foi consolidada na década de 1960, ajudado pelo "boom latino-americano" e o sucesso de Cem Anos de Solidão de Gabriel García Márquez. Para homenagear Borges, em O Nome da Rosa um romance de Umberto Eco, há o personagem *Jorge de Burgos*, que além da semelhança no nome é cego assim como Borges, foi ficando ao longo da vida. Além da personagem, a biblioteca que serve como plano de fundo do livro é inspirada no conto de Borges A Biblioteca de Babel (Uma biblioteca universal e infinita que abrange todos os livros do mundo).

O escritor e ensaísta John Maxwell Coetzee disse sobre ele: "Ele, mais do que ninguém, renovou a linguagem de ficção e, assim, abriu o caminho para uma geração notável de romancistas hispano-americanos".

Vida

Jorge Luis Borges nasceu em uma família de classe média com boa educação. A mãe de Borges, Leonor Acevedo Suárez, veio de uma tradicional família uruguaia. Seu livro de 1929 *Cuaderno San Martín* incluiu um poema, "Isidoro Acevedo", em homenagem a seu avô materno, Isidoro de Acevedo Laprida, um soldado do exército de Buenos Aires que era contra o ditador Juan Manuel de Rosas. Um descendente do advogado e político argentino Francisco Narciso de Laprida, Acevedo lutou nas batalhas de Cepeda em 1859, Pavón em 1861 e Los Corrales em 1880. Isidoro de Acevedo Laprida morreu de congestão pulmonar na casa onde seu neto Jorge Luis Borges nasceu.

Segundo um estudo de Antonio Andrade, Jorge Luis Borges tem ascendência portuguesa: o bisavô de Borges, Francisco, teria nascido em Portugal em 1770 e vivido na localidade de Torre de Moncorvo, situada no Norte de Portugal, antes de emigrar para a Argentina, onde teria casado com Cármen Lafinur.

Aos sete anos de idade, Borges já teria revelado ao pai que seria escritor. Aos nove, escreve seu primeiro conto, "La visera fatal", inspirado em um episódio de *Dom Quixote*. Em 1914, muda-se, com os pais, para a Europa, morando inicialmente em Genebra, na Suíça, onde conclui seus estudos, e depois na Espanha. Em 1921, retorna a Buenos Aires, onde participa ativamente da efervescente vida cultural da cidade. Em 1923, publica seu primeiro livro de poemas, "Fervor de Buenos Aires". Iniciava-se, assim, uma das mais brilhantes carreiras literárias do século XX. Borges morreu em Genebra por um câncer de fígado e um enfisema, onde está sepultado, por opção pessoal.

Borges foi um ávido leitor de enciclopédias. Em uma memorável palestra sobre O Livro em 1978, Borges comenta a felicidade em ganhar a enciclopédia alemã *Enzyklopadie Brockhaus*, edição de 1966. Lamenta não poder ver as letras góticas nem os mapas e ilustrações, entretanto sente uma relação amistosa com os livros. Sua preferida era a IX edição da Britânica, como disse em uma das inúmeras entrevistas que deu.

Obra

Sua obra se destaca por abordar temáticas como filosofia (e seus desdobramentos matemáticos), metafísica, mitologia e teologia, em narrativas fantásticas onde figuram os "delírios do racional" (Bioy Casares), expressos em labirintos lógicos e jogos de espelhos. Ao mesmo tempo, Borges também abordou a cultura dos Pampas argentinos, em contos como "O morto", "Homem da esquina rosada" e "O sul". Lida com campanhas militares históricas, como a guerra argentina contra os índios durante a presidência, entre outros, do escritor Domingo Faustino Sarmiento; trata-as, porém, como pano de fundo para criações fictícias, como em História do Guerreiro e da Cativa. E rende homenagem à literatura pregressa de seu país em contos em que se apropria do mitológico "Martín Fierro: Biografia de Tadeo Isidoro Cruz (1829-1874)" e "O fim".

Entre seus contos mais conhecidos e comentados podemos citar "A Biblioteca de Babel", "O Jardim de Veredas que se Bifurcam", "Pierre Menard, autor do Quixote" (para muitos a pedra angular de sua literatura) e "Funes, o Memorioso", todos

do livro *Ficções* (1944) - além de "O Zahir", "A escrita do Deus" e "O Aleph" (que dá seu nome ao livro de que consta, publicado em 1949). A partir da década de 50, afetado pela progressiva cegueira, Borges passou a se dedicar a poesia, produzindo obras notáveis como "A cifra" (1981), "Atlas" (um esboço de geografia fantástica, 1984) e "Os conjurados" (1985), sua última obra. Também produziu prosa ("Outras inquisições", ensaios, 1952; "O livro de areia", contos, 1975), notando-se o claro influxo da cegueira.

O conto "Tlön, Uqbar, Orbis Tertius" trata justamente de uma enciclopédia forjada por uma sociedade secreta ao longo de gerações, que visa inventar (como lembra o próprio Borges, "inventar" e "descobrir" são sinônimos em latim) todo um planeta imaginário, com seus idiomas, sua física, sua política, suas ciências, suas culturas. No fim do conto, sendo "acidentalmente" descoberta essa enciclopédia, Tlön (o planeta imaginário) passa a dominar, paulatinamente, todos os interesses terrenos...

Bibliografia

Poesia

- *Fervor de Buenos Aires* (1923)
- *Luna de enfrente* (1925)
- *Cuaderno San Martín* (1929)
- *Poemas* (1923-1943)
- *El hacedor* (1960)
- *Para las seis cuerdas* (1967)
- *El otro, el mismo* (1969)

- *Elogio de la sombra* (1969)
- *El oro de los tigres* (1972)
- *La rosa profunda* (1975)
- *Obra poética* (1923-1976)
- *La moneda de hierro* (1976)
- *Historia de la noche* (1976)
- *La cifra* (1981)
- *Los conjurados* (1985)

Contos

- *El jardín de senderos que se bifurcan* (1941)
- *Ficciones* (1944)
- *El Aleph* (1949)
- *La muerte y la brújula* (1951)
- *El informe Brodie* (1970)
- *El libro de arena* (1975)
- *La memoria de Shakespeare* (1983)

Ensaios

- *Inquisiciones* (1925)
- *El tamaño de mi esperanza* (1926)
- *El idioma de los argentinos* (1928)
- *Evaristo Carriego* (1930)
- *Discusión* (1932)
- *Historia de la eternidad* (1936)
- *Aspectos de la poesía gauchesca* (1950)
- *Otras inquisiciones* (1952)
- *El congreso* (1971)
- *Libro de sueños* (1976)

Não-classificados

- *Historia universal de la infamia* (1935)
- *El libro de los seres imaginarios* (1968)
- *Atlas* (1985)

Em colaboração com Adolfo Bioy Casares

- *Seis problemas para don Isidro Parodi* (1942)
- *Un modelo para la muerte* (1946)
- *Dos fantasías memorables* (1946)
- *Los orilleros* (1955). Roteiro cinematográfico
- *El paraíso de los creyentes* (1955). Roteiro cinematográfico
- *Nuevos cuentos de Bustos Domecq* (1977)

Digitalização: Digital Source

Revisão e criação do ePub:

RuriaK

Jerusalém, novembro de 2013.

Exclusivo para compartilhamento gratuito na rede.

Se gostou da leitura, compre o livro original.